

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA - ESPECIALIZAÇÃO:
DINÂMICAS REGIONAIS: NATUREZA, SOCIEDADE E ENSINO**

ARISTIDES LEO PARDO

**OS ESPAÇOS URBANOS UTILIZADOS PARA O USO FUTEBOLÍSTICO EM
PORTO UNIÃO DA VITÓRIA E ARREDORES**

**UNIÃO DA VITÓRIA
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA - ESPECIALIZAÇÃO:
DINÂMICAS REGIONAIS: NATUREZA, SOCIEDADE E ENSINO**

ARISTIDES LEO PARDO

**OS ESPAÇOS URBANOS UTILIZADOS PARA O USO FUTEBOLÍSTICO NO
PORTO UNIÃO DA VITÓRIA E ARREDORES**

Trabalho de Conclusão da 2^a Turma
de Pós-Graduação em Dinâmicas
Regionais: Natureza, Sociedade e
Ensino, pré-requisito para obtenção
da titulação de Especialista.

Professor Orientador: Dr. Wagner
da Silva.

**UNIÃO DA VITÓRIA
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e
Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP
e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Leo Pardo, Aristides
Os Espaços Urbanos Utilizados para o uso
futebolístico em Porto União da Vitória e Arredores /
Aristides Leo Pardo. -- União da Vitória-PR, 2024.
106 f.: il.

Orientador: Wagner Da Silva.
Especialização em Dinâmicas Regionais: natureza,
sociedade e ensino - Universidade Estadual do
Paraná, 2024.

1. Futebol. 2. Espaços Urbanos. 3. Porto União da
Vitória. 4. Geografia. 5. História Local. I - Da
Silva, Wagner (orient). II - Título.

ARISTIDES LEO PARDO

OS ESPAÇOS URBANOS UTILIZADOS PARA O USO FUTEBOLÍSTICO NO PORTO UNIÃO DA VITÓRIA E ARREDORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Dinâmicas Regionais: natureza, sociedade e ensino apresentado à Universidade Estadual do Paraná - Campus de União da Vitória.

Data da aprovação: 13/09/2024

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente

 WAGNER DA SILVA
Data: 19/09/2024 14:02:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Wagner da Silva (Presidente)
UNESPAR

Documento assinado digitalmente

 SILAS RAFAEL DA FONSECA
Data: 19/09/2024 16:14:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Silas Rafael da Fonseca (avaliador 1)
IFPR

Documento assinado digitalmente

 CAIO RICARDO BONA MOREIRA
Data: 19/09/2024 18:09:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Caio Ricardo Bona Moreira (avaliador 2)
UNESPAR

OS ESPAÇOS URBANOS UTILIZADOS PARA O USO FUTEBOLÍSTICO EM PORTO UNIÃO DA VITÓRIA E ARREDORES

Orientador: Wagner da Silva¹

Orientando: Aristides Leo Pardo²

RESUMO: Este trabalho foi desenvolvido para apontar os espaços urbanos do Porto União da Vitória que foram utilizados em diversas épocas para a prática do futebol amador, outrora muito desenvolvido e disputado nas cidades e verificar como estão essas áreas na atualidade, mostrando assim, que é possível narrar concomitantemente uma História Local alinhada com a Geografia, narrando uma breve história do futebol e a formação da cidade, sem esquecer dos clubes que fizeram possível a construção do que aqui será contado. Já que o futebol por muito tempo foi visto como uma temática de menor importância acadêmica, coisa que já ficou para trás, pois o mesmo é estudado em diversas áreas do conhecimento e para tal empreitada foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o esporte e sobre as cidades, além de visitas de campo e conversas com quem viveu o auge do futebol amador do Porto União da Vitória.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços Urbanos. Porto União da Vitória. Futebol. História Local. Geografia

"REGRAS DO FUTEBOL DE RUA DE ANTIGAMENTE: 1) Os dois melhores não podem estar no mesmo lado, logo, eles tiram par ou ímpar e escolhem os times. 2) Ser escolhido por último era uma grande humilhação. 3) Um time jogava com camisas e outro sem. 4) O pior de cada time era o goleiro, a não ser que tivesse alguém que gostasse de agarrar. 5) Se ninguém aceitava ir para o gol, fazia-se um rodízio: cada um agarrava até sofrer um gol. 6) Quando tinha um pênalti, saía o goleiro ruim e entrava um bom só para tentar pegar a cobrança. (7) Os piores de cada lado ficavam na zaga. 8) O dono da bola jogava sempre no mesmo time do melhor jogador. 9) Não tinha juiz. 10) As faltas eram marcadas no grito: se você fosse atingido, gritava como se tivesse quebrado uma perna e conseguir a falta. 11) Se você estava no lance e a bola saia pela lateral, gritava 'é nossa' e pegava a bola o mais rápido possível para fazer a cobrança (essa regra também se aplicava ao escanteio). 12) Lesões, como arrancar a tampa do dedão do pé, ralar o joelho, sangrar o nariz, entre outras, eram normais, para isso existia o Merthiolate (que ardia igual inferno e separava o corpo da alma). 13) Quem chutava a bola para longe tinha que ir buscar. 14) Lances polêmicos eram resolvidos no grito ou, se fosse o caso, na pancada. 15) A partida acabava nesses casos: quando todos estavam cansados, quando anoitecia, quando a mãe do dono da bola mandava ele ir para casa, quando a vizinha prendia a bola que caia na casa dela ou quando a 'redonda' furava. 16) Mesmo que estivesse 15 x 0, o jogo terminava com o famoso 'quem fizer, ganha'. 17) Rua de baixo contra rua de cima, valendo uma 'Big Coke'. 18) Mesmo com chuva forte, o futebol estava garantido. 19) O famoso grito 'parôôu', quando vinha carro ou uma mulher grávida ou com criança passando perto da pelada. 20) Não existia essa de Adidas ou Nike, era Kichute amarrado na canela ou pés descalços, goleiro não usava luvas, no máximo chinelo havaianas nas mãos. Lembrou tua infância? Então fostes uma criança feliz. Bons tempos que não voltam mais. (Autor Desconhecido).

¹ geo.wagner92@yahoo.com.br

² tidejor@gmail.com

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Reportagem sobre o primeiro jogo de futebol ocorrido no Paraná.....	21
Figura 2. Colégio São José, a gênese do futebol no Porto União da Vitória.....	29
Figura 3. Taça Jules Rimet em União da Vitória	30
Figura 4. Prédio do Colégio Adventista, local onde foi o campo do Antáctica.....	36
Figura 5. O Balneário em seu auge, nas décadas de 1950 e 1960.....	38
Figura 6. Sede do Avahí, o único clube ainda em atividade.....	43
Figura 7. O Colégio São José e seu histórico campo.....	44
Figura 8. O mato tomando conta do antigo estádio.....	46
Figura 9. O novo Estádio Edison Carlos Schramm	46
Figura 10. Álbum de figurinhas do Atlético Sãomateuense.....	47
Figura 11. Entrada principal da sede do União Olímpico.....	48
Figura 12. Cartão Postal do Fioravante Slavieiro.....	50
Figura 13. Time Campeão da Taça Paraná.....	54
Figura 14. Programa da ordenação de D. Walter.....	55
Figura 15. Cartão Postal do Enéas de Queiroz	56
Figura 16. Antigo Campo do Ferroviarinho, onde hoje se encontra o SESI.....	57
Figura 17. O Mário Guedes sempre com bom público em dia de jogos.....	61
Figura 18. O antigo estádio ainda traz saudades nos mais velhos.....	65
Figura 19. Matéria do "Fantástico", o Salão de Molas faz sucesso na região.....	67
Figura 20. Entrada principal da sede do Porto Vitória Esporte Clube.....	68
Figura 21. O "Alçapão, Campo do Porto Vitória.....	68
Figura 22. O Estádio Bernardo Stamm, sempre cheio nas tardes de domingo...	71
Figura 23. Lastimável estado do que sobrou do outrora pujante estádio	72
Figura 24. O Estádio da Baixada ainda cercado por estacas de madeiras	77
Figura 25. A colocação do alambrado no estádio Antiocho Pereira, em 1963.....	78
Figura 26. Capa e folha de rosto do carnê que prometia um novo estádio.....	79
Figura 27. Projeto de como seria o novo estádio com a promoção dos carnês...80	
Figura 28. O Estádio Antiocho Pereira na atualidade	82
Figura 29. O Antioco Pereira coberto pelas águas do Rio Iguaçu.....	82
Figura 30. O campo do 5º Batalhão de Engenharia e Combate.....	84
Figura 31. Entrada dos vestiários do novo Estádio Armando Sarti.....	86
Figura 32. Arquibancadas do Estádio Armando Sarti, antigo Módulo Esportivo.	86

Figura 33. Porto União da Vitória entre 1860 e 1876.....	90
Figura 34. Desenho do Porto União da Vitória em 1885.....	91

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Olodumàré ou Zambi, o grande criador de todas as coisas, aos Orixás e meus guias, que sempre me protegeram e me direcionaram, mesmo quando eu ainda não sabia, colocando pessoas boas aos meu lado e afastando aquelas que não deviam permanecer ao meu redor.

Meu muito obrigado a Jucilei de Lima (Cila), uma grande irmã que a vida me presenteou, e sua filha Érica de Lima, formanda em Agronomia, pessoas fundamentais nessa minha caminhada de 14 anos em União da Vitória, com quem vivi muitos momentos bons (e ruins também), sem nunca soltar minhas mãos e segurarem muitas barras pesadas que passei ao longo dessa jornada e que seguirão comigo por toda a minha existência terrena.

Agradeço também as amigas queridas Josmery de Paula (Bel D'Paula) e Luana Zoghobi, que por muitas e muitas vezes souberam me ouvir, aconselhar, darmos boas gargalhadas e me ajudar a encontrar e a entender minha espiritualidade.

Não podia deixar de citar toda a comunidade do Campus de União da Vitória da UNESPAR, que me proporcionaram a oportunidade de concluir mais uma pós-graduação, gratuita, pública e inclusiva, pois se não fosse esse coletivo, seria uma imensa dificuldade ou até mesmo uma impossibilidade, eu, como Pessoa com Deficiência (PCD), então aqui vai meu muito obrigado ao Bruno, estagiário do Campus e estudante de direito, ao Claudemir Odani da Silveira, motorista da instituição e companheiro de longa data, ao Professor Dr. Caio Moreira Bona, do Colegiado de Letras, que aceitou participar da banca examinadora e irmão de fé, ao pessoal da limpeza, à direção da instituição, meus colegas de turma Daniele, Leandro, Jéssica Caroline, Roger, Liliane, Bruno, Thalita, Celi, Gabriel, Gabriela, Thaís e principalmente ao Colegiado de Geografia, que não mediu esforços para que eu estivesse presente em todas as atividades, me buscando e levando em casa, reorganizando as aulas de campo para que eu aproveitasse ao máximo as atividades, incluindo ai, a inesquecível visita para a Ilha do Mel, litoral paranaense, em que tive oportunidade de entrar mais uma vez no mar, coisa que eu achava que não iria mais acontecer, logo eu, um autêntico “Menino do Rio”, nascido no solo sagrado das Laranjeiras, terra do

Fluminense Football Club, sempre presente em minha vida, criado e banhado nas águas de Ipanema e Leblon, desde a tenra idade.

Como não poderia deixar de ser, nomeio todos os professores presentes nesta jornada de dois anos, uns com atuações mais efetivas, outros com encontros pontuais, porém todos com sua importância gigante nesse ciclo que se encerra com este trabalho, iniciando pelo agora Dr. Wagner da Silva, meu orientador que topou de cara, aceitar esse trabalho, pois como já dizia o famoso escritor, José Lins do Rêgo (1901-1957) “O conhecimento do Brasil passa pelo Futebol”, frase imortalizada no Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu, na capital paulista. E aos demais listados por ordem alfabética: Alcimara Aparecida Föetsch, Anderson Rodrigo Estevam da Silva, Daniel Borini Alves, Diane Daniela Gemelli, Helena Edilamar Ribeiro Buch, Mariane Félix da Rocha, Michael Wellington Sene, Reginaldo de Lima Correia, Silas Rafael da Fonseca e Victória Sabbado Menezes.

GRATIDÃO A TODOS VOCÊS E MUITO AXÉ EM NOSSAS VIDAS!

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Uma breve história do futebol e sua chegada ao Porto União da Vitória.....	15
2. As Ligas Regionais.....	32
2.1 Liga Esportiva Regional Iguaçu – LERI.....	32
2.2 Liga Desportiva Noroeste Catarinense – LDNC.....	34
2.3 Liga Esportiva Noroeste Catarinense – LENC.....	35
2.4 Liga Esportiva Municipal Iguaçu – LEMI/ Liga de Futebol de União da Vitória – LIFUVI.....	36
3. Os Clubes e suas praças esportivas – Os Templos do Futebol.....	37
3.1 Antárctica Futebol Clube – título movido a cevada.....	37
3.2 Associação Esportiva e Recreativa São Cristóvão.....	37
3.3 Atlético Futebol Clube/Clube Atlético Porto União – o time dos prefeitos.....	38
3.4 Avahí Futebol Clube – o tricolor ainda vive.....	39
3.5 Botafogo Futebol Clube – a gênese do “Pó de Arroz”	44
3.6 Clube Atlético Sãomateuense – o rubro negro da Terra do Mate.....	45
3.7 Clube Atlético União Olímpico – o gostinho da elite do futebol.....	48
3.8 Ferroviário Esporte Clube – nos trilhos da bola.....	52
3.9 Juventus Esporte Clube – campeão do centenário.....	59
3.10 Palestra Itália Esporte Clube.....	66
3.11 Porto Vitória Esporte Clube – o alçapão como 12º “jogador”	67
3.12 São Bento Futebol Clube – dissidência relâmpago.....	70
3.13 São Bernardo Futebol Clube – o jacaré da lagoa preta.....	71
3.14 Tamandaré – o clube do almirante.....	73
3.15 Tupi Futebol Clube / Botafogo Futebol Clube – Santa Rosa joga bola.....	74
3.16 União Esporte Clube – o pioneiro “vovô”	75
3.17 Vila Nova / Vilagran – o quartel entra em campo.....	84
3.18 Outros clubes e campos.....	85
4. A Geografia Urbana, a configuração espacial em Porto União da Vitória e o futebol.....	88
Considerações Finais.....	99
Referências.....	100

INTRODUÇÃO

Tendo sido por muito tempo considerado uma temática de menor importância no meio acadêmico, o futebol passou a ser nas últimas duas ou três décadas, objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento, como o Direito, História, Geografia, Educação Física, Sociologia, Antropologia, Medicina, Jornalismo, Marketing, Economia, entre outras disciplinas, tornando-se desta maneira multidisciplinar. E exatamente por este motivo, pode ser explorado por diversos vieses, como o será nestas páginas que se seguem, que ao mesmo tempo em que mostrará a história do futebol em Porto União da Vitória³ e dos clubes das cidades vizinhas que participaram das ligas regionais, sobretudo, a principal delas, a LERI (Liga Esportiva Regional do Iguaçu).

A presente pesquisa não contemplará de forma detalhada, os clubes profissionais, fundados a partir do declínio do futebol amador, como a Associação Atlética Iguaçu (1971), Futebol Clube do Porto (1999) e a parceria Iguaçu/Agex (2010), uma fracassada experiência com duração de dois anos.

O Objetivo foi buscar responder a ordenação espacial, a utilização e a conservação dos espaços que serviram para a prática futebolística na delimitação supracitada e a configuração social organizada pelo esporte local, catalogando os clubes participantes das Ligas citadas e mapear os campos/estádios de futebol utilizados pelos mesmos e seus usos na atualidade, compreendendo o futebol na sociedade de Porto União da Vitória e nas cidades em que houveram clubes filiados às Ligas Regionais aqui trabalhadas.

A presente pesquisa se justifica por três principais razões, a primeira e mais óbvia é o interesse pessoal e acadêmico pelo tema, com pesquisas concluídas e apresentadas em eventos e revistas especializadas, e outras em andamento ou em perspectivas de serem iniciadas, a segunda é a relevância que o futebol tem na vida das pessoas, mesmo aqueles que não gostam ou não acompanham o esporte, raramente se omitem em responder ao ser questionado “Qual seu time?”, além do fato que nas principais cidades do país, jogo da

³ Nome da cidade até o acordo de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina, em 1916, que findou a “Guerra do Contestado” e dividiu a cidade em duas, com União da Vitória ficando para o Paraná e o quinhão cabido aos catarinenses batizado de Porto União. Por isso, não raro é encontrado a menção Porto União da Vitória, ou “Gêmeas do Iguaçu” para se referir às duas cidades. (Fonte: Pardo, 2021).

Seleção Brasileira em Copas do Mundo, viram verdadeiros “feriados”, parando comércio, aulas e a vida cotidiana, pelo menos por cerca de duas horas.

E a terceira motivação para escrever essas linhas é o fato do futebol na área de abrangência das Ligas Regionais que tiveram participação dos clubes do Porto União da Vitória ainda não ter sido estudado sob o viés dos espaços da prática futebolística (campo/estádios) e sua ordenação no espaço urbano das cidades, já que academicamente falando, pouco foi pesquisado sobre o futebol local, tendo algumas publicações sob o olhar memorialista.

Neste trabalho faremos uma revisão bibliográfica de literaturas especializadas sobre o futebol, Geografia Urbana e História Local, além de pesquisa em jornais e revistas que foquem o tema proposto, como a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e acervo do jornal “O Comércio”, disponível na sede do mesmo, além de observamos registros iconográficos registrados em livros, jornais, revistas, cartões postais e arquivos particulares, fazendo comparativos com as imagens atuais dos espaços destinados aos confrontos futebolísticos, não esquecendo que no espaço temporal que inicia estes escritos, a prática da fotografia ainda era muito cara, disponível para poucos, além de necessitar de equipamentos e processos (máquinas fotográficas, rolos de filmes, iluminação natural/artificial, revelação do negativo e o cuidado e interesse para se guardar determinada imagem ao longo dos anos).

Fato este, que explica a dificuldade de encontrar fotos de estádio vazios, tão comum nos dias atuais (e nos antigos cartões postais) já que a maioria das existentes são de times formados e serão, por brechas, deixadas em segundo plano dessas fotos que vamos analisar a evolução dos estádios e dos espaços que os circundam, quando for o caso. Lembrando das diversas enchentes do Rio Iguaçu, que atingem a região de tempos e tempos, que fez com que muitos documentos, livros, imagens e memórias foram levadas pelas águas.

Para nos dar suporte, utilizaremos diversos autores de diferentes campos de estudos relatados nas referências, espaço apropriado para tais apontamentos, mas como ponto de partida nos balizamos da seguinte maneira:

Para discorrer sobre o futebol em geral, suas origens e sua chegada ao Brasil, contaremos com o trio Duarte; Valentine; Borba (2001), nos dando um parâmetro geral sobre história, primeiros clubes, grandes estádios e jogadores do futebol brasileiro, seguindo por Freitas; Vieira (2006), Molinari (1998), Ramos

(1988), que discorrem sobre as origem do futebol, passando por Mills (2005) e sua biografia de Charles Miller, “oficializado” como o “pai do futebol brasileiro”, história contradita por Santos Neto (2022), que sustenta que o futebol teria chegado antes de Miller e já praticado em colégios religiosos, como aprimoramento do físico e de disciplina.

No campo do futebol e sociedade, nos apoiamos em Agostino (2002) e sua teoria de identidade nacional através do futebol, Mário Filho (2003) e o clássico “Negro no futebol brasileiro”, discorrendo sobre o racismo e os principais atletas desde os primeiros anos do esporte no Brasil, a maioria negros e mulatos, além de expandir o debate da presença do futebol em nossa sociedade, com Franco Júnior (2007) e sua “Dança dos Deuses”, Pereira (2000) com seu “Footballmania” discorrendo sobre o futebol no Rio de Janeiro nas quatro primeiras décadas do futebol carioca, assim como, Wisnik (2013) e seu “Veneno Remédio” e completando com Guterman (2009) e seu “O futebol explica o Brasil”.

No campo teórico geográfico e ordenação espacial urbana, trabalharemos com Veyne (1998), Mascarenhas (2014), que discorre sobre a expansão do futebol no Brasil com seu livro de sugestivo nome “Entradas e Bandeiras”, com Rolnik (1995), trabalharemos a formação das cidades e com Cleto da Silva (2006) veremos as primeiras ruas e configurações dos primórdios do Porto União da Vitória, que surgiu em 1890.

A chegada do futebol no Paraná poderá ser estudada a partir das obras de Carneiro Neto (1996) e a história dos dez clubes por trás da formação do atual Paraná Clube, Buchmann (2002) e Bach (2008), que discorrem sobre clubes ferroviários, assim como Delfino (2012) que foca seus estudos no Operário Ferroviário, o centenário “Fantasma” de Ponta Grossa, um dos mais tradicionais clubes do estado, além da “Bíblia” do futebol paranaense, que narra o primeiro centenário do esporte bretão nas terras dos pinheirais, escrito pela dupla Machado; Chrestenzen (2005).

Para narrar a história futebolística local/regional, contaremos com as obras de Melo Júnior (2001), professor de Educação Física e político local, que ajudou a fundar a Associação Atlética Iguaçu, em 1971 e foi testemunha ocular do amadorismo de nossas cidades, Pardo (2014), discorre sobre a história e os feitos do Ferroviário Esporte Clube e Wolff (2014) do Juventus Esporte Clube, sem contar as obras de Jair da Silva, o Craque Kiko, como o mesmo assina suas

obras, duas deles versando sobre o futebol amador das cidades (2019 e 2022) e uma sobre o clube profissional (2020).

Foi pesquisado também em sites e bancos de teses, além de jornais, sobretudo o acervo de “O Comércio” de União da Vitória para que o proposto trabalho tenha sustentação e possa ser bem desenvolvido.

O trabalho foi estruturado da seguinte maneira: além desta introdução, o primeiro capítulo trará uma breve história do futebol, desde a antiguidade, até chegar na sistematização atual feita pelos ingleses em meados do século XIX, a chegada no Brasil através de jovens que foram estudar na Europa e de funcionários estrangeiros que vieram para nosso país, junto com as empresas que aqui se instalaram, sobretudo na área da indústria têxtil, ferrovias, companhia de gás, bondes, energia elétricas, entre muitas outras.

A segunda parte é dedicada as ligas que administravam os bastidores do futebol e a organização dos campeonatos, seguido do capítulo falará diretamente dos clubes e de suas praças esportivas, incluindo sua situação na atualidade. O capítulo seguinte será dedicado a formação do Porto União da Vitória e sua ordenação espacial ao longo dos anos, assim como a disposição dos espaços futebolísticos nas cidades.

Fecharemos com as conclusões e os resultados obtidos nessa pesquisa, que pretende ser um primeiro passo para trabalhos futuros, com o avançar do desenvolvimento e crescimento do lugar, a ampliação deste trabalho, que por fim aponta as obras que o referenciam e outras leituras que serviram de apoio para a realização do mesmo.

Com estádios que foram devastados pelas constantes cheias do Rio Iguaçu, o mesmo em que singrou um vapor com um time inteiro para jogar contra o São Bernardo, usando a embarcação como vestiário e ... Cozinha, já que um cabrito foi assado aproveitando a mola propulsora do barco, que era justamente o vapor, produzido com a queima de lenha, “praga” de ex-moradora de estádio, padre de batina negra soprando apito como juiz das partidas, roubo de linguiças após jogo, viagens de trem, o principal meio de transporte da época e muitas outras histórias que o futebol amador local ainda tem para nos revelar.

Amarrem as chuteiras, vamos fazer aquecimento e entrar em campo nesta viagem ao passado futebolístico do Porto União da Vitória, suas ligas, seus clubes, seus palcos de disputas e seus usos no presente, que é o foco principal

desta pesquisa, sempre com o olhar no passado, refletindo a atualidade e por que não, projetando o futuro. Tudo pronto, times escalados, apito inicial dado e a bola começa a rolar...

1. UMA BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL E SUA CHEGADA AO PORTO UNIÃO DA VITÓRIA

“Tem gente que quer complicar, o futebol é simples: quem não sabe jogar vai para o gol. O dono da bola é o centroavante”.

(Nilton Santos, um dos maiores jogadores de todos os tempos)

O futebol moderno tem a sua origem oficial na Inglaterra, em meados do século XIX, onde foi sistematizado e organizado, tendo suas regras bem definidas e assim, tornando o futebol e o rúgbi esportes distintos, embora com a mesma origem, pois um grupo defendia o uso somente dos pés, enquanto outros queriam utilizar os membros inferiores e posteriores, mas Molinari (1998, p. 11) nos mostra que desde a China Antiga, o jogo com bola já era bem apreciado não somente pela população, como também pela corte imperial, mas sua primeira utilização foi como treinamento dos exércitos, usando como “bola”, a cabeça dos inimigos vencidos em batalhas, mas logo foi substituída por bexigas de boi com enchimentos. Não tardou para se difundir por todo território chinês, chegando também na Mongólia, Vietnã, Coréia e no Japão, onde recebeu adaptações e era chamado de *Kemari*, onde ainda é apresentado não como esporte, e sim como atração turística histórico-cultural destes países.

Assim como a difusão do jogo de bola pela Ásia, devido à expansão territorial chinesa e as trocas com os povos orientais, é bem provável que o esporte tenha viajado pela “Rota da Seda”, assim como foram as massas, a pólvora, os instrumentos de navegação, a tipografia, entre outros inventos que muitos pensam serem originários da Europa, assim, encontramos em Freitas; Vieira (2006, p. 15), variações e nomenclaturas diversas para o jogo de bola, nos territórios da Antiga Grécia, onde os povos helênicos disputavam seu *Sphayiromachia* ou dependendo da região, *epyskiros*, os romanos, que se apropriaram da cultura, das artes e dos deuses gregos, também jogavam seu *Harpastum*, que utilizava mais as mãos e se espalhou por todo império, sempre adaptados pelos disputantes.

Com o passar dos tempos, o *Soule* se desenvolveu na Gália (Atual França), o *osterball*, na Germânia (Alemanha), em Florença, depois por toda a Península Itálica, o *Gioco di Calcio* e nas Ilhas Britânicas (Inglaterra), sem nome definido. Também é encontrado registros de sua prática pela era medieval e posteriormente, tal prática chegou a ser proibida em diversos lugares, pois como

não havia regras, locais de disputas, número de participantes, acabavam por causar tumultos e violência, tendo gerado algumas mortes e caindo no esquecimento por muitas décadas.

Nas Américas, os jogos com bola, feitas de borracha (diversos vestígios dessa prática, como bolas e campos, são conhecidos e catalogados, pelos arqueólogos) e na maioria dos exemplos, praticado como ritual de culto aos deuses, se estendeu pelo território de influência Olmeca e povos deles descendentes, ganhando também suas variações, já que os Maias praticavam o *pok a tok*, os Astecas praticavam o *Ullamaliztli*, e as mais antigas escavações do continente, mostram bolas que datam cerca de 1600 a.C. e uma particularidade não encontrada nos exemplos asiáticos e europeus:

A bola simbolizava o sol, o poder e a fertilidade. E havia dois templos na linha de fundo de cada time. Os jogadores tinham que arremessar a bola em um furo circular no meio de seis placas quadradas de pedras. O capitão da equipe derrotada era sacrificado aos deuses. (FREITAS; VIEIRA, 2006, p. 11).

Já no começo do século XIX, tradicionais escolas inglesas começavam a adotar o antigo jogo, agora de forma pacífica em suas atividades físicas e paulatinamente cada escola criava suas regras, o que causava discussões quando uma instituição jogava contra a outra. Assim, Freitas; Vieira (2006, p. 17) dizem que: “Essencialmente, as escolas se dividiam em dois grandes grupos: aqueles em que os jogadores podiam usar as mãos e os pés, e aquelas em que só podiam usar os pés” e foi justamente dessas discussões que foi percebido a necessidade de unificação das regras e assim, com o mesmo embrião, surgiram dois esportes distintos, o futebol e o Rúgbi.

O que conhecemos hoje como futebol moderno ou segundo sua “pátria mãe”, *Football*, continua com o mesmo significado da antiguidade, ou seja, “chutar uma bola”, tendo como marco de surgimento, o dia 26 de outubro de 1863, em Londres, capital inglesa, com a criação da “The Football Association”, que passou a regular o esporte e a organizar competições, não demorou muito, o Reino Unido já tinham suas federações, campeonatos e confronto entre seus membros (Escócia e Inglaterra empataram sem gols, em 1872, no que é considerado a primeira partida amistosa entre seleções de futebol), fazendo assim, que o esporte atravessasse o Canal da Mancha e alastrasse para o continente europeu.

a Europa, depois para todo o mundo. Em 21 de maio de 1904, nasce em Paris, a Federação Internacional de Futebol, a hoje poderosa FIFA.

Esse esporte se faz presente em quase todos os cantos do mundo, desde o Polo Norte, passando por remotas ilhas “perdidas” em meio aos oceanos, até “países” não oficiais como a Palestina e Macau (território chinês fundado pelos portugueses no período das “Grandes Navegações”), fazendo com que a FIFA, tenha mais filiados do que a Organizações das Nações Unidas (ONU).

Fator explicado pela descolonização da Ásia e da África entre as décadas de 1960 e 1970 e do fim do socialismo implantado no Leste Europeu desde o final da Segunda Guerra Mundial e findado a partir de 1990, além de territórios não independentes, como possessões ultramarinas (Samoa Americana, Ilhas Virgens Britânicas, Guianas: Francesa, Inglesa e Holandesa, esta última conhecida como Suriname, entre muitos outros exemplos), Irlanda do Norte, do Sul (Eire) e Escócia, pertencentes ao Reino Unido, disputam sozinhas as competições futebolísticas, entre muitos outros exemplos.

E nesse sentido, Agostino (2002, p. 202) nos aponta que o futebol passou a ser um elemento decisivo na construção da identidade nacional, que não mais é delimitado na formação de um território, uma cultura e um governo, há também a “necessidade” da formação de suas “equipes nacionais” de futebol e dos principais esportes praticados por aquele povo, no caso dos colonizados pelos britânicos, a prática do rúgbi ainda é muito forte.

No Brasil, oficialmente é creditado ao filho de ingleses Charles Willian Miller, como o “pai do futebol”, como nos dizem Molinari (1988) e Duarte (2001, p. 8), porém ao mesmo tempo, estavam chegando em todas as partes do país, filhos de famílias ricas que voltavam dos estudos na Europa e funcionários de alto escalão de empresas que se instalavam no país, como: de energia elétrica, companhia de bondes, fábrica de tecidos e principalmente o trem, que movia pessoas, cargas e principalmente ideias.

Então há dúvidas se realmente Miller foi o pioneiro, lembrando que antes de sua chegada, já haviam registros de realizações de partidas, como a dos marinheiros ingleses que jogaram em frente ao Palacete da Princesa Isabel, que com seu marido o Conde D’eu, teria, sido testemunhas oculares da peleja, ou ainda de que o pioneirismo foram em colégios, que tinham diretores ou

professores estrangeiros que trouxeram a novidade para melhorar a disciplina e a condição física de seus alunos, como nos mostra Santos Neto (2002) em seu “Visão de Jogo”, mas como esse debate não é objeto deste trabalho, registraremos que após a chegada das primeiras bolas, livros com regras e uniformes, os clubes foram nascendo nos mais distantes pontos do país.

O primeiro clube esportivo fundado em solo brasileiro foi o São Paulo Athletic Club (SPAC), em 1888, para a prática de diversos esportes, como rúgbi, hóquei sobre grama, squash, cricket, badminton e tênis. O clube existe até os tempos atuais, com o nome de São Paulo Atlético Clube, que conta com uma vasta atividade social e uma boa equipe de rúgbi, esporte que começa a cair no gosto dos brasileiros, porém, seu adepto mais famoso foi o próprio Charles Miller, que introduziu o futebol no clube.

Porém, Mills (2005) afirma que em seu regresso ao país em 18 de fevereiro de 1894 para trabalhar na São Paulo Railway (depois, Estrada de Ferro Santos-Jundiaí), Miller, que havia trazido em sua bagagem, duas bolas usadas, uniformes para jogo, um livro com as regras do futebol, um par de chuteiras e uma bomba para encher as bolas e organizado no ano seguinte, na “Várzea do Carmo”, na capital paulista, o que seria a primeira partida oficial de futebol disputada em solo brasileiro, entre as equipes formadas por funcionários da Companhia de Gás (São Paulo Gaz Company) e os trabalhadores da ferrovia (São Paulo Railway Company), que venceu a partida por quatro a dois.

Depois disso, Charles Miller entrou para as fileiras do São Paulo AC e ajudou na formação da Liga Paulista (embrião da Federação Paulista de Futebol), a mais antiga do Brasil e foi campeão como jogador em quatro ocasiões (1902, 1903, 1904 e 1911, sendo artilheiro do campeonato na primeira disputa, com dez gols e em 1904, com nove). No ano de seu último título, já corriam as discussões sobre o profissionalismo no futebol e o SPAC decide se retirar da liga e ficar no amadorismo, sendo seguido por diversos clubes, dois deles ainda existentes, o Sport Club Pinheiros (fundado como Germânia em 1899) e o Club Athletico Paulistano (1900).

Atualmente, o clube mais antigo do Brasil é o Sport Clube Rio Grande, da cidade gaúcha do mesmo nome, fundado em 19 de julho de 1900, poucos dias antes da Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas, São Paulo, fundada em 11 de agosto, porém o time paulista credita para si a primazia de ser

o mais antigo, pois nunca interrompeu suas atividades futebolísticas, ao contrário dos gaúchos, que por algumas vezes interromperam suas atividades profissionais.

A chegada do futebol no Paraná teria sido feita, segundo Machado; Chrestenzen, (2005, p. 9) pelo médico, professor de Educação Física e Diretor de Instrução (sic) Pública do Estado, o Dr. Victor Ferreira do Amaral, que em maio de 1903, passando pela tradicional Rua do Ouvidor, no Centro da então Capital Federal, o Rio de Janeiro, viu em uma vitrine de loja, um objeto esférico, no qual ele desconhecia, e entrou no estabelecimento comercial para saber do que se tratava. Foi informado que era o principal instrumento para a realização do já mais popular esporte da Inglaterra, e devido a suas funções educacionais e seu ímpeto de buscar dinamização de suas aulas, comprou a bola e um manual com as regras do esporte, e assim, os alunos do Ginásio Paranaense, onde Dr. Victor trabalhava, foram os primeiros a chutarem uma bola na jovem capital do estado (O Paraná se emancipou de São Paulo, onde Curitiba era sua 5^a Comarca, somente em 1853).

A novidade agradou os alunos daquela instituição de ensino e foi se espalhando pela cidade, logo, o Padre “Manequinho” do internato do Colégio Paranaense, adquiriu uma bola da marca “Olympic” e disseminou a prática futebolística entre seus pupilos do educandário. E assim, novas escolas, ruas ou bairros, apoiado por famílias abastadas, cujo seus meninos eram “os donos da bola”, foram formando seus times e passaram a jogar futebol nos diversos terrenos baldios existentes na Curitiba do início do Século XX.

Em cerca de cinco anos, subsequentes ao esporte ser aplicado nos espaços escolares, diversos times informais foram surgindo em diversos pontos da cidade, conforme aponta Machado; Chrestenzen, (2005, p. 10) que na Praça Osório, um grupo de garotos se juntam para fazer seu time, e mandaram até confeccionar seus uniformes, nas cores vermelho e branco, batizando o grupo de Internacional, treinando em um terreno em frente ao Hospício (na hoje Rua Marechal Floriano), orientado por Buclin, já conhecedor das regras do novo jogo.

Outro grupo se reunia na Praça Carlos Gomes sob a batuta do futuro engenheiro Lineu Ferreira do Amaral, o “dono da bola” naquele pedaço. Nas proximidades da residência do Sr. Bernardo Augusto da Veiga, na Avenida 2 de julho (hoje João Gualberto), seus filhos, Gabriel e Agostinho, reuniam amigos

para jogarem sua bolinha em campos improvisados nas terras da própria família. Nas terras da tradicional família Leão, por volta do ano de 1907, foi montado um campo nos fundos da residência, onde os jovens daquele núcleo familiar, Agostinho Ermelino de Leão Jr., Agílio Leão e Ivo Leão, que seria o artilheiro do primeiro campeonato oficial realizado em 1915, entre outros companheiros, formaram seu grupo, denominado de América e nesse espaço havia uma curiosidade: O terreno ficava num declive, por isso um gol situava-se na parte alta, marcado por duas pedras, enquanto o outro gol ficava na parte baixa, perto de um banhado. (Hoje, Rua Agostinho Ermelino de Leão, que sai da lateral do Colégio Estadual em direção a Igreja do Perpetuo Socorro).

No ano de 1912, mais precisamente no dia 22 de maio, sob o comando de Joaquim Américo Guimarães (Nome que batiza a Arena da baixada, pertencente ao Clube Atlético Paranaense), os grupos que jogavam futebol na Carlos Gomes, nas famílias Leão e Veiga, se juntaram aos da Praça Osório e criaram o International Foot-Ball Club, cujas cores escolhidas foram o preto e o branco e ata de fundação é abaixo reproduzida:

A 22 de maio de 1912, presentes vinte sócios, na sede do Jockey Club Paranaense, ficaram resolvida a fundação de um "Club Sportivo" com a denominação de INTERNATIONAL FOOT-BALL CLUB. Procedida a eleição da primeira diretoria foi verificado o seguinte: Para Presidente - Joaquim Américo Guimaraes (Presidente); Para vice-presidente - Agostinho Ermelino de Leão Junior; Para 1º Secretário - Hugo Mader; Para 2º Secretário - Nestor Arouca; Para Thezoureiro (sic) - Ernest Sigel. A Diretoria foi dado poderes para escolher uma comissão para confeccionar estatutos que deverão ser aprovados em Assembleia geral. Foram considerados sócios fundadores todos os que compareceram à presente sessão. Foram aclamados, primeiro capitão, o Sr. Edgard Torres e segundo capitão, o Sr. Luiz de Paiva. Coritiba, 22 de maio de 1912. 1) Joaquim Américo Guimarães – Presidente, Nestor Arouca - 2º secretário. (MACHADO; CHRESTENZEN, 2005, p. 14-15).

Porém, antes do International ser fundado, outra história acontecia paralelamente. Em área de propriedade do Sr. Iwersen, da Cervejaria Brasileira, não muito longe da família Veiga, um grupo de descendentes de alemães, praticavam seu futebol, graças a Frederico "Fritz" Essenfelder, que trouxera da região gaúcha de Rio Grande/Pelotas, uma bola de futebol e conseguiu arregimentar um bom número de interessados em aderir ao novo esporte, quase todos pertencentes ao Clube Ginastico Teuto-Brasileiro, frequentado por alemães e seus descendentes, reunindo-os sob seu comando para ensinar e

treinar o grupo. Naquela região do Rio Grande do Sul, o futebol já era organizado e times oficiais já existiam, o SC Rio Grande (1900, um dos mais antigos do Brasil), São Paulo de Rio Grande (1908), Pelotas (1908), entre outros menos conhecidos. Este grupo liderado por Fritz, que conhecera o futebol em terras gaúchas e se apaixonara por ele, levando-o, para a capital paranaense, seriam os responsáveis pela criação do primeiro clube de futebol da cidade, o Coritiba Foot-Ball Club. E será essa raiz germânica que dará o apelido que carregará por toda sua existência, o “Coxa Branca”.

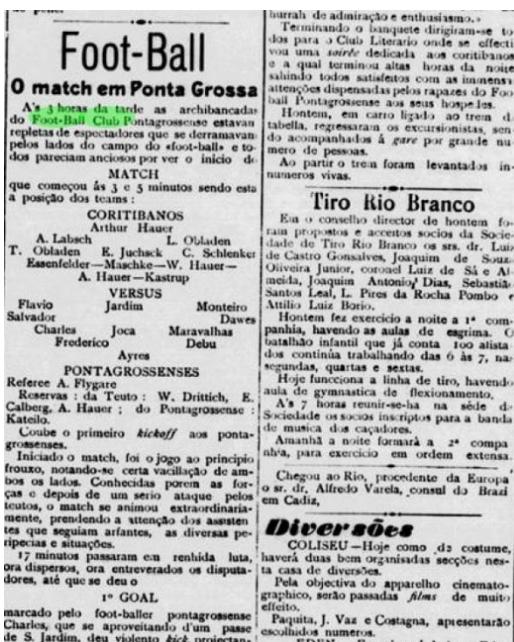
Mas, antes da capital, o futebol paranaense ganhou seu primeiro clube organizado, na cidade de Ponta Grossa, na região dos “Campos Gerias”, Machado; Chrestenzen, (2005, p. 11) informam que quando o jovem inglês, Charles Wright chegou ao Brasil em 1908, para trabalhar na American South Brazilian Engeneering, empresa encarregada de construir a Estrada de Ferro que ligava São Paulo ao Paraná, trazendo em suas bagagens, materiais para a prática futebolística, tais como uma bola de couro, chuteiras, tornozeleiras, joelheiras, caneleiras, meias, calções (que alcançavam a metade do joelho), pois praticava o futebol em sua terra natal e começou a reunir aos domingos, interessados em aprender e praticar o esporte, no campo do Alto do Cemitério Municipal, e a cada semana mais pessoas apareciam, inclusive reservistas do Tiro de Guerra Pontagrossense. Esse grupo era conhecido como “time dos ingleses”, não só por causa de Wright, mas também muitos de seus companheiros que vieram da terra mãe do futebol para trabalharem no Brasil.

Ribeiro Júnior (2004, p. 12) diz que sabendo da existência do grupo de futebol de Fritz, na capital, o time de Ponta Grossa convida os “alemães” para visitar a cidade e disputar uma partida de futebol, que seria o primeiro jogo oficial no Paraná e a primeira disputa intermunicipal do estado, confronto também reafirmado por (Buchmann, 2002, p. 71). Autorizado pela diretoria do Clube Ginástico teuto Brasileiro, Fritz Essenfelder organizou os melhores jogadores de seu grupo e partiram para a cidade de Ponta Grossa em vagão especial fretado para a delegação futebolística que partiu da estação da Rua Barão do Rio Branco na manhã do dia 23 de outubro de 1909, chegando ao destino por volta do meio dia, onde foram recepcionados pela direção do clube adversário e pela banda “Lira dos Campos”, que tocou diversas músicas e marchas para bem receberem os convidados, que após algumas solenidades e discursos, foram levados ao

hotel Palermo, onde almoçariam e descansariam até o horário da partida, que ocorreu às 15 horas.

A partida ocorreu sem maiores ocorrências, e como podemos observar em Kowalski (2017), foi realizada no campo, ou “ground” do Alto do cemitério e teve a duração de dois tempos de 40 minutos e a vitória do time da casa, pelo placar mínimo, com gol de Charles Wright⁴, o organizador do futebol pontagrossense, conforme podemos observar na Figura 1, reportagem dessa partida primaz do futebol paranaense, publicada O Diário da Tarde de 26/10/1909, que aponta esta partida, assim como as escalações das equipes, entre outras informações, como o banquete oferecido no hotel e uma "soirée" no Clube Literário, com a delegação da capital retornando para casa na manhã seguinte, mas ainda sem a oficialização da fundação de um time de futebol.

Figura 1: Reportagem sobre o primeira partida jogo de futebol ocorrido no Paraná.



Fonte: Kowalski (2017).

No dia 06 de janeiro de 1910, houve nova visita do time de Curitiba a Ponta Grossa e a partida acabou empatada com um gol para cada lado e um convite para que os anfitriões fossem até a capital, o que aconteceria somente em junho, quando ambas as equipes já haviam adotado outras denominações.

⁴ Ribeiro Júnior (2004, p. 12) afirma que o primeiro gol marcado em Ponta Grossa foi de Flávio Carvalho Guimarães, porém ficamos com Kowalski (2017), que tem como fonte o Diário da Tarde de 26/10/1909, que afirma ser Wright, o autor do tento.

Após algumas reuniões, no dia 30 de janeiro de 1910, foi fundado o Coritibano Football Clube, nome derivado da grafia então corrente para a capital paranaense, Corityba, porém, o sócio fundador João Vianna Seiler (que logo depois, seria eleito primeiro presidente do clube e ao longo de sua vida, assumiria o cargo por mais 3 mandatos), na ocasião da lavratura da ata, sugeriu que a data de fundação fosse 12 de outubro de 1909, data do convite para o jogo em Ponta Grossa, o que foi aceito por todos os presentes assim como as cores e o uniforme, que podem ser observados no seguinte trecho da referida ata:

O uniforme é o seguinte: bonet verde e branco, camisa de flanela verde e branca, cinto verde estreito, calça branca, curta, meias compridas, sem compromisso de cor, sapatos amarelos e apropriados para o campo. Não tendo sido apresentado outros projetos, o sr Presidente encerrou esta primeira reunião as 10 horas da noite, congratulando-se com os presentes pela iniciativa da fundação do "Coritibano Football Clube". (a) João V. Seiler, Presidente, (a) Leopoldo Obladen, Secretario. MACHADO; CHRESTENZEN, 2005, p. 13).

Para não ser confundido com o aristocrático e social Clube Coritibano, a direção da agremiação sugere em assembleia ocorrida em 21 de abril de 1910, o nome do clube passa a ser Corytiba Football Clube, acompanhando o nome da capital do estado, porém, quando a cidade passa a ser grafada como Curytiba, em 1912, o clube não altera seu nome, somente retirando o "Y" em 1915, adotando a denominação usada até os dias atuais.

A retribuição da visita dos pontagrossenses aconteceu em 12 de junho de 1910, quando já se chamavam de Ponta Grossa Football Club e sua delegação foi recepcionada por diretores e associados do clube da capital, com discursos e banda de música, sendo levados logo depois das homenagens para almoçarem e seguirem para o campo do prado, local da partida, que tornou-se o primeiro jogo de futebol intermunicipal em Curitiba, terminando com a vitória do time da casa por cinco a três.

Assim, novas equipes vão surgindo na capital paranaense, como o time de funcionários da American Brazilian Engineering Company, que se transferiram para Curitiba, resolveram organizar na capital, um clube de futebol, como havia ocorrido anos antes em Ponta Grossa, assim, reforçados por funcionários do London Bank criaram o Paraná Sport Club, em 30 de maio de 1912. O clube curitibano, assim como havia acontecido antes na "Princesa dos Campos" (como Ponta Grossa é conhecida), era chamado de "time dos

ingleses", tinha as cores verde e branca e manteve também equipes de rúgbi, futebol, cricket e tênis.

Alguns associados e jogadores dos times inferiores do Internacional insatisfeitos com o tratamento lhes dado dentro do clube, que priorizava apenas a equipe principal, resolvera, romper com o mesmo e criarem o América Futebol Clube (1914), com as cores vermelho e branco. Visando fortalecer suas equipes, em 1917, o América e o Paraná Sport Club se unem para disputar o certame como uma única equipe, denominada de América-Paraná Sport Club, tal fusão deu certo, tanto que conquistam o título daquele ano e ainda tem o jogador Gaeto, com nove gols marcados, o artilheiro da competição.

A parceria seguiu no ano seguinte, mas o resultado foi uma péssima campanha e a penúltima colocação, resultando no fim da parceria. O América caminharia com as próprias pernas até 26 de março de 1924, quando funde-se novamente com o Internacional, já que os dois clubes não iam muito bem e conforme relatam Duarte; Valentine e Borba (2001, p. 128) formando assim, uma nova agremiação, o Clube Athletico Paranaense, que juntou o vermelho de um clube e o preto de outro (O famoso apelido, vai surgir em 1949, quando o time foi campeão, passando pelos seus adversários como um "furacão", marcando em 12 partidas, 49 gols, com incrível média de 4,8 gols por jogo).

Um pouco distante do centro da cidade nos padrões da época, o "Quarteirão do Tigre" (região compreendida entre as ruas João Negrão e Marechal Floriano Peixoto e Desembargador Westphalen, bairro Rebouças), duas equipes de futebol, o Leão FC e o Tigre FC, integrados pelos jovens residentes no local coexistiam amigavelmente e no dia 19 de novembro de 1914, quando de uma churrascada de confraternização, após uma partida entre ambos (o Tigre venceu por 2 x 1) e por sugestão do Sr. Carlos Thá, os dois grupos deveriam se unir para formar uma agremiação só, a ideia foi acatada por todos e assim nasceu o "novo" clube que recebeu o nome de "Britânia Sport Club", homenagem a Grã-Bretanha, berço do futebol. Buchmann (2002, p. 59) nos diz que o bairro cresceu com a chegada da ferrovia e a instalação da Estação Ferroviária (hoje Shopping Estação) e que o local ainda contava com diversos terrenos ainda coberto por mata nativa, e prossegue:

A Estação ficava, para os parâmetros da época, longe do centro da cidade. Mas haveria de se transformar, em pouco tempo, tanto no local mais agitado de Curitiba (...). As principais indústrias instalaram-se ali, como as que beneficiavam a erva-mate, depois veio a Cervejaria Atlântica, ainda hoje funcionando no mesmo local, propriedade da Ambev. Em 1914, o bairro já estava consolidado. Eram parte do domínio informal da Brazil Railway, já então proprietária da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Assim inicia a história do Britânia Sport Club, fundado por jovens do Rebouças. Em comum, tinham, além do gosto pelo futebol, a admiração pela Companhia de Estrada de Ferro. A Imponência das instalações e a organização do transporte eram referências para a população. Mal sabiam os habitantes do Rebouças, o quanto a empresa de Percyval Farquar era odiada pelos lados do Vale do Rio do Peixe. (BUCHMANN, 2002, p. 59).

Porém, o Britânia não tinha ligação direta com a ferrovia, (o time dos trabalhadores da linha férrea, surgiria em 1930), no máximo um ou outro que ali trabalhavam, Duarte; Valentine e Borba (2001, p. 139) aponta que o clube foi campeão paranaense em sete ocasiões (1918/19/20/21/22/23 e 1928) e entrou em decadência, caindo para a Segunda Divisão em 1965, ano em que construiu seu novo estádio e nunca mais figurou entre os grandes da cidade, resistindo até 1971, quando fundiu-se com o Palestra Itália (fundado em 1921) e com o Ferroviário, originando o Colorado Esporte Clube, que mais tarde se uniria ao Pinheiros Esporte Clube e formaria em 1989, o Paraná Clube.

Com a pujança do transporte ferroviário, seus trabalhadores, junto com apoio de engenheiros e diretores, resolvem fundar um time de futebol, que rapidamente transforma-se na terceira força futebolística do estado, o Clube Atlético Ferroviário, que também passa a contratar jogadores como funcionários da empresa, apenas para jogar pelo time, embora Buchmann (2002, p. 61) afirma que essa prática já era usada para reforçar o Britânia, time do bairro, e que agora o esforço era concentrado no Ferroviário, que ergue menos de duas décadas depois de sua fundação, o Estádio Durival de Brito e Silva, um dos palcos da Copa do Mundo de 1950, o que vai causar certa inveja nos rivais que pejorativamente vão chamar seus torcedores de “Boca Negra” e será herdado pelos torcedores do Colorado em 1971, após a fusão entre o Ferroviário, Palestra e Britânia, e o mesmo Buchmann explica a origem do apelido:

Na década de 1960 o Ferroviário era a terceira força do estado com respeito conquistado mais dentro do campo do que fora dele, pois não tinha a origem abastada do Atlético (hoje Athletico) e nem de colônia como o Coritiba – Neste cenário o Ferroviário sempre foi o primo pobre. Se contava com a força da Rede Ferroviária Paraná-Santa Catarina,

como a Estrada de Ferro passou a ser chamada a partir dos anos trinta, depois da encampação pelo governo federal, seus torcedores eram meio simplórios guarda freios, graxeiros, eletricistas de estrada de ferro, não a tôa, o time e seus adeptos a reboque – foram batizados de Bocas Negras. A simbolizá-los um índio de fartos beiços, um osso amarrado na cabeça. Perfeita imagem de um pigmeu, africano e canibal, denunciando a discriminação dos rivais. (BUCHMANN, 2002, P. 61-62).

Antes da fusão de 1971 para originar o Colorado Esporte Clube, o Clube Atlético Ferroviário conquistou o Campeonato Paranaense em oito ocasiões (1937/38/44/48/50/ 53/65 e 1966), embora à época estivesse quase encerrando suas atividades, deixou para o novo clube, suas cores, o “mascote” Boca Negra e o Estádio Durival de Brito, assim como sua rica história, indiretamente ainda viva, incorporada pelo atual Paraná Clube.

No bairro do Água Verde, redutos de famílias de imigrantes italianos e seus descendentes, sob comando de Tarquínio Todeschini foi fundado um clube de futebol no dia 14 de julho de 1914, com a denominação de Savóia Futebol Clube, em homenagem a “Casa de Savóia”, a família real italiana e as cores da agremiação seguiam as da bandeira italiana, verde, branca e vermelha. No mesmo bairro, surge em 31 de janeiro de 1915, o Esporte Clube Água Verde, que se unem e em 1920 transformando-se em Savóia-Água Verde, mas com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o clube é obrigado a mudar de nome, pois a Itália estava em lado oposto ao do Brasil no combate, e assim, surge o Esporte Clube Brasil, em 1942, porém, outra troca de nomenclatura é exigida⁵ e volta a ser o E.C. Água Verde, que inaugura em 1953, seu estádio, que homenageia um de seus ex-presidentes, Orestes Thá⁶. O Clube conquistou o Campeonato

⁵ Carneiro Neto (1996, p. 3) nos aponta que durante a Era Vargas, houve uma lei, que obrigava todas as agremiações denominadas de “Brasil”, a mudarem de nome, ficando de fora desta regra, somente os gaúchos Brasil de Pelotas (1911), Brasil de Farroupilha (1939) e o Alagoano Clube de Regatas Brasil (1912), este último, possivelmente por “esconder” o nome sob a alcunha da sigla CRB, como o clube, uma das potências do futebol do estado, é mais conhecido.

⁶ O nome do estádio era uma homenagem ao empresário do ramo da construção civil (um dos fundadores da centenária Construtora Irmãos Thá, a mesma que construiu entre outros inúmeros empreendimentos, a Estação Ferroviária União, que divide as cidades e estados de Porto União - SC e União da Vitória – PR na década de 1940 e o Estádio do Ferroviário de Curitiba, hoje de posse do Paraná Clube, o Durival de Brito e Silva, a Vila Capanema, um dos palcos da Copa do Mundo de 1950), como nos informa Buchmann (2002, p. 63). Em 1983, o Pinheiros inaugurou o Estádio Érton Coelho Queiroz, mais moderno e o Orestes Thá foi parcialmente demolido, para ser construído a sede social do clube e um ginásio esportivo, tendo parte de suas arquibancadas mantidas como lugar de memória do passado pinheirense.

Paranaense de 1967, mas outra vez é renomeado, ou melhor, refundado após uma assembleia um plebiscito entre os associados, em 1971, o clube abandona as cores verde e branco (para diferenciar do rival Coritiba) e por sugestão do então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD, atual CBF), João Havelange (depois presidente da FIFA), que em visita as dependências do clube, gostou do que viu, porém achou que nome Água Verde, “bairrista” demais e aceita a sugestão, passou a ser chamado de Esporte Clube Pinheiros, que como já falado, une-se em 1989, com o Colorado Esporte Clube.

O interior do estado não ficou para trás e clubes para a prática do futebol (e de outros esportes também) foram criados. Em Ponta Grossa, berço do futebol no Paraná, fundava-se o Riachuelo (1911), o Rio Branco (1911), o Operário Ferroviário (1º de maio de 1912) e o Guarani (30 de julho de 1914), em Palmeira, aparece o Ipiranga FC (6 de setembro de 1913), o Rio Branco nasce em Paranaguá (13 outubro de 1913), onde já existiam o Brasil FC e o Paranaguá FC. Em Irati, surge o Iraty SC (21 de abril de 1914), mostrando assim, que rapidamente o futebol se consolidou no estado e muitos clubes foram fundados, inclusive nosso Porto União da Vitória, não ficaria imune a essa “febre” como poderemos observar a partir de agora.

A pequena e pacata cidade de Porto da União, fundada oficialmente em 1890, mas com história muito anterior, começa a se desenvolver com a chegada da Ferrovia São Paulo – Rio Grande, iniciada pelo engenheiro Teixeira Soares que conseguiu autorização do então Imperador D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº 10.432, de novembro de 1889, um de seus últimos atos, já que dias depois, o Brasil sofreria um Golpe Militar, que entraria para a história como “Proclamação da República”, dada contrariadamente pelo monarquista Deodoro da Fonseca, Marechal de grande prestígio entre os seus, que tornou-se o primeiro presidente do país. A escassez de financiadores, fez a obra passar das mãos de Soares para as de Percyval Farquar, empresário norte americano, com diversos negócios no Brasil, que assumiu com o governo republicano a tarefa de concluir a linha férrea entre Itararé, em São Paulo, até a gaúcha Santa Maria da Boca do Monte, em troca, receberia 15 km de terras de cada lado da ferrovia

(com tudo que havia nela), sendo este, um dos motivos para o desencadeamento de um dos maiores conflitos sociais brasileiros, a “Guerra do Contestado”⁷.

A Ferrovia em terras paranaenses procurou integrar-se com a navegação fluvial, partindo de Curitiba até as cidades de Rio Negro e o antigo Porto de Caicanga (atual Porto Amazonas), que tinham ligações pelo Rio Iguaçu até o Porto União da Vitória, passando por São Mateus do Sul, e dali seguia para Ponta Grossa, onde se dividia em dois caminhos, um para o oeste e o outro alcançaria as estações de Rebouças e Paulo Frontin, chegando em Porto União da Vitória, descrito por Silva (2006, p. 93), dessa maneira:

A 26 de fevereiro de 1905, é inaugurado o trecho da linha férrea, da Estação Paulo Frontin a de União da Vitória, numa extensão de 49 quilômetros e 641 metros. A 7 de outubro de 1905, Lei nº 5 a Câmara Municipal concede à Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, com isenção perpétua de foro, uma área de terreno no quadro urbano, com 43.540 m², no Largo “Visconde de Guarapuava”, para a construção da Estação e mais dependências necessárias. Requereu-a o Eng.^º Dr. Guilherme Capanema. (SILVA, 2006, p. 93).

Porém, o grande marco da chegada dos trilhos no Porto União da Vitória é a construção da ponte sobre o Rio Iguaçu, tornando a cidade em um importante entroncamento ferroviário, transformando a economia e a vida social do lugar, alavancando a indústria da madeira, principal fonte econômica da época e ampliando as oportunidades, e sobre este evento, Silva (2006, p. 89) descreveu da seguinte maneira: “Este ato foi extraordinariamente festejado, tendo vinda a Banda Musical de Ponta Grossa [...]. O Hotel à margem direita do Iguassu [sic] de propriedade do Capitão Sebastião Matoso, regurgitava de populares”.

Com a chegada de muitos trabalhadores para ferrovia, oriundos de diversos lugares do país (e de fora também), as mudanças no modo de vida da pequena cidade mudou drasticamente, pois eram uma mistura de culturas, tradições e ideias que até então não se viam nessas bandas e assim, surgiram cooperativas, associações, sindicatos e clubes, sendo o primeiro deles, o União Esporte Clube, fundado em 1921, que reuniam os trabalhadores da linha férrea

⁷ A “Guerra do Contestado” teve início em 1912 e terminou em 1916, após o acordo de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina, em 20 de outubro, dividindo a cidade de Porto União da Vitória em duas, onde União da Vitória continuou paranaense e Porto União se integrou à Santa Catarina, Tendo como divisor, a linha férrea e o Rio Iguassu (SIC). Fonte: (Silva 2006 p. 156).

nos seus horários de folga, junto com seus filhos, que já conheciam o futebol em outras paragens e assim, Melo Jr. (2001, p. 71), diz que: “Com a criação do União, houve nas “Gêmeas do Iguaçu”, um maior interesse na prática do jogo de bola. Era justamente isso que o futebol amador precisava para desenvolver-se”.

Então, podemos afirmar com a mínima margem de erro, que o futebol em Porto União da Vitória tenha chegado de trens, e tal afirmação pode ser justificada com dois argumentos, o primeiro é que somente através da via férrea que a cidade fazia contato com os centros em que já haviam certa organização e prática do esporte bretão, como Curitiba, Ponta Grossa, interior de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a segunda é que muitos dos fundadores e posteriormente adeptos do União Esporte Clube, primeira associação fundada para a prática futebolística na cidade, em 1921 trabalhavam na ferrovia, corroborando a suposição de que as primeiras bolas, uniformes, chuteiras e mesmo, a ideia de se formar times, tenham chegado pelos trilhos.

Diversos clubes foram fundados, alguns com maior duração, outros com vida efêmera, não podemos deixar de citar o Colégio São José, importante difusor do esporte nas cidades e também das ligas, que surgiram para organizar e sistematizar o futebol, a Liga Esportiva Regional do Iguaçu (LERI, 1932), a Liga de Desportos do Noroeste Catarinense (LDCN, 1949), A Liga Esportiva do Noroeste Catarinense (LENC, 1960), cada uma ao seu tempo, viveram seu auge e seu declínio, assim como todo o futebol amador de Porto União da Vitória, como pode ser observado na fala de Silva, (2019), quando cita que a partir de meados da década de 1960, os principais atletas, passam a defender vários times, isso porque o assédio era grande e as equipes com melhores condições financeiras pagavam para ter os craques nos seus elencos, criando, a partir daí, o chamado “profissionalismo marrom⁸”, ou seja, não oficializado.

⁸ O Profissionalismo Marrom era uma usual prática de oferecer algum benefício (dinheiro, emprego, ou outras benesses), para determinado jogador atual por um time.

Figura 2: Colégio São José, a gênese do futebol em Porto União da Vitória. (década de 1940)



Fonte: Silva, (2019, p. 17).

O fato dos principais campeonatos do país (Rio e São Paulo), além dos clubes gaúchos e da capital paranaense passarem a ser transmitidos pelas rádios e depois pela televisão foi mais um duro golpe no futebol amador da região, que foi definindo após o surgimento da Associação Atlética Iguaçu, primeira equipe profissional das cidades, criada em 1971, (a outra foi o Futebol Clube do Porto, que nasceu no ano de 1999, em União da Vitória, mas para jogar o Campeonato Catarinense, representando Porto União), que arregimentou os principais jogadores locais, colocando o futebol amador em segundo plano. Futebol este, que teve na conquista do Ferroviário Esporte Clube a primeira edição da Taça Paraná (competição organizada até os dias de hoje pela Federação Paranaense de Futebol, para times e ligas amadoras do estado), em 1964, feito não igualado, embora tentado por outros clubes locais, porém hoje vive na memória de quem viveu a época áurea do esporte local, em que os estádios e campos ficavam lotados para assistirem as acirradas disputas entre as diversas agremiações existentes em nossas terras.

No ano de 1965, no início do Regime Militar que tolhou do povo o direito de escolher seus governantes, a Taça Jules Rimet, que estava em posse do Brasil pela Conquista do Bicampeonato da Copa do Mundo de 1962, no Chile (anteriormente nossa Seleção havia vencido na Suécia em 1958) e só seria definitivamente do Brasil, após o tricampeonato que chegou em 1970, e depois

roubada da sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no Rio de Janeiro, foi colocada em uma turnê por diversos lugares do Brasil para fazer a propaganda do governo “vitorioso” e “popular”, do país que “dava certo”, sensação trazida também, pouco depois, “Milagre Econômico”, uma maquiagem de uma prosperidade que não condizia com a realidade.

Por sua importância geográfica, como entroncamento ferroviário, econômica e política, o Porto União da Vitória não deixou de receber a ilustre visita, como comprova a Figura 3, em que aparece em primeiro plano, os jogadores do Ferroviário, Paulinho, segurando a taça ofertada pela Prefeitura de União da Vitória, a Srt^a Maria Silma (2^a princesa do São Bernardo F.C.), com a Jules Rimet em suas mãos e o jogador Nico Parise, depois treinador e radialista esportivo, com o troféu oficial da Taça Paraná, conquistada em 1964, que assim como a Jules Rimet, era itinerante e só ficava em definitivo com a equipe que vencesse três vezes o campeonato (No caso o Trieste de Curitiba, campeão de 65, 66 e 69). Na foto, ainda vemos ao fundo, o então prefeito de União da Vitória, Domício Scaramella (de branco) e o presidente do Ferroviário Esporte Clube, Ireno Vicente (de terno), mostrando assim a força do futebol local e pujança de outrora, fatos que aos poucos vão caindo no esquecimento das novas gerações.

Figura 3: Taça Jules Rimet em União da Vitória, no ano de 1965.



Fonte: Pardo (2014 p. 68).

2. AS LIGAS REGIONAIS LOCAIS – A Organização dos campeonatos

Relataremos nesta parte, as três principais ligas amadoras que existiram nas cidades “Gêmeas”, que são: a LERI, A LDNC e a LENC, embora outras tenham sido pensadas e fundadas, e serviram para formação de atletas para as principais ligas aqui definidas.

2.1 LIGA ESPORTIVA REGIONAL IGUAÇU - LERI

A LERI foi fundada em 14 de setembro de 1932, para que cuidasse da organização de um torneio que indicaria um clube local para a fase preliminar do Campeonato Paranaense de 1932, na qual o vencedor disputaria contra os ganhadores das Ligas Regionais de Ponta Grossa, Paranaguá, Sul e Curitibana de Futebol, para decidir quem seria o campeão estadual daquele ano. As equipes participantes desta primeira edição organizada pela LERI e considerados seus fundadores são: União Esporte Clube, Guarani Futebol Clube, Caxias Futebol Clube, Rio D'Areia Esporte Clube e Palestra Itália Sport Clube, o primeiro campeão.

Foi a primeira entidade criada na região para organizar competições⁹ entre os diversos times que já existiam e outros mais que surgiram ao longo do tempo, a liga estava aberta à filiação de agremiações de diversas cidades no entorno de União da Vitória. Embora Porto União tenha tido suas ligas regionais (LDNC e LENC), em épocas distintas, exigência para que estas equipes pudessem disputar o Campeonato Catarinense, a duração de ambas fora pequena temporalmente falando, sendo assim, os clubes do estado vizinho, adentraram na LERI. Silva (2019, p. 35) diz que quando não, seus jogadores atuavam pelas duas ligas, o que na época não era impeditivo, já que vivíamos

⁹ Os Campeões da LERI Foram: 1932 (Palestra Itália), 1933 (?), 1934 (?), 1935 (?), 1936 (?), 1937 (?), 1938 (?), 1939 (?), 1940 (?), 1941 (?), 1942 (Antárctica), 1943 (União), 1944 (União), 1945 (União), 1946 (União), 1947 (não encontrado), 1948 (não encontrado), 1949 (Ferroviário), 1950 (Avahí), 1951 (Ferroviário), 1952 (Ferroviário), 1953 (Juventus – Centenário do Paraná), 1954 (Ferroviário), 1955 (Ferroviário), 1956 (Ferroviário), 1957 (Ferroviário), 1958 (Ferroviário), 1959 (União), 1960 (São Bernardo), 1961 (Ferroviário), 1962 (Clube Atlético Sãomateuense – São Mateus do Sul), 1963 (Ferroviário), 1964 (União), 1965 (União), 1966 (União), 1967 (Avahí), 1968 (União), 1969 (São Bernardo), 1970 (Avahí), 1971 (Avahí), 1972 (São Bernardo) e 1973 (Ferroviário).

no amadorismo (em alguns casos bem disfarçados em formas de empregos, presentes ou premiação), embora fosse comum também, este fato gerar confusões extracampo, com pedidos de anulação de jogos e perda de pontos por usarem atletas que jogavam por outros clubes também.

A LERI abrigou além de clubes de Porto União, o Clube Atlético Sãomateuense (São Mateus do Sul), campeão de 1962; Porto Vitória Esporte Clube (do antigo distrito, depois, município de Porto Vitória) e Clube Atlético União Olímpico (Iraty). Outro fato comum era também as Ligas montarem suas equipes com atletas de clubes a elas filiados, eram a “Seleção da Liga” que disputavam torneios, amistosos e jogos de exibição.

Também encontramos a realização do Torneio Início da LERI de 1950, que teve o União Esporte Clube como grande campeão, naquele 26 de março e a participação de três clubes, com os seguintes jogos e resultados: 1º Jogo: União 0x0 São Bernardo; 2º Jogo: São Bernardo 1x0 Ferroviário; 3º Jogo: União 1x0 Ferroviário; Final: União 2x0 São Bernardo.

O ano de 1964 foi bem marcante para a LERI, primeiro pela chegada de mais clubes filiados, após a dissolução da Liga Esportiva do Noroeste Catarinense (LENC), e em segundo, a criação de uma grande competição amadora organizada pela Federação Paranaense de Futebol, a Taça Paraná (existente até os dias de hoje) que reunia os campeões de todas as ligas do estado e logo na primeira edição, o campeão foi o Ferroviário de União da Vitória, e conquistar a competição (ou reconquistá-la, no caso do “Tricolor da Vila”) virou obsessão dos clubes locais, o que nunca mais aconteceu. Com o advento do futebol profissional, oriundo da criação do Iguaçu e a gradativa perda de interesse local pelo futebol amador, muitos clubes encerraram suas atividades e a LERI, já agonizando, organiza seu campeonato pela última vez em 1973, quando o Ferroviário se sagra campeão.

A Liga e os clubes viviam em clima de harmonia e cooperação, pois um dependia do outro para sua sobrevivência e fortalecimento, e um exemplo disso, foi que durante um amistoso contra o Coritiba, em 15 de novembro de 1967 (7 x 2 para o time da capital), o jogador Gaúcho, do União Esporte Clube, naquela ocasião defendendo a camisa da LERI, ficou seriamente lesionado e seu clube arcou com as despesas médicas e de sua recuperação, solicitando

posteriormente junto à LERI, o reembolso do valor gasto e a entidade sem titubear atendeu o pedido e assim o fez.

Presidiram a LERI: Braz Limongi (médico e ex-prefeito de Porto União), Dário Bettega, Cordovan de Mello (advogado, político e professor), Mário Renê Sibutt, Aníbal Manfroni (empresário), Ivannové Gaspari, Felisbino S. Rocha, Napoleão Feijó, Juvenal Pizzato, Marcus Caus, Dorival C. Portes, Lamy Ferreira, João Zanini, Valdomiro Daniel Cordeiro, Otto Conrado Grube, Sidney Cândido da Silva “Cará”, Darci de Lima e Irio Rossa.

2.2 LIGA DESPORTIVA DO NOROESTE CATARINENSE - LDNC

Para o reconhecimento da Federação Catarinense de Futebol, os clubes precisavam estar filiados à uma liga e a mesma organizar competições, e assim, Juventus Futebol Clube, Avahy Futebol Clube, Atlético Futebol Clube, São Bernardo Futebol Clube e Tupi Futebol Clube, resolveram criar a LDNC e segundo Wolff (2014, p. 19), a primeira competição organizada pela nova entidade foi o Torneio Início, realizado no domingo, dia 06 de março de 1949, no campo do Ginásio São José, (já que o estádio municipal ainda estava em fase de acabamento) que teve os seguintes resultados a partir das semifinais: Juventus 3 x 0 Atlético e Avahy 2 x 1 São Bernardo, com a final sendo jogada entre Juventus e Avahy, que após empate sem gols, teve a disputa decidida nas penalidades, com vitória avaiana por 5 a 4, conforme corrobora Silva (2019, p. 155). O Referido colégio, tem suma importância na História local, incluindo aí, a do futebol amador. Dirigido por Frei Libório Lueg, figura icônica no esporte regional, pois atuava como juiz das partidas, correndo o campo com sua batina negra e com o apito pendurado ao pescoço, tornou-se inesquecível mesmo depois que se mudou de cidade e passado anos de sua morte.

Com o sucesso do Torneio, representantes dos clubes: Wilmar Wolff (Juventus), Jair Marquetti (Atlético), Luiz Pacheco (Avahy), Bernardo Stamm (São Bernardo) e Eduardo Cheden (Tupi), se reuniram no dia 15, daquele mesmo mês e ano, para referendar a competição e a fundação da LDNC.

Em 1949, a Seleção da LDNC disputa o Torneio de Seleções de ligas da Federação Catarinense, sendo eliminado na primeira fase quando perdeu para a Liga de Mafra, por 2 a 1, no Mário Guedes, em Porto União (30 de outubro) e

nova derrota, no dia 6 de novembro, agora por 4 a 3, no campo do Pery Ferroviário, em Mafra. A referida Liga teve duração de apenas quatro anos, tendo o Juventus conquistado o Bicampeonato (1949/50), com o fim da LDCN em 1952, a maioria dos clubes migraram para a LERI.

Nessa mesma época, o Estádio Municipal de Porto União estava quase pronto, uma obra esperada pela comunidade esportiva local, executada na gestão do então prefeito Dr. Lauro Muller Soares, incentivador do futebol, o que facilitou em muito, a concretização das obras, descrita da seguinte maneira por Wolff (2014, p. 19): “O trabalho era incessante: dirigentes e jogadores empenharam-se exaustivamente até mesmo na realização da terraplanagem do campo, carregando e descarregando terra em carrinhos de mão”.

A Construção do Estádio foi noticiada em 05 de maio de 1949, na edição nº 65 do Jornal “O Comércio”, ficando pronto em outubro, recebendo o nome oficial de Interventor Mário Fernandes Guedes, prefeito nomeado de Porto União (1943 a 1945), mas chamado cotidianamente de Estádio Municipal e inaugurado, segundo Silva (2019, p. 155) em 9 de outubro, em partida entre os times principais do Ferroviário, que venceu por 4 a 3 o Juventus. O estádio passou por uma grande reforma em 1955 e teve seu fim nos anos de 1970.

2. 3 LIGA ESPORTIVA DO NOROESTE CATARINENSE - LENC

Nascida para reestabelecer a participação de clubes e jogadores do noroeste catarinense em competições estaduais após a falência da LDNC, a LENC foi fundada em 1960 pelas seguintes agremiações: Botafogo Futebol Clube, Clube Atlético Porto União (CAPU), Clube Recreativo Tamandaré e Operário Esporte Clube, além de receber o Juventus dois anos depois. Os campeões dessa liga, que também teve curta duração, foram: 1960 (Tamandaré), 1961 (São Bento), 1962 (Juventus), 1963 (Juventus) e em 1964, a entidade ficou sem presidente e não realizou o campeonato daquele ano e encerrando suas atividades, retornando os clubes para a LERI no ano seguinte.

2. 4 LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL IGUAÇU – LEMI / LIGA DE FUTEBOL DE UNIÃO DA VITÓRIA (LIFUVI)

Já no apagar das luzes do futebol amador local, alguns clubes mais recentes, resolveram refundar uma nova liga para a organização de suas competições, já haviam se passado cinco anos da desativação da LERI, que já estava desfiliada da Federação Paranaense de Futebol (FPF), assim, no ano de 1978, alguns times criaram a Liga Esportiva Municipal Iguaçu¹⁰ (LEMI), que não teve a adesão dos principais clubes da cidade, pois a maioria dos seus dirigentes estavam envolvidos com o clube profissional da cidade, a Associação Atlética Iguaçu, os clubes de outros centros, principalmente do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, já ganharam muitos simpatizantes e o público já perdeu o costume de acompanhar de forma assídua os jogos do amadorismo.

O primeiro campeonato realizado pela nova entidade contou com a participação das seguintes equipes: Milionários Esporte Clube, Seleção de São Cristóvão (SELESC), Clube Atlético Ferraria, Avahí Futebol Clube, Coimbra Esporte Clube, Porto Vitória Esporte Clube, União Esporte Clube e São Bernardo Futebol Clube. O grande campeão da LEMI foi o Coimbra, porém, com jogadores não inscritos na Federação, a entidade apontou o vice-campeão Milionários, como o representante local na Taça Paraná, o que se repetiria em 1979 e 1980, quando o Milionários conquistou seu bicampeonato.

Por determinação do Governo Federal, em 1981, as entidades que dirigiam o esporte bretão, deveriam necessariamente ter o nome do esporte na sigla e assim, a LEMI troca sua nomenclatura para Liga de Futebol de União da Vitória (LIFUVI), que tinha como favoritos, Milionários e SELESC, mas que ficaram pelo caminho, deixando os tradicionais Avahí e São Bernardo, decidirem o certame, que seria o derradeiro da história áurea do futebol amador local.

¹⁰ Em 1978, na primeira edição do campeonato organizado pela LEMI, o Coimbra foi campeão ao vencer por 2 a 0 o Avahí e ultrapassando na pontuação o então líder da competição, o Milionários, que ficou com o vice-campeonato. Em 1979, o Milionários levantou o título ao empatar em 2 a 2 com o SELESC, a primeira partida e vencer por 2 a 1 o segundo jogo. No ano seguinte, as duas equipes decidiram o campeonato mais uma vez e o Milionários venceu o SELESC por 4 a 3, garantindo o bicampeonato. Em 1981, já sob nova sigla, a decisão foi entre Avahí e São Bernardo, com o placar de 1 a 1 no primeiro jogo e uma vitória pelo placar mínimo no segundo jogo, que deu o título ao Jacaré da Lagoa Preta. (Fonte: Silva, 2022, p. 278-289).

3. OS CLUBES E SUAS PRAÇAS ESPORTIVAS – Os templos do futebol

3.1 ANTÁRCTICA FUTEBOL CLUBE – Título movido à cevada

O Antárctica foi fundado após o desaparecimento do Botafogo do Colégio São José, quando os “riquinhos” foram para as fileiras do Juventus e os “proletários”, em sua maioria funcionários da Companhia Antárctica Paulista, fábrica de cerveja hoje parte do Grupo Ambev, que estocavam sacas de cevada (e outros grãos) em nossas cidades e remetendo pela via férrea para as suas fábricas, já que estava localizada perto da estação e em frente à antiga rodoviária de União da Vitória (hoje, Corpo de Bombeiros), que foi dividida e há diversas lojas e uma igreja evangélica.

O clube que usava uniforme todo preto, durou pouco tempo, entre 1941 a 1943, porém teve tempo se sagrar-se como o grande campeão da LERI, no ano de 1942. O Antárctica jogava suas partidas como mandante, no campinho que outrora fora utilizado pelo Palestra Itália, na atual Rua Dom Pedro II, onde hoje encontra-se o Colégio Adventista, área nobre do Centro da cidade.

Figura 4: Prédio do Colégio Adventista, local onde foi o campo do Antáctica.



Fonte: Acervo do Autor.

3.2 ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA E RECREATIVA SÃO CRISTÓVÃO

Tendo o industrial e ex-prefeito de União da Vitória, Alcides Fernandes Luiz, entre seus fundadores, apoiadores e primeiro presidente, embora tenha

ficado apenas três meses na função, passada ao seu vice, Valdomiro Daniel Cordeiro, que ficou no cargo por oito anos, a Associação Esportiva e Recreativa São Cristóvão foi fundada nos fins dos anos de 1950.

Jogava no campo pertencente ao Avahy, no hoje bairro Cidade Jardim e era filiado a LERI, chegando a vencer o campeonato da Segunda Divisão em 1958, organizado por esta, que depois foi presidida pelo Próprio Valdomiro Cordeiro, que segundo Silva (2019, p. 221) decepcionou-se ao ver seus principais atletas indo para outros clubes que ofereciam vantagens que o modesto São Cristóvão não poderia competir. O Clube disputou o campeonato de 1967, já sem seus principais jogadores e no ano seguinte suas atividades foram encerradas.

3.3 ATLÉTICO FUTEBOL CLUBE / CLUBE ATLÉTICO PORTO UNIÃO – o clube dos prefeitos

Atlético Futebol Clube, fundado em 1931, teve como um dos idealizadores o médico Braz Limongi, um dos pioneiros da medicina local e que também fundou o primeiro hospital de Porto União (o Hospital São Braz é em sua homenagem) que já exercia a profissão e tinha ocupado provisoriamente o cargo de Prefeito, por um mês, em 1930, sendo substituído pelo também desportista Antiocho Pereira (fundador do União Esporte Clube).

Wolff (2014, p. 15) diz que os treinamentos do Juventus, deixaram de ser no campinho dos Sarti (fundador do clube), para o terreno pertencente ao Dr. Bráz Limonge, na esquina das ruas João Pessoa com a Absalão Carneiro, campo onde já treinava o Clube Atlético, que mudou de nome em 1950, sob a liderança do Dr. Lauro Muller Soares e passa a ser chamado de Clube Atlético Porto União (CAPU), e em sua primeira diretoria com o novo nome, também constava como Segundo Secretário, o nome de Salustiano Costa Júnior, outro ex-prefeito de Porto União.

O clube era rubro negro (vermelho e preto), jogou no campinho de Limongi nos primeiros anos e depois no Balneário no bairro de Santa Rosa. Foi um dos clubes fundadores da LDNC e depois do fim dela, filiou-se a LERI.

Entre tantos jogadores que passaram pelo Atlético, Ogione Hey (1997) cita além dos já mencionados, outros políticos-atletas, o ex-vereador Serafim Raul Caus e o ex vice-prefeito Izoel Carlos Huergo.

Um nome de extrema dedicação e importância no futebol do Porto União da Vitória foi o de Ariovaldo Huergo, o “Nuche”, que foi jogador, treinador e presidente do União do Esporte Clube, que por pouco tempo jogou também no Juventus e conforme Melo Júnior (2001, p. 54) aponta, presidiu o Clube Atlético Porto União (CAPU) em 1964, reeleito no ano seguinte, sendo o responsável pela ampliação e reforma do Balneário, no Bairro Santa Rosa, em Porto União, que contava com sede, bar, quadras de esportes em geral, cancha de bocha, campo de futebol, rampa para descer caiaques no Rio Iguaçu, entre outras atividades para seus torcedores e frequentadores.

Figura 5: O Balneário em seu auge, nas décadas de 1950 e 1960.



Fonte: Jornal o Comércio (1960).

3.4 AVAHI FUTEBOL CLUBE – o tricolor ainda vive

Mais um clube tricolor em nossas cidades, agora com um fato inusitado, pois as cores escolhidas pelos fundadores, não foram as que fariam a história do clube. Estamos falando do Avahi Futebol Clube, fundado em 1948 e que teve o artista plástico e pintor, Amadeu Bona, como presidente provisório, até 24 de

junho de 1949, que ficou como a data oficial do clube, quando ocorreu a reunião que oficializaria a fundação, que aconteceu no Clube União.

O primeiro presidente eleito foi o representante comercial Luís Pacheco, torcedor fanático do São Paulo Futebol Clube, que sugeriu as cores são-paulinas (vermelho, preto e branco), para a nova agremiação, aceita pela maioria dos participantes da fundação. Em 12 de setembro de 1949, através de uma reunião extraordinária, Pacheco renunciou ao cargo, alegando problemas particulares e após novo pleito, Danilo Cerqueira Leite tornava-se o segundo presidente e neste mesmo encontro, de maneira unânime, Luiz Pacheco foi aclamado sócio presidente benemérito perpétuo.

O nome do clube é uma homenagem a “Batalha do Avai” (11 de dezembro de 1868), um dos eventos da “Guerra do Paraguai” (1864-1870), tendo o acréscimo da letra “H”, como forma de diferenciar-se de seu homônimo mais famoso, de Florianópolis, capital catarinense.

O Avai foi “obrigado” a mudar suas cores, quando chegaram os novos uniformes, mandados para a confecção na cidade de São Paulo, financiados pelo empresário Oswaldo Forte. Quando chegaram, a surpresa foi geral, a cor azul substituía a preta original, preta (nunca saberemos se propositalmente), e com recursos escassos, o clube acabou aceitando e Bona refez o escudo com a nova combinação de cores.

A primeira sede foi no Edifício D. Maria, na Rua Siqueira Campos, em Porto União, bem próximo à estação e meses depois, já com Domício Scaramella¹¹ na liderança do clube, deixou a LDCN, na qual era um dos fundadores e passou a jogar na cidade vizinha, as competições organizadas pela LERI, mudança drástica, com muitas divergências, fato que abalou o clube e quase o fez desaparecer, mas se manteve e em seu primeiro compromisso pela nova liga, o Avai empatou com o Ferroviário, para no segundo jogo, perder para o São Bernardo (3 a 1), em um jogo com muitas brigas e divergências internas, mais uma vez o clube balançou, porém continuou em pé. A direção do clube foi entregue à dupla Wilks Amazonas¹² Correia e Moisés Farah, que de forma

¹¹ Seu mandato à frente do clube iniciou em 24 de junho de 1950, e entre os anos de 1964 e 1968, exerceu a função de prefeito de União da Vitória (Melo Júnior, 2001, p. 122).

¹² Wilks Amazonas Correia foi presidente do Avai e era neto do Coronel Amazonas e sobrinho de “Amazoninha”, quem doou terreno ao clube, de tradicional família ligada à fundação oficial de

rígida, tomaram as rédeas do clube e dentro do campo as coisas começavam a dar certo, o time não perdeu mais e foi campeão ao golear pelo placar de 5 a 2, o União, conquistando o campeonato de 1950, que ficou conhecido como “O Ano Santo¹³”, data comemorativa da Igreja Católica.

Além dessa conquista, o Avahy também levantou os títulos de 1967 e o bicampeonato 1970/71, todos pela LERI, de onde nunca mais saiu. Também foi várias vezes campeão em outros esportes, como futebol de salão (hoje chamado de futsal), ciclismo e voleibol.

O Avahy, por trocar diversas vezes de sede e mandar seus jogos no Estádio Municipal de Porto União era chamado de forma jocosa por seus adversários de “Clube Caracol” ou “Clube da Mala”, a entidade chegou a ganhar, em 1951, de Amazonas Marcondes Filho, o “Amazoninha”, um terreno para a construção de seu campo, no Bairro de São Cristóvão, porém nunca chegou a construir lá, onde formou-se, tempos depois, o bairro Cidade Jardim. Por ironia do destino, o clube que esteve para deixar de existir algumas vezes e zombado por não ter sede, é hoje o único em Porto União da Vitória em atividade, embora somente na parte social e com sede própria, localizada à rua Padre Saporiti, s/n, ao lado da antiga UNIGUAÇU, hoje UGV (em terreno adquirido junto ao Sr. Décio Pacheco, antigo proprietário do local), que conta com dois campos de futebol sete (um com iluminação), sauna, bar, salão de festas, sala para jogos e estacionamento, onde são realizados peladas nos finais de semana, festas, jantares, entre outros eventos sociais. Os avahianos também participavam de competições de futebol de salão, vôlei e ciclismo.

Conforme podemos atestar em Wolff (2006, p. 51) e em Melo Júnior, 2001, p. 122), outra figura ilustre no esporte local foi Israel Pastuch, que foi treinador e depois, presidente, tendo também prestado inúmeros serviços para a FAFI (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória, hoje Campus da UNESPAR) e para FACE (Faculdade de Ciências Econômicas, hoje

União da Vitória, era filho mais novo do casal Maria Josepha de Amazonas Correia e Affonso Guimarães Correia. Fonte: (Melo Júnior, 2001, p. 122).

¹³ 1950 foi considerado pela Igreja Católica como o “Ano Santo”, devido ao Congresso Eucarístico realizado no Rio de Janeiro, então, Distrito Federal. Foi também o ano em que a quarta Copa do Mundo foi disputada, após 12 anos de interrupção devido aos combates da II Guerra Mundial. (Lopromo, 2006).

UNIUV), cujo nome foi imortalizado batizando o ginásio esportivo da cidade, localizado em anexo ao estádio Antiocho Pereira.

Durante a disputa da Taça Paraná de 1967, o Avahí enfrentou o União Olímpico, da cidade de Iriti e enquanto torcedores soltavam fogos de artifícios em cima dos jogadores visitantes, dentro de campo o pau comia solto, lesionando diversos jogadores e tendo o time visitante tido um jogador expulso, mas o empate em um gol foi considerado heroico e a decisão ficou para Porto União e no Mário Guedes não foi diferente, muita pancadaria, porém o time iratiense marcou o gol de sua classificação e começou uma briga generalizada, findada somente com a ação policial. Outra participação curiosa do Avahí na Taça Paraná, foi no ano de 1969, como nos conta Machado; Chrestenzen (2006, p. 136) quando enfrentou o tradicional Trieste, do bairro italiano de Curitiba, o Santa Felicidade, na final da Chave Sul (3º fase e semifinal da competição), no dia 23 de novembro daquele ano, arrancou um empate em 1 a 1 no Estádio Municipal Mário Guedes, em Porto União. Sobre a partida, uma curiosidade narrada pelos autores da seguinte maneira:

O Trieste deveria se deslocar para União da Vitória a fim de disputar um importante jogo pela Taça Paraná de 1969. Como a partida seria no domingo, a diretoria resolveu sair no sábado, ao meio-dia, pois a viagem seria longa – 240 quilômetros em estrada de chão. Segundo comentários feitos pelos motoristas, a estrada estava terraplanada, para receber a camada asfáltica, entre São Mateus do Sul e União da Vitória. O tempo estava bom e a viagem seria tranquila. O primeiro pensamento foi fazer o trajeto por Iriti. Tudo transcorria normalmente. Por volta das 15h:30, após ultrapassarem São Mateus do Sul, uns 15 quilômetros adiante, começou a chover torrencialmente. Um verdadeiro dilúvio. Logo o ônibus começou a ter problemas para trafegar. Começou a patinar e a atoliar. Os jogadores e diretores tiraram suas roupas sociais e desceram para empurrar o coletivo. Assim foi por muitas e muitas horas. A noite chegou. Dá-lhe empurrar. Já era madrugada, quando tiveram que suplantar um trecho difícil. Mesmo com todos empurrando, o ônibus começou a deslizar em direção a valeta – do outro lado ficava um pequeno precipício (...) O ônibus bateu forte contra a valeta e ficou “meio virado”. Os companheiros que estavam dormindo cansados, quando ouviram os gritos de “pula fora”, acordaram e saltaram pelos vidros, estatelando-se no barro. (...) Foi complicado sair daquela valeta. Já perto de União da Vitória, um ônibus com correntes rebocou o veículo triestino. A cidade de União da Vitória estava um pouco alagada, em virtude da subida das águas do Rio Iguaçu. Chegaram ao hotel por volta das 7h:30 da manhã de domingo. Todos estavam sujos de barro. Após o banho, saciaram-se com café servido. Imediatamente, após a refeição, foram dormir. Os torcedores de União da Vitória ficaram sabendo da chegada da delegação triestina e resolveram fazer um foguetório na frente do hotel. Os rojões espoucaram até o meio-dia. Ninguém conseguiu dormir. Almoço pelas 13 horas. Paulo Roberto falou durante a refeição: ‘Eles nos ferraram, vamos ferrar com eles no jogo!’. Antes de sair do hotel, Paulo solicitou

ao garçom, um litro de conhaque. Colocou na bolsa e levou para o campo. No vestiário, com o litro na mão, indagou se alguém queria dar uma talagada, pois a partir daquele momento, todos iriam para uma 'guerra'. Se um grande gole no conhaque e passou o litro para seus companheiros. No campo de Jogo, todo encharcado, as disputas foram ferrenhas. Jogo igual, pau a pau (...) Trieste 1 x 1 Avahy e quando o árbitro trilhou seu apito, encerrando a partida, a equipe curitibana teve que esperar o aparato policial para chegar ao vestiário. A torcida queria 'pegar' todo mundo. No vestiário aconteceu uma grande comemoração. Abraços e Lágrimas. Ufa! A viagem de retorno foi feita por Irati. No ônibus reinava um silêncio sepulcral. Todos dormiam profundamente até Curitiba. (MACHADO; CHRESTENZEN, 2006, p. 176-177).

A motivação dos torcedores locais para querer agredir os adversários, foi em razão do gol de empate feito por Paulo Roberto, que além de ter sido uma jogada individual muito bem executada, que o permitiu entrar no gol com a bola e tudo, o fez correr para a torcida Avaiana mostrando a genitália. Na partida de volta, realizada na semana seguinte (dia 30), no Estádio Francisco Muraro, na capital paranaense e após uma golear por 4 a 0, com a presença maciça da torcida triestina, os curitibanos avançam de fase e foram campeões.

Foi criada uma grande expectativa para a participação avahiana na Taça Paraná de 1971, quando o clube trouxe diversos atletas para reforçar o time, embora o temor de ter jogadores cooptados pelo Iguacu, recém fundado, e até um amistoso contra um time profissional foi marcado. No Enéas de Queiroz, estádio do Ferroviário de União da Vitória, o Avahy empatou em 2 gols com o Pontagrossense. Na Taça Paraná, o adversário foi o Guarani de Irati e na primeira partida, realizada fora de casa, no Estádio Fioravante Slavieiro (estádio do União Olímpico), no dia 17 de outubro, uma derrota por um a zero, no dia 24, o jogo ficou empatado em um gol para cada lado, no Mário Guedes e assim o Avahy se despedia para sempre da Taça Paraná.

Com a ascensão do clube profissional da cidade e outros motivos relatados ao longo desse trabalho, o futebol amador local, outrora pujante, passou a ser apenas lembranças na memória de quem o viveu e o Avahy ainda sobrevive com seus abnegados associados que frequentam sua sede para contar história de um passado cada vez mais desconhecido das novas gerações.

Figura 6: Sede do Avahi, o único clube ainda em atividade.



Fonte: Acervo do Autor.

3.5 BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE – a gênese do “Pó de Arroz”

Incentivado pelos padres que lecionavam e dirigiam o Ginásio São José (hoje Colégio São José), tradicional instituição de ensino em Porto União, diversos jovens conheceram e se apaixonaram pelo esporte no grande campo que ainda existe e abrigou o surgimento de diversas equipes e a realização de inúmeros torneios. Corria o ano de 1941, um dos principais clubes oriundos do São José, o Botafogo, começava a se desfazer e disputava seus últimos jogos, válido pelos campeonatos internos, pois os mais velhos já haviam deixado o São José para seguir nos estudos, como podemos ver em Wolff (2014, p. 15) quando assim diz: “Em 1941 o Botafogo (...) disputou pela última vez um campeonato interno, pois muitos já haviam saído para estudar fora, especialmente em Curitiba, para fazerem o curso científico e prosseguirem em cursos superiores”.

A garotada remanescente do alvinegro se juntou a outros alunos do educandário que estavam chegando, outros ex-alunos que permaneceram na cidade e ainda, alguns arregimentados por Armando Sarti, e assim, fundaram o tricolor Juventus Futebol Clube, que faria história no futebol amador do Porto União da Vitória.

Apesar de terem o mesmo nome, as mesmas cores e os dois terem sua fundação na catarinense Porto União, não confundir o Botafogo do Ginásio São José, que encerrava suas atividades em 1941, com o Botafogo de Eduardo Cheden, oriundo do Tupi, do Bairro Santa Rosa, uma década depois.

Figura 7. O Colégio São José e seu histórico campo.



Fonte: Silva (2020, p 17)

3.6 CLUBE ATLÉTICO SÃOMATEUENSE – o rubro negro da terra do mate

O Clube Atlético Sãomateuense foi fundado em 8 de novembro de 1938, em São Mateus do Sul, porém, a história do futebol na cidade que mais tarde seria conhecida como “Terra do Mate”, começou bem antes disso, ainda na década de 1920, quando surgiram dois clubes, o Democrata e o Niterói, um era o representante das elites locais e o outro dos trabalhadores da navegação no Rio Iguaçu, que depois se fundiram, originando o São Matheus Sport Club, porém, o nacionalismo do Governo de Getúlio Vargas, “sugeriu” que nomenclaturas estrangeiras fossem abolidas do nosso vocabulário, e assim, foi trocado para o nome que permanece até hoje, sendo também chamado de Atlético ou simplesmente “CAS”.

O Clube disputou campeonatos por diferentes ligas, sendo campeão da Liga Regional do Iguaçu – LERI (1962), da Liga Lapeana (1962), da Liga de Palmeira (1988). Dos clubes que disputaram competições na LERI, o Sãomateuense, junto com o União Olímpico de Irati, foram os dois únicos que se aventuraram no profissionalismo e disputaram alguma divisão do Campeonato Paranaense de Profissionais, organizado pela Federação de Futebol do estado (FPF). O CAS disputou a Segunda Divisão em 1990 (junto com outros 32 times, organizados de forma regionalizada), tendo no seu time apenas jogadores locais e participou da única edição da Quarta Divisão (2001),

quando enfrentou os conterrâneos, União da Vila Prohmann (fundado em 13 de outubro de 1978 e detentor do estádio Clemente Gelinski) e a Associação Desportiva Independente (fundada em 25 de setembro de 1984, proprietário do Estádio Nereu Moacir Guimarães, mais conhecido como Potinga), além do Bosch Esporte Clube (Lapa) e da Associação Atlética Iguaçu, de União da Vitória, tendo esses dois últimos, avançado de fase e enfrentado o Guarapuava Esporte Clube (Guarapuava) e Associação Esportiva Ibirapuã (Ibirapuã), mas ambas equipes outrora integrantes da LERI, ficaram nesta fase. O campeão da competição foi o Internacional Esporte Clube, de Campo Largo.

Em Silva (2019, p. 246), observamos uma curiosa passagem ocorrida com o CAS durante uma viagem para jogar em União da Vitória, quando enfrentou o São Bernardo, cujo estádio ficava na beira do Rio Iguaçu, no bairro de mesmo nome do clube, e o meio de transporte usado para chegar ao local do jogo foi um dos vapores que singravam o já citado rio. A embarcação foi atracada atrás das arquibancadas do estádio e os jogadores visitantes usaram-no como vestiário também. A viagem de ida durou mais de 10 horas e logo após a partida, iniciaram o retorno, que levaria mais tempo, pois subiriam o Iguaçu contra a correnteza. Dizem que durante o trajeto, foi assado um cabrito no vapor da embarcação para alimentar os que estavam a bordo.

No ano de 2010, o clube encerrou suas atividades e entregou seu estádio, Olívio Wolff do Amaral (homenagem ao antigo dono das terras onde foi erguido e seu entorno), quase em ruínas, para a prefeitura, com a condição imposta pelo então presidente do clube, o advogado, tabelião, cartorário, vereador por três mandatos e ex-prefeito (1973 a 1977), Edison Carlos Schramm (falecido em 2016, aos 82 anos de idade), que as cores vermelha e preta permanecessem.

O estádio foi se deteriorando até que foi erguido um novo em seu lugar, homenageando Schramm e inaugurado em 25 de março de 2023, com a presença de sua viúva, a Sra Romilda Terezinha Zanetti Schramm, quando ocorreram duas partidas, na preliminar, as meninas do CAS empatarem em 2 a 2 com as meninas do Berith e depois, os times de veteranos do Sãomateuense venceu por 1 a 0 os veteranos do Coritiba dos anos 90, com a presença de mais de mil torcedores.

Figura 8. O mato tomando conta do antigo estádio.



Fonte: www.gazetainformatica.com.br

Figura 9. O novo Estádio Edison Carlos Schramm.



Fonte: <http://www.gazetainformatica.com.br/>

Uma das fontes para se conhecer um pouco mais daqueles que fizeram a história rubro-negra é um álbum de figurinhas, algo inédito na região, com os cromos de personagens importantes para a trajetória do CAS, sobretudo, seus abnegados jogadores, conforme podemos ver abaixo.

Figura 10. Álbum de figurinhas do Atlético Sãomateuense.



Fonte: Acevo do Autor.

3.7 CLUBE ATLÉTICO UNIÃO OLÍMPICO – o gostinho da elite do futebol

Para nos ater no Clube Atlético União Olímpico, fundado em 18 de maio de 1951, na cidade de Irati, precisamos regressar um pouco mais no tempo e lembrar de dois clubes amadores da mesma cidade, o Olímpico Esporte Clube (1938) e o União Esporte Clube (1948), que se fundiram para dar origem ao clube citado no subtítulo, que também foi participante da LERI, embora por pouco tempo, pois participava também de outras ligas, principalmente a de sua própria cidade¹⁴. Silva (2019, p. 257) nos aponta que o União Olímpico se filiou na LERI em 1954 e de cara fez uma bela campanha, ficando em terceiro lugar após vencer o Avahy por 4 a 1, diga-se de passagem, uma imponente vitória e uma bela colocação final para um time estreante vindo de outra cidade.

¹⁴ A Liga Regional de Futebol de Irati foi fundada em 06 de agosto de 1948 e organizava campeonatos com clubes da cidade e alguns da região, deixou de organizar o citadino em 1986. Seus campeões até 1986 foram os seguintes: 1948 (Iraty Sport Club), 1949 (Iraty SC), 1950 (não disputado), 1951 (não disputado), 1952 (não disputado), 1953 (não disputado), 1954 (não disputado), 1955 (não disputado), 1956 (Iraty SC), 1957 (Clube Atlético União Olímpico, campeão do cinquentenário da cidade), 1958 (CA União Olímpico), 1959 (CA União Olímpico), 1960 (CA União Olímpico), 1961 (Isal Futebol Clube), 1962 (Isal FC), 1963 (Isal FC), 1964 (Isal FC), 1965 (Iraty SC), 1966 (não disputado), 1967 (não disputado), 1968 Associação Esportiva Xerifado, 1969 (não disputado), 1970 (Iraty SC), 1971 (Iraty SC), 1972 (Guarani Esporte Clube), 1973 (Clube Atlético Rebouçense), 1974 (Clube Atlético Iratiense), 1975 (CA Iratiense), 1976 (Iraty SC), 1977 (Iraty SC), 1978 (Iraty SC), 1979 (Iraty SC), 1980 (Iraty SC), 1981 (CA União Olímpico), 1982 (CA União Olímpico), 1983 (América Esporte Clube), 1984 (Iraty SC), 1985 (Iraty SC) e 1986 (Guarani EC). Fonte: Acervo do União Olímpico Esporte Clube.

A grande preocupação inicial na escrita deste trabalho foi justamente acerca deste time, pois era o que vinha de mais distância para disputar os campeonatos e torneios organizados pela LERI e praticamente desconhecido fora de seus domínios, primeiro por estar afastado do futebol profissional e amador há alguns anos e em segundo por ser ofuscado pelo Iraty Sport Club, agremiação que há poucos anos atrás disputava a elite do futebol paranaense (sendo campeão, em 2002), porém foi preciso comentar com uma professora que leciona em uma universidade com Campus em Iriti e logo ela conseguiu o contato do clube e de um professor de Educação Física da cidade, muito ligado ao futebol iratiense, no contato com o clube, logo recebi um timbrado padrão com a História do União Olímpico e o contato de dois diretores, ambos já presidiram o clube e colaboraram e muito com o presente trabalho, o que me fez lembrar de uma frase de autoria desconhecida, que escutei há muito tempo e jamais esqueci: “Você não precisa sentar-se à mesa com o Rei, basta conhecer alguém que sente”. Ou seja, contato é tudo.

Figura 11. Entrada principal da sede do União Olímpico.



Fonte: Acervo do Autor.

Retornando para a história do União Olímpico, a referida carta enviada pela secretaria da entidade afirma que a já citada fusão, foi “forçada” pelo fato de que o União havia solicitado ao Governo do Estado do Paraná um espaço na cidade para que fosse levantado seu estádio, o que foi atendido, porém, o documento de doação, assinado pelo governador, estava em nome dos dois

clubes e assim, resolveram tornar-se um só, unindo seus patrimônios e esforços para erguer o estádio e outras dependências para atender os associados. Assim, pessoas ligadas às duas diretorias, foram consideradas fundadoras do clube¹⁵.

Por ocasião do 9º aniversário do União Olímpico, em 1960, foi feita uma grande festa para o então Tricampeão citadino (seria tetra depois), que apesar de muita chuva, enfrentou o Guarani¹⁶, também de Irati e venceu pelo elástico placar de 9 a 2, relatado pelo Jornal Paraná Esportivo (1960, p. 8) da seguinte maneira:

Olímpico Triunfou na Festa de Aniversário - Apezar (sic) da chuva, bom público presenciou o cotejo - Equipes, detalhes e arbitragem - Pela elevada contagem de 9 tentos a 2, o CAUO goleou espetacularmente o elenco local do Guarani, na tarde do último domingo, em confronto válido pelo certame regional. Foi o primeiro dia da semana de aniversário do clube canarinho, que desta forma principiou com galhardia as suas comemorações alusivas ao 9º aniversário de fundação (MUGGIATI SOBRINHO; ZANELLO, 1960, p. 8).

Após seu nono ano, participação em diversas ligas regionais e a conquista do tetracampeonato citadino, a diretoria do União Olímpico não mediou esforços para que o time participasse do Campeonato Paranaense de Profissionais e assim, dos clubes participantes da LERI, o União Olímpico foi o que mais vezes disputou o Campeonato Paranaense, e o único a jogar a elite estadual, em cinco ocasiões, entre os anos de 1961 a 1965, tendo em 1964, participado também do Torneio Barros Junior, no qual ficou na última colocação¹⁷

¹⁵ Foram fundadores do Clube Atlético União Olímpico, as seguintes desportistas: Odilon Clair, Alvir Messias, Derci Slaviero, Ariél de Freitas Trancoso, Valdomiro de Castilhos, Estanislau Waldzik, Guilherme de Lara Jr., Caio Newton Slaviero, Ari Kiffuri, Aleon Amaral Gruber, João Anciutti Pessoa Ponterrie, Dinor Bittencourt, Alcir Xavier da Silveira, Emilio Gomes, Silvio Amaral Gruber, Geraldo Meira, Agostinho Zarpellon Junior, José Hélio Mazorra, Ozeás Lisboa, André Filipak, Theodoro Zeni, Jorge Garzuze e Renato R. Filipak. Fonte: Paraná Esportivo (1960, p.8).

¹⁶ Ficha técnica da referida partida: 15/05/1960 (domingo, 15:30h) – UNIÃO OLÍMPICO 9 x 2 GUARANI (Irati); Local: Estádio Fioravante Slavieiro (Irati-PR); Competição: Campeonato Citadino; Árbitro: João Zuber; Assistentes: Carlos Karas e Adriano Trevisan; Renda e Público: Cr\$ 3.704 – público não divulgado; Gols: Mando (3), Jorginho (2), Orlandinho (2) e Dallegrave (2) (União Olímpico); Jéquinhão (pênalti) e Batata (Guarani); Anormalidades da Partida: a saída de Alfredo (Guarani), aos 40' do final, por motivo de contusão; Formação das Equipes: UNIÃO OLÍMPICO: Rato; Jaime e Danclise; Nide, Bagio e Pinga; Orlandinho, Dallegrave, Komlnski, Mando e Jorginho; GUARANI: Italianinho; Cigano e Alfredo; Paulinho, Leônidas e Tadeu; Adão, Batata, João, Pêzinho e Jéquinhão. Fonte: (Paraná Esportivo (1960, p. 8).

¹⁷ Dia 07/05/1964 (Quinta-Feira) - 1ª Rodada: Guarani 1 x 1 União Olímpico; Operário Ferroviário 5 x 2 Caramuru; Dia 10/05/1964 (Domingo) - 2ª Rodada: Guarani 4 x 2 Caramuru; Operário

e contou com a participação do Caramuru Esporte Clube (Castro-PR), além dos pontagrossenses: Guarani Esporte Clube e Operário Ferroviário.

O Estádio do clube foi batizado com o nome de Fioravante Slaviero, pai do primeiro presidente do clube depois da fusão, Sr. Derci Slaviero, que ficou no cargo entre os anos de 1951 e 1958. Mesmo sem a colocação do gramado, o time já treinava no local, que fora inaugurado durante uma partida entre o União Olímpico e um time da cidade catarinense de Canoinhas, e os donos da casa venceram por 6 a 3, em partida realizada no dia 2 de março de 1952.

A localização da praça esportiva e o aprazível cheiro dos eucaliptos, que circundavam o campo e seu entorno, visíveis na imagem abaixo, fizeram o local ganhar dois apelidos: “Estádio dos Eucaliptos” e “Estádio da Baixada”, como é conhecido até os dias de hoje.

Figura 12. Cartão Postal do Fioravante Slavieiro.



Fonte: Acervo do Autor.

O gramado do estádio é considerado a “joia da coroa” como citou dois diretores do União, que segundo eles: “é o melhor gramado da cidade”, sempre

Ferroviário 1 x 0 União Olímpico; Dia: 17/05/1964 (Domingo) - 3^a Rodada: Caramuru 3 x 0 União Olímpico; Operário Ferroviário 2 x 2 Guarani. Classificação: Campeão: Operário Ferroviário, 5 pontos; 2º Lugar: Guarani 4 pontos; 3º Lugar: Caramuru, 2 pontos e 4º Lugar: União Olímpico, com apenas um ponto conquistado.

em boas condições, assim como a bela arquibancada, vestiários, banheiros e bar, em excelentes condições de uso.

Atualmente o clube mantém sua parte social e o estádio em boas condições, sem mais a presença de seu time profissional e nem amador, porém, o campo é utilizado pelo time de veteranos e as escolinhas de futebol para a garotada, que um dia poderá proporcionar o retorno do clube aos gramados para disputa de campeonatos e torneios.

3.8 FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE – nos trilhos da bola

Em finais do século XIX e início do XX, os serviços industriais e de infraestrutura no Brasil, eram de domínio quase totalitário do capital estrangeiro, principalmente inglês, assim, as companhias de iluminação, transporte, indústria têxtil, rede ferroviária, entre outros ramos de atividade, proporcionavam a vinda de muitos estrangeiros para o país, já com experiências nessas áreas e para ocuparem cargos administrativos e/ou de chefia.

Com a chegada dessa mão de obra qualificada, viria também em suas malas, os materiais necessários para a prática do futebol, como bolas, chuteiras, uniformes, livro de regras, entre outros, já que em solo europeu, o esporte já era bastante difundido. Assim, essas empresas foram montando seus times, inicialmente com a presença maciça do imigrante, depois abrindo espaço para os brasileiros, para se divertirem nas horas de folga, como podemos ver na passagem narrada por Voitc (2009), que diz que:

O futebol sempre caminhou de mãos dadas com as ferrovias, já que a maioria dos engenheiros e técnicos que vinha da Europa era ingleses, fãs de rugby, críquete e de futebol e entre os três, o mais fácil de ser praticado era o futebol, pois com uma bola e um grupo de homens dispostos a correr atrás dela, a diversão era garantida. Ocorre que o esporte logo deixou de ser artigo reservado aos europeus, pois as linhas férreas iam desbravando o interior. Trabalhadores brasileiros eram contratados pelas companhias e aprendiam o esporte. Mesmo quem não era funcionário começava a assistir às partidas e virava também um jogador. (GAZETA DO POVO, 03/01/2009).

Com a expansão da ferrovia e a transição constante de seus funcionários, o futebol pode ganhar os mais distantes rincões do Brasil e assim, clubes ferroviários foram sendo criados pelos quatro cantos do país, como

percebemos quando nos fala Bach (2008, p. 249), quando diz que: “Fortalecidos pelo espírito da família ferroviária, esses clubes, quase sempre denominados Ferroviários, construíram enormes estádios, conquistaram títulos expressivos e contavam em suas equipes com jogadores famosos”. O mesmo autor, assim como Buchmann (2002) nos apontam uma relação de diversos clubes espalhados pelo Brasil, surgidos através dos trabalhadores da ferrovia (a maioria deles, ficou apenas no âmbito do futebol amador, embora muitos que se aventuraram no profissionalismo, atingiram relativo sucesso) e a cidade de União da Vitória não ficou imune a essa prática, tendo os primeiros funcionários da via férrea ajudado a fundar o União Esporte Clube, em 1921 e posteriormente, o Ferroviário Esporte Clube, que iniciou suas atividades no dia primeiro de maio de 1944, aliás, a data do “Dia do Trabalhador¹⁸” é bastante presente como marco de fundação de muitos dos times Ferroviários.

Dos clubes surgidos pelos trabalhadores férreos, ainda em atividade, o mais antigo deles é o Sport Club São Paulo da cidade gaúcha de Rio Grande, fundado em 04 de outubro de 1908, em contraponto ao outro clube local, o elitista Sport Club Rio Grande, fundado em 1900, que carrega a alcunha de “Clube mais antigo do Brasil ainda existente”.

Em terras paranaenses, o pioneirismo de um clube originário das vias férreas, coube ao Operário Ferroviário, fundado em 01 de maio de 1913, na cidade de Ponta Grossa e se mantém em atividade até os dias atuais, com sua sede e estádio localizados no bairro de Vila Oficinas, porém, o principal Ferroviário existente no Paraná foi o de Curitiba, que é um dos clubes que ao longo de fusões, fizeram o Paraná Clube ganhar vida em 1990 e era o proprietário do Estádio Durival de Brito e Silva, a “Vila Capanema”, construída em terreno cedido pela Rede Ferroviária, na década de 1940, tornando-se o mais moderno do estado na época, razão de ter sido palco para a Copa do Mundo de 1950, a primeira realizada no Brasil.

Conforme já citado, em um primeiro momento, os ferroviários de União da Vitória se aglutinaram no União, até a fundação, em 1944, do Ferroviário Esporte Clube, que ostentava as cores verde e preto e foi um dos principais

¹⁸ Data oficializada no Brasil em 1924, pelo então presidente, Artur da Silva Bernardes (1875-1955), que governou o país entre 1922 e 1926.

campeões da LERI (Liga Esportiva Regional Iguaçu), liga amadora regional, que abraçava clubes de Porto União da Vitória e cidades vizinhas.

O Ferroviário ergueu sua sede em área cedida pela Rede Ferroviária, nas proximidades da vila onde moravam boa parte de seus funcionários, com seus familiares. O clube não era destinado somente ao futebol e sim a ser o grande espaço de sociabilidade da “Família Ferroviária”, tanto que o estádio somente apareceria em anexo a sede do clube, vinte anos após a fundação dele.

No salão do Ferroviário aconteciam reuniões, assembleias, bailes, brincadeiras, festas e diversos outros eventos esportivos e sociais, conforme podemos atestar em Buchmann (2002, p. 47), quando diz: “Um importante clube também na parte social, onde era promovidos cursos de bordados para as moças, concursos de miss, bailes de carnaval e festas que ficaram famosas”.

Com apoio da Rede Ferroviária, o clube não tinha problemas para realizar jogos fora da cidade e também para trazer adversários visitantes, sobretudo times também oriundos de ferrovias, como podemos ver reportagens do Jornal O Comércio, que nos mostra que outros times da cidade aproveitavam a presença desses clubes para marcarem partidas contra eles também, como aconteceu em fevereiro de 1953, quando a cidade recebeu o Clube Atlético Ferroviário, de Curitiba, que enfrentou no dia 08, a equipe do São Bernardo e no dia seguinte o Ferroviário local, com ambas as partidas realizadas no Enéas de Queiroz. (O Comércio, Ed. 348, 26/06/1953).

No mesmo jornal, percebemos que esta iniciativa durou por bastante tempo, pois “O Comércio” (Ed. 907, 23/09/1965) também registrou a presença do Apucarana Futebol Clube, da cidade paranaense do mesmo nome, que enfrentou o Ferroviário neste dia, e no dia seguinte, a Seleção da LERI, tendo mais uma vez, o Estádio da Vila Ferroviária como palco.

Coube ao Ferroviário Esporte Clube, a maior conquista de um clube amador local, quando no ano de 1964, conquistou a primeira edição da Taça Paraná¹⁹, competição organizada pela Federação Paranaense de Futebol (FPF),

¹⁹ Com 17 participantes, a Taça Paraná de 1964 foi dividida em quatro chaves: Chave Sul 1 - Araucária Futebol Clube (Araucária), Associação Esportiva Porcelana Steatita (Campo Largo), Clube Atlético Seleto (Paranaguá), Real Esporte Clube (Curitiba), XV de Novembro Esporte Clube (Antonina); Chave Sul 2 - Esporte Clube 7 de Setembro (Dois Vizinhos), Ferroviário Esporte Clube (União da Vitória), Isal Esporte Clube (Iraty), Pavão Esporte Clube (Guarapuava); Chave Norte 1 - Atlético Clube Paranavaí (Paranavaí), Clube Atlético Loandense (Loanda), Grêmio Esportivo Maringá (Maringá), União dos Estudantes (Apucarana); Chave Norte 2 -

que reunia os campeões das ligas amadoras do estado, sendo disputada até os dias atuais. Outros clubes locais tentaram alcançar a façanha, mas não obtiveram sucesso. A Taça Paraná era rotativa e ficaria com quem a ganhasse primeiro por três vezes e assim, o Trieste Futebol Clube, do Bairro Curitibano de Santa Felicidade, ficou com ela, ao vencer nos anos de 1965/66 e 1969. O troféu que se encontra nas dependências do Ferroviário foi um presente da Prefeitura Municipal de União da Vitória ao clube por sua conquista.

Figura 13. Time Campeão da Taça Paraná.



Fonte: Pardo (2019, p. 177)

Orgulho de todos que fizeram e fazem parte do “Clube da Vila”, torcedores, jogadores, dirigentes e simpatizantes, o Estádio Enéas de Muniz Queiroz, homenagem ao segundo presidente da história do clube e superintendente da Rede Ferroviária, construído quando o clube completava 20 anos de vida, foi palco de partidas memoráveis, não só dos donos da casa, que ali venceram a Taça Paraná²⁰, como de outros clubes locais que ali mandaram seus jogos, devido a boa capacidade de público.

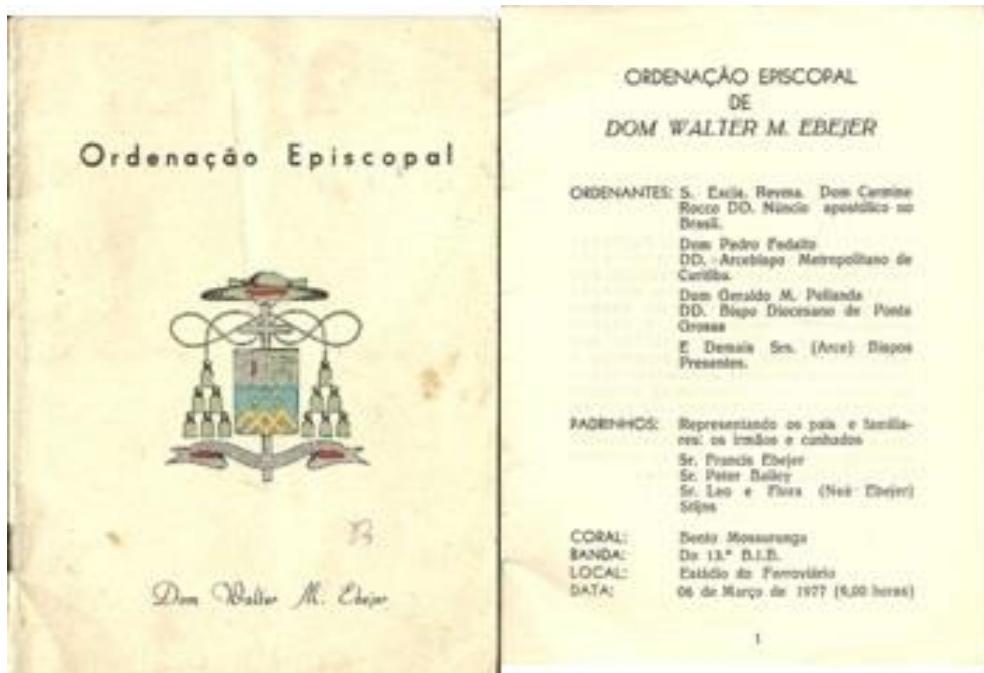
Associação Atlética Portuguesa (Londrina), Azul Clube (Cornélio Procópio), Clube Atlético Platinense (Santo Antônio da Platina), Clube Esportivo Agroceres (Jacarezinho). Fonte: RSSSF, disponível em <https://rsssfbrasil.com/tablesfq/pr1964am.htm>. Acessado em 20/09/2023.

²⁰ A Campanha do Ferroviário Esporte Clube na competição foi a seguinte: 1ª Fase/Chave Sul 2 – Isal 0 x 4 Ferroviário, Ferroviário 0 x 0 Isal, Ferroviário 3 x 1 Pavão, Pavão 3 x 2 Ferroviário (na prorrogação 1 x 1 e o Ferroviário se classificou pelo saldo de gols); Semifinal: Real 1 x 1 Ferroviário (Dia 13/12, em Curitiba), Ferroviário 2 x 2 Real (Dia 20/12, em União da Vitória), Na prorrogação 0 x 0 e nas penalidades máximas, 7 x 6; Final: Agroceres 1 x 0 Ferroviário (Dia

Também foi nas dependências do Ferroviário que a Associação Atlética Iguaçu, time profissional da cidade, deus seus primeiros passos e mandou seus jogos por mais de 15 anos (até 1987, quando passou a jogar no Estádio Municipal Antiocho Pereira, antigo campo do União) e retornando ao Enéas de Queiroz, em 1992, pois o Antiocho servira para acolhimento de desabrigados pela enchente do Rio Iguaçu ocorrida naquele ano.

Diversos eventos aconteciam nas dependências do clube, como nos mostra Pardo (2014, p. 53) quando aponta que na manhã do dia 06 de março de 1977, ocorreu no gramado do estádio, a ordenação episcopal de Dom Walter Michael Ebejer, presenciada por diversas autoridades políticas e eclesiásticas, conforme podemos ver na capa do programa da festividade religiosa.

Figura 14. Programa da ordenação de D. Walter.



Fonte: Acervo do Autor.

O mesmo autor também aponta que para a manutenção do clube, diferentes formas de arrecadação eram aplicadas, dizendo que:

03/01/1965, em Jacarezinho), Ferroviário 2 x 0 Agroceres (Dia 13/01/1965, em União da Vitória), na prorrogação: Ferroviário 1 x 0. Fonte: RSSSF, disponível em <https://rsssfbrasil.com/tablesfq/pr1964am.htm>. Acessado em 20/09/2023.

Para a aquisição de novos bens e a manutenção de sua sede, o Ferroviário contava com diversas receitas, como as mensalidades pagas pelos associados, o aluguel das quadras esportivas e do salão, renda (ou parte dela) dos eventos realizados em suas dependências, incluindo a venda de ingressos para os jogos. Também contavam com ajuda esporádica da Rede Ferroviária. Outra importante fonte de renda para o clube eram as contribuições mensais que os ferroviários destinavam para sua agremiação, descontada diretamente da folha de pagamento (...) com todos os trabalhadores ferroviários aposentados e muitos deles, já falecidos, a prática de doação ao clube, descontado nos vencimentos ainda permanece atualmente, embora rarearem cada vez mais. Aqueles que continuam destinando sua contribuição mensal à agremiação que um dia foi a fiel representante da classe, assistem seu definhamento, depois de findado o transporte ferroviário regular e o sucateamento da malha férrea (PARDO, 2014, p.55).

A inauguração do estádio deu-se no dia do trabalhador e vigésimo aniversário do clube, quando confrontaram-se os Ferroviários de União da Vitória e seu coirmão de Curitiba, que venceu a partida por quatro a zero, e esses festejos, o jornal O Comércio (Edição 867, 04/05/1964) relatou que: “Com casa lotada e com direito a banda de música, a “família ferroviária” se encheu de orgulho e durante os dois dias subsequentes, os festejos continuaram com muito futebol, jogos, músicas e uma prova ciclística, formando um verdadeiro festival”.

A moderna praça esportiva tornou-se a maior da cidade (e da Região) e foi motivo de orgulho para “família ferroviária”, conforme destacado pela reportagem do Jornal O Comércio, intitulada “Obra que embelezará a cidade”, em sua edição nº 844, de 19 de abril de 1964, dias antes da grande inauguração.

Figura 15. Cartão Postal do Enéas de Queiroz.



Fonte: Acervo do Autor.

Paralelamente ao Ferroviário, existia com apoio ao mesmo, o Ferroviarinho, uma espécie de categorias de base do clube e a garotada jogava bem próximo a vila ferroviária, em um campinho localizado onde hoje encontra-se o SESI (Serviço Social da Indústria). Nesse campo corria uma valeta de óleo diesel, já que as oficinas de manutenção das máquinas eram nas proximidades e existia um poste de trilhos no campo. Era comum jogadores chocarem no poste ou caírem na valeta e ficarem todos sujos de óleo. O time disputava os campeonatos organizados no Colégio São José e no Campo do Nacional, que ficava nas imediações do cemitério, no bairro de São Francisco, em Porto União.

Figura 16. Antigo Campo do Ferroviarinho, onde hoje se encontra o SESI.



Fonte: (Silva, 2020, p. 26).

Com o fim da Rede Ferroviária e negociação de terrenos com a Prefeitura Municipal de União da Vitória, que ficou como proprietária do espaço outrora da via férrea e que será colocada em leilão, provavelmente para saciar a especulação imobiliária e que botará abaixo parte da história da cidade, coisa que está se tornando comum.

3.9 JUVENTUS ESPORTE CLUBE - O Campeão do Centenário

“Sua memória sobrevive para ser respeitada”
(Wolff, 2014, p. 50)

Fundado por Armando Sarti com um grupo de garotos da cidade, somados com remanescentes do antigo Botafogo do Colégio São José, originando o Juventus, conforme narra Wolff (2014, p. 13-15) quando diz que:

No bairro Cidade Nova, em Porto União, um grupo de garotos se reunia em um terreno baldio ao lado da residência da família Sarti para jogar futebol e pouco depois, os treinos passaram a ser na esquina das ruas João Pessoa com Absalão Carneiro, campo onde já treinava o Clube Atlético, de propriedade do Dr. Bráz Limonge, conceituado médico e ex-prefeito de Porto União.

Paralelamente a esses jovens, outro timinho de meninos se reunia na área central da cidade para jogar em um improvisado campinho situado na Rua Prudente de Moraes, em terreno ao Lado da Loja Damasco, ambos imóveis de propriedade do Sr. Miguel Farah, entre os garotos estavam: Kosky e Caio (filhos do conceituado médico Dr. Lauro Muller Soares), Willy Carlos Jung, o “Willinho” (farmacêutico e dono de laboratório de análises clínicas, pai do ex-prefeito de União da Vitória, o “Juco”), além dos membros da família anfitriã, Farah Saliba Neto, Jaber Farah e a goleira Salime Farah (famosa política, ginecologista e obstetra ainda atuante em nossas cidades).

Curiosamente, no outro grupo, tinha outra menina no gol, Edil Sarti, justamente em uma época em que os esportes de impacto, como futebol, corrida, lutas, entre outros, eram proibidos para as mulheres, pois poderiam atrapalhar “as obrigações naturais femininas”, que eram cuidar do lar e ser mãe.

Por iniciativa do descendente de italianos, Armando Antônio Marcos Sarti, que viu potencial naqueles dois grupos de rapazes (que tinham duas moças) que jogavam bola nos campinhos da cidade, alguns deles também alunos do Ginásio São José e criou um time de futebol que levaria o nome do time de sua simpatia na Itália, assim como as cores do país em seu uniforme (calção branco, camisa branca com listra verde e vermelha), surgindo assim, o Juventus Futebol Clube, fundado em 7 de setembro de 1942.

Ainda na memória dos mais antigos, que viveram naquela época, a figura de Frei Libório Lueg, nascido na Alemanha (chegado em Porto União em 1935),

foi professor, diretor e incentivador do esporte no São José, mesmo após ter ido embora da cidade, manteve contato com amigos, principalmente do Juventus, como podemos perceber em correspondência do mesmo, já morando no interior de São Paulo (Tietê, onde faleceu), mas enviando suas condolências por ocasião da morte de Armando Sarti, assim descrita:

Casa dos Meninos de Tietê - Rua Cornélio Pires, 200 fone: 82-2266 - CEP: 18530 – Tietê – SP - Tietê, 03\11\88 - Prezado amigo, Sr. Carlos Metzler. Prezada “Família Juventina”: Recebi o telegrama, pelo qual me fizeram ciente que o inesquecível Amigo Sr. Armando Sarti foi chamado por Deus. Participo do luto, Uma vez que o Sr. Armando tem sido por muitos anos um incondicional. Amigo meu, especialmente no setor esportivo. O nosso querido Juventus, teve o seu berço no Colégio São José e uma grande parte dos esportistas. Nos primeiros anos eram alunos nossos. Sr. Armando foi um “leader” por escola, que não media esforços e sacrifícios pelo clube por ele fundado na “Data Magna” da história Brasileira. Há poucos dias, acho até que tenha sido o dia do falecimento dele, Lembrei me desse grande amigo e do irmão dele, do Sr. Léo Sarti. Será que foi uma mera coincidência? Ou quis ele fazer-se lembrado por mim no dia da despedida dele aqui na terra? Há mistérios neste particular. O que nos resta é rezar pelo descanso eterno do nosso querido falecido. Mandarei celebrar uma santa missa pela alma dele. Prezado amigo, Sr. Carlos: peço de transmitir a todos os juventinos os meus pêzames, em particular a senhora viúva, aos filhos do Sr. Armando. Não conheço o endereço da família. Pretendo em janeiro fazer com Frei Sérgio uma visita à Porto União. Caso que se realize esta Visita, quero, talvez numa reunião dos juventinos, fazer uma homenagem póstuma ao Falecido, lembrando, naquela ocasião, passagens dos “tempos gloriosos” do Juventus F.C. Na expectativa de um reencontro nosso, o meu abraço amigo ao senhor, aos atuais juventinos e à família enlutada do Sr. Armando, do amigo de sempre. Ass: Frei Libório Lueg. Ps: respeitosos cumprimentos à sua família e aos seus parentes (WOLFF, 2014, p. 55).

Da Silva (2019, p. 154) corrobora com as palavras de Wolff acerca da fundação do clube e da importância de Armando Sarti para o Juventus e para o futebol amador regional, apontando que o mesmo arcou com as despesas do primeiro uniforme juventino, que jogou pela primeira vez no São José, no dia 7 de setembro de 1949, contra garotos remanescentes do Botafogo, com alguns novos atletas, ou convidados para aquela partida, não tardou muito, vários desses meninos seriam convidados para integrarem as fileiras tricolores.

Armando Sarti não era um abastado, possuía sua boa casa no Cidade Nova, área adjacente do centro da cidade, graças ao seu pesado trabalho de fornecer lenha para a Rede Ferroviária, que fazia afastar-se da cidade por longos tempos, mas nunca deixando de ter notícias de seus “meninos”. Fazia o que podia para não deixar faltar nada aos jogadores do Juventus, mas nem sempre

podia arcar sozinho com os custos e por esse motivo, foi estipulado em comum acordo entre dirigentes e jogadores, uma quantia mensal para que as despesas do clube fossem honradas e as mesmas deveriam ser pagas em dia, para garantir sua participação nos treinamentos e jogos. Quando as coisas apertavam de verdade, Wolff (2014, p. 16) nos conta que: “os jogadores faziam campanhas para arrecadar garrafas e as vendiam nas indústrias de bebida. Tudo feito em prol da continuidade e do bom andamento do futebol”.

O Juventus era chamado pelo apelido “Pó de Arroz”, em alusão a origem italiana de Armando Sarti, mas embora não comprovada, o apelido pode ter vindo do Rio de Janeiro, pois o Fluminense que ostenta as mesmas cores tem a mesma alcunha e origem elitizada, lembrando que o Colégio São José sempre foi particular, sendo o preferido dos filhos da alta sociedade local, assim como a família Farah era uma das mais tradicionais do lugar.

Com a conquista do campeonato de 1949, veio o bicampeonato no ano seguinte, credenciou o clube para a disputa do Campeonato Estadual, conforme nos fala Santos (2004), que as equipes disputantes foram: “Juventus F.C. (Porto União), Avaí F.C. (Florianópolis), C.A. São Francisco (São Francisco do Sul), G.E. Olímpico (Blumenau), Hercílio Luz F.C. (Tubarão), Ipiranga F.C. (Canoinhas) e Comerciário E.C. (Criciúma). E prossegue:

A disputa anterior não havia agradado a maioria dos disputantes e Santos (2004) diz que no ano de 1950, a Fórmula de disputa foi regionalizada e o Juventus enfrentou o Ipiranga na Fase Preliminar pela Zona Norte, com partidas realizadas em 13 e 19 de março, com duas vitórias juventinas, em Porto União por 2 a 0 e na partida de volta, outro triunfo, dessa vez por 3 a 2, jogando no Estádio no Alinor Vieira Corte, em Canoinhas. Pelas semifinais da Zona Norte, o time de Blumenau saiu-se vitorioso, com duas belas vitórias, a primeira em Porto União (5 a 2 no dia 26 de março) e nova goleada, no dia 02 de abril, por 5 a 1, levando o Olímpico a disputar com o Avaí (Vencedor da Zona Sul) o título daquele ano e sagrar-se o grande campeão do estado, ao vencer em casa por 6 a 1 (30 de abril) e na capital (7 de maio) por 4 a 1. O Juventus ficaria com a quarta colocação nesse certame. (SANTOS, 2004).

O tão sonhado Estádio Municipal de Porto União, que levaria o nome oficial de Interventor Mário Fernandes Guedes, homenagem ao político e Capitão da Polícia Militar de Santa Catarina, que administrou a cidade entre os anos de 1943 a 1945 e exerceu diversos cargos públicos no estado, foi oficialmente inaugurado nos dias 9 e 10 de outubro de 1949, com diversos

eventos, inclusive a coroação da Miss Esportes daquele ano, discurso de autoridades e duas partidas entre os primeiros e segundos quadros de Juventus e Ferroviário, conforme Wolff (2014, p. 29) nos relata assim:

Os aspirantes juventinos enfrentaram praticamente o esquadrão titular do Ferroviário F.C vencendo por 2 a 0 e na sequência, a equipe titular juventina enfrentou o Ferroviário, que jogou com seis atletas profissionais vindos especialmente de Curitiba, e então foi derrotada por 4 a 3.

O Campeonato de Porto União de 1950, já jogado no novo palco, porém, sem a presença do Avahy no segundo turno, que deixou a LDNC para integrar-se aos quadros da LERI, e deste certame participaram: Atlético, Villa Nova, Tupi F.C, Avahy, Ipiranga F.C. (Matos Costa), E.C. Valões (da localidade do mesmo nome, hoje município de Irineópolis) e o Juventus, que ficou com o bicampeonato e uma nova participação no Campeonato Estadual.

Figura 17. O Mário Guedes sempre com bom público em dia de jogos.



Fonte: Silva (2019, p. 24).

Era bem comum os clubes locais fazerem amistosos entre os intervalos, inclusive contra times profissionais de outras cidades, clubes medianos de Curitiba, como Água Verde, Savóia, Britânia, entre outros, além do Ferroviário, já que havia um coirmão local.

Na vizinha União da Vitória, desde 1931, já estava organizada a Liga Esportiva Regional Iguaçu (LERI). Jogadores, cada vez mais motivados para se defrontarem com as demais equipes, tinham o aval das diretorias na organização

de um Campeonato das Cidades, que teve início com uma disputa realizada no campo do União Esporte Clube (atual Estádio Antiocho Pereira) e conforme nos diz Wolff (2014, p. 25), que: “Defrontando-se, Juventus e União, coube a vitória ao “dono da casa” e ao Juventus o segundo lugar”. Outro fator interessante desta competição foi o registro do primeiro jogo do Juventus contra Tupi, nas categorias titular e aspirante, quando os juventinos venceram pelas largas contagens de 14 a 0 e 12 a 0, respectivamente seu adversário. Armando Sarti, sempre acompanhado por sua esposa Ruth, reconhecendo o esforço de seus atletas, propôs a abertura de uma poupança na Caixa Econômica Federal, cujos fundos eram arrecadados da venda dos ingressos nos jogos.

Nos anos de 1950, o Juventus alugou duas salas no Edifício Feijó, na Rua Visconde de Guarapuava, abençoadas por Frei Sebaldo, vigário de União da Vitória, para ser a sede do clube, que passava a contar com equipes femininas e masculinas de voleibol, masculina de basquetebol, de ciclismo e corrida, como a dedicação não era mais exclusiva ao futebol, houve a alteração da nomenclatura para Juventus Esporte Clube, alavancando o crescimento da agremiação, sempre sob o comando de Armando Sarti, enérgico e ao mesmo tempo carinhoso e gentil com seus pupilos, demonstrados em simples gestos, todo sua preocupação para com seus comandados, incluindo o fortalecimento físico e o estado nutricional dos mesmos, como demonstra cita Wolff (2014, p. 31) ao dizer que: “Durante a semana reunia-os no restaurante da Estação Ferroviária União e antes da chegada do trem de São Francisco (conhecido “Bananeiro”) pagava-lhes uma rodada de “mineiro” (leite, chocolate e gemada). Na nova sede, o Juventus ostentava sua nova bandeira, com o emblema juventino bordado pela coordenadora da equipe feminina de Vôlei, Clélia Sarti, idealizado pelo artista plástico Mário de Abreu Carvalho Pinto.

Em sua primeira participação na LERI, o Juventus chegou na final da competição, mas foi derrotado pelo Ferroviário, porém, no ano seguinte, que marcava o centenário de emancipação político-administrativa do Paraná, ocorrida em 19 de dezembro de 1853, a equipe conquistou o que considera seu maior título, e devido a essa conquista, a equipe tricolor disputou o Campeonato do Centenário do Interior do Paraná, ficando na terceira colocação e aumentando sua popularidade, fazendo com que muitos convites para amistosos chegassem à diretoria, assim como propostas para que atletas fossem para outras praças.

Wolff (2014, p. 39) coloca que o Olaria do Rio de Janeiro, Grêmio de Porto Alegre e Coritiba, chegaram a enviar representantes para convencer atletas com propostas para levar jogadores locais, oferecendo salários, moradia e até passagens aéreas (naqueles tempos, o aeroporto de União da Vitória tinha voos regulares), mas no final, o amor à camisa juventina superava qualquer proposta.

Em 1974, as atividades do Juventus foram interrompidas e uma sala foi alugada na Rua Sete de Setembro, no Edifício Norschni, para guardar e reunir todo o acervo do clube, tais como: troféus, fotografias, uniformes e documentos. A intenção era não deixar que aquele rico material, caísse em mãos estranhas à sociedade juventina e para arcar com este custo, foi passado uma lista de doações. Já com as doações rareando, em meados dos anos de 1980, já sem como pagar o aluguel da sala, foi passado um “Livro de Ouro” nas duas cidades e em outros municípios onde viviam pessoas ligadas ao Juventus, ou seus descendentes e dessa forma, a “sala do acervo” foi mantida até o ano de 1999, quando ficou insustentável arcar com as despesas e a solução encontrada, segundo Wolff (2014, p. 47), foi solicitar através de um ofício, que o Colégio São José ficasse encarregado da guarda daquele material, o que foi aceito pelo então diretor da instituição, Frei João (Willian Heinrichs), o acervo foi recebido e por sua determinação o mesmo deverá ficar sob responsabilidade da Fundação Cultural Esportiva Educacional do Colégio São José, no Ginásio Alexandre Passos Puzyna. De certa forma, a documentação e acervo de um clube fundado também por antigos alunos do São José e que lá jogou por diversas vezes e ajudou a escrever a história do futebol local, retorna ao local de origem em forma de memorial e saudosas lembranças.

Por ocasião do cinquentenário do Juventus Esporte Clube, em 1992, além de uma moção ao clube, a Câmara Municipal de Porto União aprovou e o Prefeito Ari Carneiro Jr. sancionou a lei nº 1876\92, que deu o nome do Sr. Armando Sarti, ao Módulo Esportivo (hoje Estádio Municipal de Porto União).

O Juventus nunca teve seu estádio próprio, utilizava o Estádio Municipal de Porto União, que era o Mário Guedes, construído para que os clubes desta cidade pudessem participar das competições organizadas pela Federação Catarinense de Futebol.

O local para a construção da praça esportiva foi em um terreno doado pelo Sr. Eduardo Senff, que tinha duas intenções para o local, um estádio de

futebol ou um campo de aviação. E assim o projeto de construção do Estádio Municipal que foi batizado de Mário Fernandes Guedes²¹, antigo interventor da cidade e um dos fundadores da LENC foi posto em execução na gestão do então prefeito Lauro Muller Soares, médico e notório incentivador dos esportes. A obra do estádio foi noticiada na Edição nº 65, de 05 de maio de 1949, do Jornal “O Comércio”. Wolff, (2014, p. 19) nos relata que: “O trabalho era incessante: dirigentes e jogadores empenharam-se exaustivamente até mesmo na realização da terraplanagem do campo, carregando e descarregando terra em carrinhos de mão”.

De maneira provisória, o campo foi utilizado pela primeira vez em abril de 1949, onde pela manhã, os times de aspirantes do Juventus ganharam do São Bernardo pelo placar de 4 a 1 e na parte da tarde, os dois clubes duelaram com suas equipes principais, com nova vitória juventina por três a um. A inauguração oficial deu-se no dia 9 de outubro do mesmo ano, com a coroação da “Miss Esportes” e como pode ser observado em Wolff (2014, p. 29).

Naquela ocasião as equipes titulares e aspirantes de Juventus e Ferroviário inauguraram a almejada Praça de Esportes. Os aspirantes juventinos enfrentaram praticamente o esquadrão titular do Ferroviário F.C vencendo por 2 a 0. A equipe titular juventina enfrentou o Ferroviário, que jogou com seis atletas profissionais vindos especialmente de Curitiba, e então foi derrotada por 4 a 3.

No lado direito do estádio, havia uma pequena arquibancada coberta, com espaço para a imprensa, embaixo desta, situava os vestiários dos jogadores e no lado oposto existia uma arquibancada natural, feita em um barranco gramado, que pode ser observado ainda atualmente. Durante a final da Copa do

²¹ Mário Fernandes Guedes foi o décimo primeiro prefeito de Porto União, governou entre 01 de março de 1943 e 17 de outubro de 1945. Nasceu em 12 de maio de 1912, em Florianópolis, Santa Catarina, Filho de Manoel Fernandes Guedes e Maria do Carmo Guedes. Casou-se com Enoé Capela. Foi policial militar do Estado de Santa Catarina desde 1932, galgando os diversos escalões, chegou a Coronel em 1956. Foi delegado especial nos municípios de Cruzeiro (Caçador), Porto União, Lajes e Herval D’Oeste. Foi nomeado prefeito em Caçador, Balneário Camboriú, Porto União e Mafra. Em Porto União abriu diversas ruas, calçou outras e iniciou as obras para a construção do Estádio Municipal, que foi batizado com seu nome. Foi comandante do Corpo de Bombeiros do Estado, Chefe da casa civil militar do Estado de Santa Catarina, Chefe do Estado Maior da Polícia Militar de Santa Catarina e Comandante Geral da Polícia Militar de Santa Catarina. Recebeu o título honorário de cidadão de Porto União e faleceu em sua cidade natal em 20 de julho de 1988. (Fonte: Ogione Hey, 1997, p. 24)

Mundo de 1950, realizada no Brasil, foram colocados alto falantes para que os expectadores pudessem ouvir a partida, que foi vencida pelo Uruguai.

Uma reforma completa no local foi realizada em 1955 e contou com a ajuda do 5º Batalhão de Engenharia de Combate Blindado, que cedeu soldados para a mão de obra. A reinauguração do estádio contou com a presença do Água Verde, de Curitiba, partida em que foi “apitada” por Arthur Friedenreich, um dos maiores jogadores dos primeiros anos do futebol brasileiro. No local aconteceram partes das comemorações do cinquentenário da cidade de Porto União, em 1967.

O Estádio foi desativado em 2 de outubro de 1974, na gestão do Prefeito Alexandre Puzyna, quando a área foi doada para o Estado de Santa Catarina, através da Lei nº 871/72, para a construção de um ginásio de esportes, uma quadra poliesportiva e um centro interescolar de 1º Grau (hoje Ensino Fundamental II). Atualmente no local, ainda se acha o ginásio, além da Universidade do Contestado (UnC), Associação Comercial de Porto União, Secretaria Municipal da Saúde, Delegacia de Polícia, Subseção da OAB, entre outros órgãos públicos e algumas residências.

Figura 18. O antigo estádio ainda traz saudades nos mais velhos.



Fonte: Silva (2019, p. 27).

3.10 PALESTRA ITÁLIA ESPORTE CLUBE -

Foi um dos clubes fundadores da LERI em 1932 e no mesmo ano, participou (e ganhou) o primeiro campeonato da entidade e classificou-se para a disputa

do Campeonato Paranaense, que na época foi disputado de forma regionalizada, pela então Federação Paranaense de Desportos (FPD).

Na competição estadual, o Palestra enfrentou fora de casa, embaixo de muita chuva e clima nada amistoso (houve duas brigas feias) o Iraty Sport Club e sustentou um empate em 1 a 1, tendo corajosamente o juiz, anulado um gol do time da casa aos 40 minutos do segundo tempo. Acabado a partida, os jogadores de União da Vitória comemoraram o empate e correram para o vestiário, porém o regulamento previa uma prorrogação em caso de igualdade no placar, o que os jogadores do Palestra Itália desconheciam, por não terem lido o mesmo, e embora alertado por um membro da Federação, se recusaram a voltarem ao campo, pois já haviam tomado banho e com tal situação, os palestrinos foram eliminados do campeonato.

No ano seguinte, o Palestra novamente representaria a LERI no Campeonato Estadual, segundo Silva (2022, p. 13), o adversário era a equipe do Operário Ferroviário, de Ponta Grossa, que jogou em casa a partida de ida, no dia 19 de março e aplicou uma sonora goleada de 6 a 1, o que fez o time visitante desistir do segundo jogo, deixando uma imagem ruim para o futebol de União da Vitória, diante de outros clubes e principalmente para a Federação Paranaense.

Pouco se sabe sobre este clube, Wolff (2014, p. 12) diz que: “Os mais antigos contam que seu campo ficava na Rua Dom Pedro II, quase esquina com a Rua Cruz Machado, em União da Vitória”, e ouvindo relatos “desses mais antigos” o espaço ocupava a área que hoje situa-se os fundos do Colégio Adventista, algumas casas, quase próximo a Clínica do Coração (Clinicor), que fica exatamente na esquina citada.

3.11 PORTO VITÓRIA ESPORTE CLUBE – O Alçapão como 12º “jogador”

Corria o ano de 1941 e o cidadão Reynaldo Frederico Gaebler, morador da cidade de Porto Vitória, resolveu aos poucos, aterrinar parte de um terreno em área alagadiça, de sua propriedade e ali fazer uma área esportiva, iniciada com um campo de futebol e uma pista para corridas de cavalos, mais tarde, também foi providenciado quadra de vôlei, cancha para bolão e bocha, assim como um salão para festas e reuniões em geral, escritório, cozinha, bar e um espaço para

bailes, com uma peculiaridade que não encontra par em outros rincões, pois na parte de baixo, foi colocado que fazem o local “dançar” conforme a animação do público. O “Salão de Molas” como é conhecido, já foi matéria de diversos veículos de imprensa local, estadual e inclusive nacional, tendo sido matéria até do “Fantástico” tradicional programa dominical da Rede Globo de Televisão e Monastirsky; Burda (2017) apontam que o salão foi construído com molas de vagões de trem entre os pilares de sustentação (barrotes) e o vigamento abaixo do assoalho da pista de dança, proporcionando o movimento do chão, de acordo com a intensidade da dança.

Figura 19. Matéria do "Fantástico", o Salão de Molas faz sucesso na região.



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Nesse meio tempo de construção de uma ampla área esportiva e social, que reunia boa parte da comunidade, foi fundado no dia 18 de março de 1945, o Porto Vitória Esporte Clube, que teve o próprio Reynaldo Gaebler como presidente honorário e Frederico Grobe como primeiro presidente. A agremiação está situada à rua Oswaldo Gomes nº, 672, no Centro de Porto Vitória.

Segundo Silva (2019, p. 252), no ano de 1951, o Sr. Gaebler vendeu o patrimônio para o Sr. Oswaldo Riskowiski, que deu continuidade ao projeto, até que a diretoria do clube resolve em 1959, adquirir a praça esportiva que já usava, e assim o PVEC passa a ser dono do “Alçapão”, como carinhosamente seu

estádio era conhecido e as demais dependências. O clube também mantinha times femininos de vôlei e em algumas ocasiões de futebol, além de promover memoráveis bailes. Apesar de não ser usado com tanta frequência, o campo e os salões ainda existem e atendem a comunidade.

Figura 20. Entrada principal da sede do Porto Vitória Esporte Clube.



(Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Figura 21. O “Alçapão, Campo do Porto Vitória.



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

3.12 SÃO BENTO FUTEBOL CLUBE – Dissidência Relâmpago

Quando o treinador Mariani, da equipe juvenil do São Bernardo Futebol Clube, em colisão com a diretoria do clube, resolveu afastar-se de suas atividades no time da Lagoa Preta, naquele ano de 1958, em que o Brasil conquistaria sua primeira Copa do Mundo, não imaginou que seus muitos jovens atletas o seguiriam, e como o grupo tinha acabado de comprar seus novos uniformes, apenas com as iniciais SBFC e uma faixa preta em diagonal na camisa branca (semelhante as do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro), resolvendo montar uma nova agremiação, aproveitando as cores do time anterior e as letras das camisas passou para outro “santo” e assim criou-se o São Bento Futebol Clube.

Até aquele momento, aqueles jogadores não haviam jogado pelo time principal do São Bernardo, e assim, além do treinador Mariani, Silva (2019, p. 238) lista os atletas que formaram o novo clube e portanto, são seus fundadores: “Celso Divoisin; Ciço Stalschmidth; Coski; Feijó; Gustavo Schwartz Filho; Luiz Roberto; Nelson Straube; Ormi; Paulinho Rodrigues; Reginaldo Calliari; Poti Rodrigues; Renato Calliari; Roland Guth; Rui Cachoeira; Willi Guth e Wilsão”.

Com o passar do tempo, outros jogadores defenderam as cores do São Bento, que disputou os campeonatos organizados pelo Colégio São José e pela LENC, no qual o clube conquistou o campeonato de 1961, garantindo o direito de disputar um campeonato estadual, denominada de “Taça Governador do Estado”, que era disputada de forma regionalizada e nos moldes da Copa do Brasil (duas equipes se enfrentam em dois jogos e o vencedor do confronto avança de fase). Para essa disputa, o ex-jogador Aguinaldo F. Souza, o Guina (que seria campeão da Taça Paraná de 64 pelo Ferroviário e se tornaria um dos maiores jogadores locais) conta que jogava pelo Tamandaré e foi convidado para reforçar o São Bento na competição estadual, na qual o time que representava a LENC e jogava no Estádio Municipal de Porto União. O Adversário daquela disputa, a única oficial, do São Bento, fora das fronteiras citadinas, foi o Santa Cruz de Canoinhas. Na primeira partida um empate em 2 a 2 no Mário Guedes, em Porto União e uma derrota por 2 a 1 fora de casa, deixou o clube fora da segunda fase.

O São Bento, que não tinha estádio e nem sede, fazendo com que seus membros se reunissem pelos bares das cidades irmãs, teve vida curta, tendo seu único título o já citado, pela LENC, quando teve o time base formado por: Roland; Celso, Feijó, Ciço e Sandoval Senff; Beto, Rui Cachoeira, Enio, Paulinho Rodrigues; Aimoré Rocha e Turco Savóia. Técnico: Hilário Dezordi.

3.12 SÃO BERNARDO FUTEBOL CLUBE – O Jacaré da Lagoa Preta

Fundado principalmente por funcionários da Madeireira Bernardo Stann (depois passada para família Bohrer e hoje funcionando a casa de shows Wooden Hall), em 4 de junho de 1946, o São Bernardo Futebol Clube, teve sua diretoria eleita no dia 18, em assembleia realizada no clube Operário (hoje em ruínas no Centro da cidade) e teve no Sr. Lotário Kröni, eleito como primeiro presidente, com 77 votos.

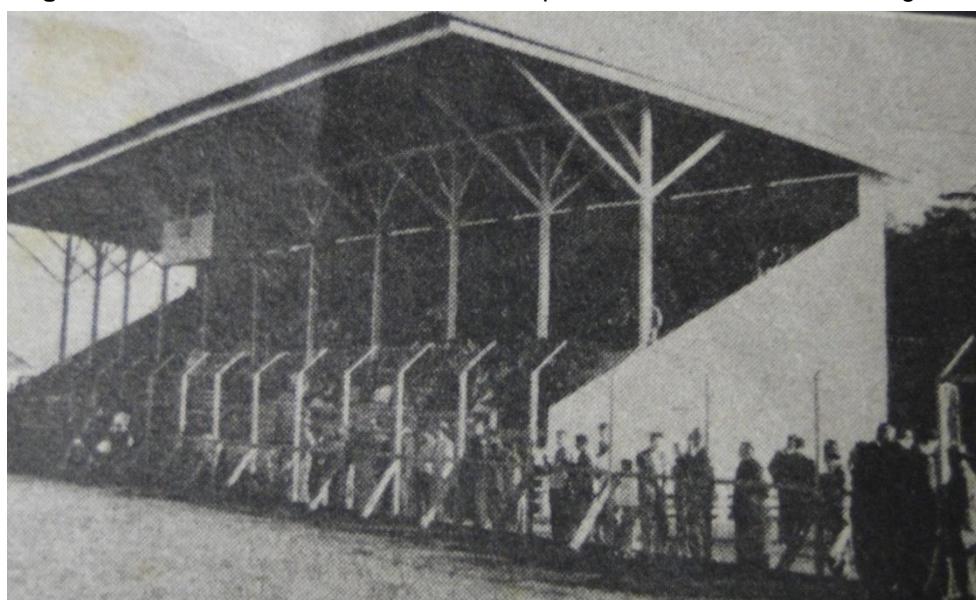
O Bairro leva o nome do mecenas da região e era basicamente um bairro operário, tendo a prefeitura de União da Vitória cedido um terreno na margem do Rio Iguaçu para a construção do estádio do clube, com o presidente de honra da agremiação, o próprio Bernardo Stamm, doado a madeira para o cercamento e a construção das arquibancadas e outras dependências do campo.

Como congraçava funcionários da fábrica e seus familiares, o São Bernardo tinha uma grande torcida, que acompanhava os jogos em qualquer estádio que jogasse, principalmente no Bernardo Stann, seu reduto, também conhecido como “Lagoa Preta”, devido ao tipo de barro do local, após chuvas fortes ou cheias do rio, e assim, a mascote do clube ficou sendo um jacaré, ganhando o clube, a alcunha de “Jacaré da Lagoa Preta”.

Foi filiado a LDNC, onde jogou o campeonato de 1949, transferiu-se para a LERI, onde conquistou Três títulos (1960, 69 e 72), já no apagar das luzes da Liga, que se extinguiria no ano seguinte. O São Bernardo ainda venceu os Torneios Início de 1952 e 1967 e segundo os antigos, possuía o estádio mais aconchegante da cidade e um bom gramado (quando era tempos de seca), com medidas de 110,5 x 75, 5 m, sendo o de maior extensão entre os campos locais.

O Estádio Bernardo Stamm²² foi inaugurado no dia 07 de dezembro de 1952, com a praça esportiva benzida pelo padre Francisco Salache e no campo, o time da casa enfrentando o então bicampeão catarinense, o América de Joinville, campeão catarinense daquele ano, com vitória do São Bernardo por 4 a 3, tendo o jogador americano, Plácido, anotado o primeiro gol da praça esportiva, que estava lotada.

Figura 22. O Estádio Bernardo Stamm, sempre cheio nas tardes de domingo.



Fonte: Silva (2019, p. 122).

Como já salientado anteriormente, o clube profissional surgido na cidade, entre outros fatores, contribuiu para o fim do futebol amador, outrora pujante, ainda hoje, alguns remanescentes do Jacaré da Lagoa Preta se reúnem esporadicamente em datas específicas e festividades, para relembrar os velhos tempos, e é mantida no Facebook, uma página sobre o clube, onde ex-jogadores, dirigentes e simpatizantes, registram o glorioso passado e apresentando as novas gerações.

²² Inauguração do Estadio Bernardo Stamm, ocorrida as 17:25, do domingo, 07 de dezembro de 1952, após alvorada festiva, hasteamento de bandeiras, discursos e um farto almoço oferecido aos convidados. A Partida foi mediada pelo Sr. Cubas Lima e os gols anotados por: Chiquinho (2), Geolar Palmital e João Colita Júnior (São Bernardo) e Plácido (3) (América). As equipes jogaram com: São Bernardo: Catita; Zildo, Sala, Barthier, Nilson e Valfrido; Chiquinho, Geolar Palmital, João Colita Júnior, Ratinho e Zago; América: Barbosa; Antoninho e Currage; Vico, Cocada e Ibrain; Plácido, Badeco, Zabot, Benê e gastão. (Fonte: Silva, 2022, p. 209).

O Estádio Bernardo Stamm, já não tem mais a arquibancadas, nem os muros que o cercavam, levadas pela enchente de 1983, e está em ruínas, restando apenas o campo com as traves e uma pequena casa que servira como bar, além do pórtico de entrada e as bilheterias. Parte do terreno foi dada para a Companhia de água que abastece a cidade, a SANEPAR e sua proximidade com o rio Iguaçu impede que outros tipos de empreendimentos sejam ali construídos, deixando à mostra o resquício do glorioso e pujante clube.

Figura 23. Lastimável estado do que sobrou do outrora pujante estádio.



Fonte: Acervo do Autor, 2019.

3.13 TAMANDARÉ – O Clube do Almirante

O Clube Recreativo Tamandaré, que carregava a alcunha de “Almirante”, tinha as cores vermelha e preta e foi fundado no dia 29 de junho de 1958 por Nestor Patzsch, diretor da madeireira que também mantinha o time do Karl Weitt Futebol Clube, que disputavam campeonatos internos da indústria da madeira e servia de diversão para seus funcionários nas horas vagas.

O clube revelou diversos jogadores que despontaram em diversos times da região e mandava seus jogos no Estádio Municipal Mário Guedes, em Porto União, disputando as competições organizadas pela LENC, entre 1958 e 1962 e

sendo o grande campeão de 1960, título que garantiu o Tamandaré e o vice-campeão Botafogo a disputarem a fase regional do Campeonato Catarinense.

Os dois clubes de Porto União caíram em uma forte chave com os campeões e vice-campeões de Caçador (Grêmio Caçadorense e Vasco) e Joaçaba (Cruzeiro e Comercial), tendo o Tamandaré ficado na terceira colocação do grupo (o Botafogo foi o último) e o Comercial de Joaçaba foi o campeão do grupo e avançou de fase.

Com o fim da LENC, o clube pensou em se filiar na LERI, porém com problemas internos de relacionamento na madeireira comandada pelo Sr. Ernesto Bohrer, que também não ia muito bem financeiramente, o clube entrou em decadência e em 1964, com a saída de seu idealizador Patzsch, o Tamandaré literalmente naufragou, tendo seus atletas ido para outras agremiações. Silva (2019, p. 241-243).

3.14 TUPI FUTEBOL CLUBE / BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE – Santa Rosa joga bola

Por iniciativa do libanês Eduardo Cheden, empresário do ramo de bebidas, com sede localizada no bairro de Santa Rosa, em Porto União, resolveu montar um time de futebol, em 1950 e colocou no mesmo, o nome de sua empresa, Tupi e as cores do uniforme eram camisas listradas em preto e branco.

Como não era um clube que figurava entre os principais da cidade, não tendo grandes empresas ou famílias tradicionais para ajudar, o Tupi contava com atletas muito jovens, que logo que se destacavam iam rapidamente para outros times, jogadores medianos que não encontravam espaço em outras agremiações e ainda com veteranos que para não deixarem de jogar, buscavam se colocarem em clubes menores.

Para tentar mudar essa história, Cheden, que também exercia a função de treinador da equipe, decidiu encerrar as atividades do Tupi, em 1952 e criou um novo time, o Botafogo (Não confundir com o Botafogo do Colégio São José, fundado ao menos, uma década antes), que também usava as cores preta e branca e o escudo idêntico ao homônimo famoso do Rio de Janeiro.

O clube logo se filiou a LENC e chegou ao vice-campeonato da competição, ficando atrás do Tamandaré, garantindo assim, uma das duas vagas de Porto União para o Campeonato Estadual, que iniciava de forma regionalizada, caindo no grupo que teriam os campeões e vice-campeões da LENC, e das Ligas de Caçador (Grêmio Caçadorense e Vasco) e e Joaçaba (Cruzeiro e Comercial). A campanha foi fraca e o alvinegro foi o último colocado de sua chave, mesmo assim, 1960 foi seu melhor ano, pois além do vice-campeonato local, também venceu os torneios Início e o de Encerramento daquela temporada.

Uma passagem no mínimo curiosa do clube, nos é contada por Silva (2019, p. 234), quando narra que certa vez o Botafogo foi enfrentar o Vasco da Gama, da cidade de Caçador e a viagem foi feita na caçamba de um caminhão, que levou muito tempo para chegar ao destino. Chegando no local da partida quase em cima da hora, o alvinegro tomou 12 gols somente no primeiro tempo e depois de fazer um acordo com os locais, a segunda etapa não aconteceu, assim como o jogo que deveria ocorrer na semana seguinte em Porto União.

Os times criados por Eduardo Cheden, Tupi e Botafogo, que mandavam seus jogos no Estádio Municipal Mário Guedes e no Balneário de Santa Rosa, tiveram duração de 1950 até 1967, quando ele desistiu da continuação de um time de futebol.

3.15 UNIÃO ESPORTE CLUBE – O Pioneiro “Vovô”

A história do futebol no Porto União da Vitória e consequentemente a do União Esporte Clube, o primeiro fundado na cidade, razão de ter ganho a alcunha de “Vovô”, tem início com a chegada da ferrovia em 1905 (na margem direita, hoje São Cristóvão).

Com a chegada da modernidade que o trem representava naquele momento histórico, a cidade foi se desenvolvendo e recebendo duas novas classes de trabalhadores distintos, os construtores da malha ferroviária, a maioria deles apenas de passagem, outros retornando após o fim dos trabalhos e os ferroviários propriamente ditos, que exerciam as mais variadas funções e vindos dos mais diferentes lugares, trazendo consigo suas histórias, sonhos,

ideias e ideais, e muito provavelmente, as primeiras bolas de futebol e pessoas que já conheciam o esporte já então amplamente difundido Brasil afora.

Buscando uma nova opção de lazer, principalmente para seus filhos, já que haviam poucas opções disponíveis, com destaque para os cinemas e/ou os banhos no Rio Iguaçu, em suas diversas “praias” de outrora, assoreadas e desaparecidas nos dias atuais, porém, muitas delas registradas por Melo Júnior (2001), testemunha ocular (e aquática) deste período, ainda em sua infância (o mesmo voltará a ser citado, quando da fundação do futebol profissional, pois foi um dos fundadores da Associação Atlética Iguaçu, em 1971), que muitos trabalhadores da ferrovia, junto com outros profissionais, resolveram pela fundação do União Esporte Clube, que deu-se em 23 de maio de 1921, quando foi definido que suas cores seriam o vermelho e o branco.

Conforme podemos observar em Melo Júnior (2001, p. 92) e em Silva (2019, p. 127), que o comerciário João Tênius²³, um dos 19 sócios-fundadores do clube, foi eleito seu primeiro presidente, obtendo 18 votos, tendo como vice-presidente o também comerciário (farmacêutico) Antiocho Pereira²⁴ (veremos mais sobre o mesmo quando falarmos do estádio que leva seu nome), que obteve 17 votos para a função e que mais tarde seria nomeado prefeito de Porto União durante o primeiro governo de Getúlio Vargas. Entre os fundadores também se encontravam mais um comerciante, Elias Pacheco Cleto (Primeiro Tesoureiro, eleito com 18 votos) e o funcionário da Caixa Econômica, Eurico Cleto da Silva, ambos de tradicional família local.

²³ João Tenius, Um dos fundadores do União Esporte Clube, em 21 de maio de 1921, foi seu primeiro presidente eleito. (Melo Júnior, 2001, p. 92) e (Silva, 2019, p. 127).

²⁴ Nascido em Paranaguá (PR), casou-se com D. Maria Huergo, com quem teve quatro filhos: Ariosto, Renato, Jandira e Flora. Diplomado em Farmácia no Rio de Janeiro, veio para Porto União e depois foi residir em Cruz Machado onde ajudou a combater uma epidemia de febre tifoide, retornando a Porto União em 1925 onde montou sua farmácia. Pessoa culta, de muita leitura, possuía uma das melhores bibliotecas das duas cidades, também escrevia sobre assuntos agrícolas em jornais locais e foi um dos fundadores do União. Inaugurou obras importantes no Cemitério Municipal, que hoje leva seu nome. Foi nomeado superintendente (prefeito) de Porto União pela Junta Militar Revolucionária e ficou 3 anos no cargo. Foi o oitavo prefeito de Porto União, governou entre 25 de dezembro de 1930 a 30 de abril de 1933 e proprietário da primeira farmácia da cidade, a Pharmácia União, em uma casa de madeira na Rua XV de Novembro e depois na Prudente de Moraes, em Porto União, em 1924, vendida na década de 1930, para o Sr. Willy Carlos F. Jung. Foi um dos fundadores do União Esporte Clube e seu primeiro orador. (Fernandes, 1984, p. 7), (Melo Júnior, 2001, p. 92) e (Ogione Hey (1997, p. 22).

Outro nome de tamanha importância para o União e para o desporto do Porto União da Vitória foi o de Ariovaldo Huergo, mais conhecido como “Nuche”, que foi jogador, treinador e presidente do clube (embora tenha tido uma curta passagem jogando pelo Juventus) e depois presidido por dois mandatos, em meados dos anos de 1960, o Clube Atlético Porto União (CAPU), tendo sido o responsável pela reforma e ampliação do Balneário do Santa Rosa, sede da agremiação que ali era praticada diversas modalidades esportivas.

Conforme nos mostra Melo Júnior (2001, p. 93), a Prefeitura Municipal de União da Vitória, ainda na gestão do Coronel Amazonas de Araújo Marcondes, doa no dia 2 de agosto, ao União Esporte Clube, através da Lei Municipal nº 87/1921, doou um terreno na margem esquerda do Rio Iguaçu, que segundo Silva (2006, p. 175) media 200 x 150 metros de largura para fazer na área, seu campo e sua sede, que desde o início teve a colaboração de seus torcedores e simpatizantes, como a Velha Maria Campos, que morava com sua família, nas adjacências do campo e cuidava do uniforme dos jogadores.

É impossível desassociar o União com a família Lima, de grande importância para a história do alvirrubro, a começar pelo patriarca do clã, João de Lima, ferroviário participou da vida uniãoense desde os primeiros anos da agremiação, tendo sido presidente do clube a ajudado com as próprias mãos, a instalação do alambrado em volta do campo em 1963, quando ainda os torcedores se amontoavam na beira do gramado, sem nenhuma separação dos jogadores. Porém sua maior contribuição para o time que tanto amava, tinha nomes e (seu) sobrenome: Divonzir de Lima (Diva), Durval de Lima, Djalma de Lima (Deja) e Dorival de Lima (Doro), seus filhos, que jogaram e foram dirigentes do União, além de lhe darem netos que também seguiram os mesmos passos. Doro ainda foi árbitro da LERI por muitos anos e ferroviário, assim como seu pai, sempre foi pressionado para jogar no Ferroviário Esporte Clube, sendo inclusive ameaçado de ser transferido para outra cidade, mas não cedeu e permaneceu no União.

No início o campo era cercado por estacas de madeira entrelaçadas, como pode ser visto nas laterais da figura 25, que retrata a equipe do Caxias, adversária do União, na década de 1930, não demorando muito para ganhar o nome de um de seus fundadores e grande incentivador Antiocho Pereira.

Figura 24. O Estádio da Baixada ainda cercado por estacas de madeiras.

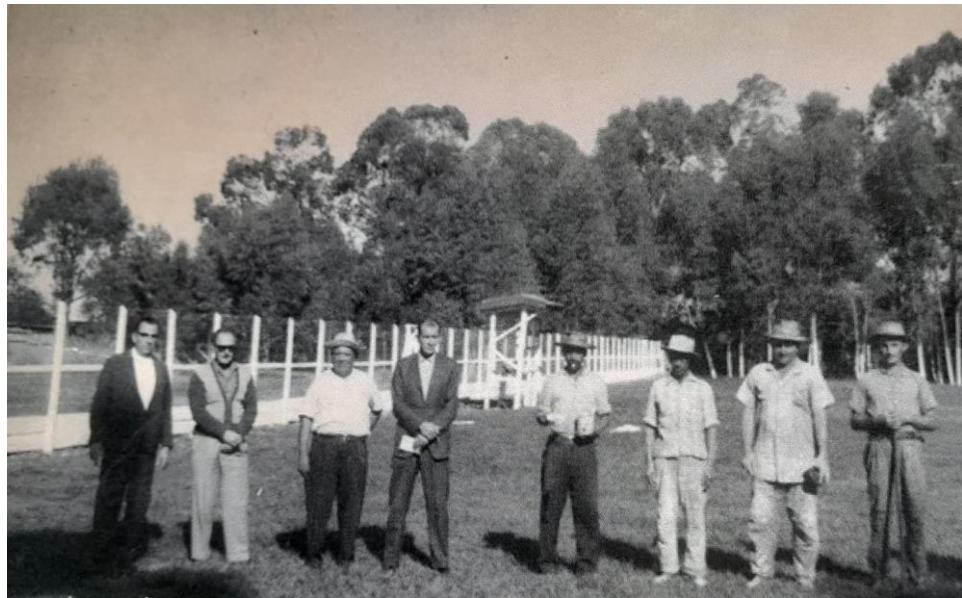


Fonte: Silva (2022, p.12).

No ano de 1964, a Federação Paranaense de Futebol (FCF) criou a Taça Paraná, competição que existe até os dias atuais e que reuniam equipes amadoras da capital, além dos campeões de cada Liga do Interior. Assim, o Ferroviário disputou essa primeira edição e foi o grande campeão, levantando a maior conquista do futebol do Porto União da Vitória dos tempos do amadorismo, transformando essa competição em verdadeira obsessão aos adversários locais que montavam times fortíssimos para tentar igualar o feito, o que nunca foi conseguido.

Bicampeão local, o União foi disputar a Taça Paraná de 1966 montando um time competitivo e disposto a fazer bonito na competição, mas logo de cara pegou seu xará de Francisco Beltrão e foi derrotado no Antiocho Pereira por um a zero, com um belo gol de falta marcado por Lauro “Pé-de Leite”, ex-jogador do Ferroviário e grande convededor do time de União da Vitória. Na segunda partida um empate com um gol para cada lado em Francisco Beltrão e uma eliminação precoce da competição.

Figura 25. A colocação do alambrado no estádio Antiocho Pereira, em 1963.



Fonte: Silva (2019, p.146).

O União Esporte Clube venceu por 9 vezes o campeonato organizado pela LERI (1943/44/45/46/59/64/65/66 e 68), além de levantar por duas vezes (1949 e 1959), o Torneio Início.

O sonho do clube, que nunca se realizou, era erguer um grande estádio e assim ampliar seu patrimônio, inclusive com uma parceria mal sucedida a ideia chegou a andar, mas não alcançou êxito e assim, o clube se endividou, a concorrência do rádio (depois da televisão), que transmitiam campeonatos de outras praças, como Curitiba, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo, além da fundação do clube profissional da cidade, que levou para seu plantel, os melhores jogadores, fazendo com que o União, já sem forças para manter ao menos seu patrimônio, entregou o mesmo de bandeja, antes de encerrar suas atividades, deixando saudades naqueles que acompanhavam aquelas camisas vermelhas por toda a região.

A centenária história do Estádio Municipal Antiocho Pereira tem seu início com a doação do terreno por parte da Prefeitura, para que o espaço fosse destinado a praça esportiva do União Esporte Clube, que durante muito tempo, não passou de um campinho cercado por estacas de madeira entrelaçadas e com a assistência vendo tudo de perto das quatro linhas, tendo seu alambrado sido instalado somente em 1963.

Em 1967 começou a campanha para a construção de um moderno estádio, um antigo sonho dos seguidores do clube e assim, foi colocado à venda um carnê para a captação de recursos para tal objetivo. A ideia era vender mil títulos patrimoniais divididos em 30 parcelas, quem fizesse o pagamento em dia concorreriam a prêmios a serem sorteados no segundo sábado de cada mês, entre eles um carro 0 km mensalmente, para alavancar as vendas.

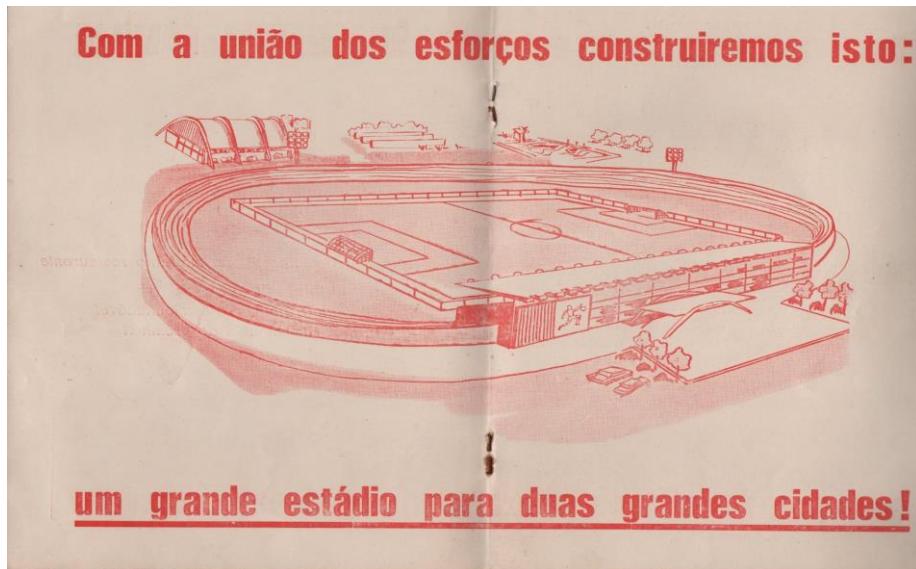
A empresa que fazia a venda dos carnês, não era da cidade e se comprometeu que 24% do arrecadado seria para o clube erguer seu estádio e o restante da empresa, porém, com a subida ao poder do presidente General Geisel, ficou proibido qualquer tipo de sorteio que não fosse organizado pelo governo federal (ou estadual) e assim, a empresa abandonou a arrecadação e o União não viu um tostão do arrecadado.

Figura 26. Capa e folha de rosto do carnê que prometia um novo estádio.



Fonte: Acervo do Autor.

Figura 27. Projeto de como seria o novo estádio com a promoção dos carnês.



Fonte: Acervo do Autor.

Tentando solucionar o problema, foi tentado através de carta apelo ao presidente para que intervisse ao Ministério da Justiça, responsável pela medida, e para o então governador do Paraná, Paulo Cruz Pimentel para que o clube pudesse seguir com suas atividades, o clube inclusive havia se licenciado da LERI em 1969. Ambas as cartas não obtiveram os resultados esperados.

Logo depois da história dos carnês, eclodiu o advento da formação do time profissional e a ideia do grande estádio acabou ficando de lado, embora o clube ainda tivesse um bom patrimônio e torcedores, mas com sérios problemas financeiros, cogitou-se a fusão com o time profissional, e aprovada, em assembleia realizada em 24 de agosto de 1972, porém, tal iniciativa não foi aceita pelo Coronel Ricardo Gianordoli, “Dono” do Iguaçu, que mandava e desmandava do clube em seus primeiros anos, alegando ser aquela uma recomendação da Federação Paranaense de Futebol, mesmo assim, com obras interrompidas e sem dinheiro, o União entrega de bandeja seu patrimônio ao Iguaçu.

Algumas condições foram impostas, porém não cumpridas, são elas: O Iguaçu terminar o estádio; Ceder ao União uma sala para reuniões e guarda de seus documentos e conquistas; Permitir que os associados remidos do União tivessem acesso em dias de jogos e no dia que o Iguaçu entrasse em licença ou acabasse, o patrimônio voltaria ao União, nada disso foi cumprido e em 1977, alegando não ter dinheiro para a construção do estádio e com medo de perder o

terreno devido às dívidas trabalhistas não pagas com jogadores e funcionários, o campo é devolvido ao União, que já sem forças para gerir o que fora seu, e vendo o futebol amador local acabando, resolve em assembleia realizada em 13 de junho de 1977, entrega de volta para ao município que um dia cedeu ao União, mas novamente exigiu do prefeito (e também presidente do Iguaçu) Gilberto Brites, que foram as seguintes:

O município construísse um moderno estádio para a cidade, o que foi feito de maneira simples, mas sendo melhorado através dos anos, até o estágio atual, que tem até um ginásio em anexo (Isael Pastuch), homenagem a um grande desportista local; os atletas amadores do União teriam acesso livre ao estádio e utilizar o campo; que fosse dado ao União, sem qualquer despesa e por tempo indeterminado.

A única condição, que foi cumprida, era de que a praça esportiva deveria manter o nome de Antiocho Pereira, ex-prefeito de Porto União e um dos fundadores do União, embora parte da imprensa e adeptos do Iguaçu, tenham tentado mudar o nome do estádio para Ricardo Gianordoli, criador do Iguaçu.

Existe no estádio uma corrente história sobre uma “maldição” que teria sido lançada sobre o time local, rogada por uma antiga moradora do lugar, como podemos ver em Pardo (2017, P. 61) que nos conta da seguinte maneira:

Morava em uma pequena casa nas dependências do estádio, uma senhora de nome Maria Campos, ou simplesmente “Velha Maria”, com sua família e era ela quem cuidava dos uniformes dos jogadores, da manutenção do gramado entre outras atividades dentro da praça esportiva. Em uma das reformas do lugar, foi solicitado à “Velha Maria”, que deixasse sua casa e que em troca outra seria dada para ela, o que nunca ocorreu. Ao deixar sua antiga residência, a senhora teria dito que o time nunca mais seria campeão. O tempo passou, o time local fechou suas portas, outro passou a se apresentar ali e entre muitas outras reformas no estádio, foi construído um campinho de areia na parte de trás de um dos gols, batizado de “Dona Maria”, bem no local onde a mesma morava. Coincidência ou não, a Associação Atlética Iguaçu venceu naquele ano, a Segunda Divisão do Campeonato Paranaense e garantiu sua vaga entre os principais clubes do estado.

Poucas notícias ficaram de Dona Maria Campos e seus familiares, que têm sua origem na cidade catarinense de Tijucas, como nos aponta Wolff (2006, p. 130) ao dizer assim sobre ela:

Responsável pela guarda e conservação do campo, residia em uma casinha nos limites do campo. Nascida em Tijucas, Santa Catarina, em

30 de maio de 1909, foi morar na capital catarinense, onde conheceu seu marido, João Dormival Campos, com quem teve seis filhos: Valter, Leonço, Neli, Valdir, Valdas e Verônica. Em 1943 chegaram à União da Vitória e passaram a zelar pelo campo do União Esporte Clube. João conheceu Jacinto Lozza, proprietário de uma loja na Carlos Cavalcanti e com ele foi trabalhar, deixando com a esposa os afazeres do campo. Maria cuidava da limpeza, varria, capinava, limpava também os vestiários e responsabilizava-se também pela rouparia do clube, entre outras tarefas que nem lhe cabia...

Atualmente, o Antiocho Pereira é o principal estádio da cidade e possui uma boa estrutura para receber jogos oficiais, com divisa para torcida visitante, bons banheiros, bares, acesso com elevador para cadeirantes, arquibancada coberta e descoberta, entre outros espaços, embora o local sofra desde seus primórdios, com as diversas cheias do Rio Iguaçu, que corre ali bem próximo.

Figura 28. O Estádio Antiocho Pereira na atualidade.



Fonte: Acervo do Autor, 2024.

Figura 29. O Antioco Pereira coberto pelas águas do Rio Iguaçu.



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

3.16 VILA NOVA / VILAGRAN – O quartel entra em Campo

Embora não tenhamos conhecimento de clubes criados em quartéis do Exército, o futebol brasileiro está recheado de times que surgiram das forças militares, como nos mostra Pardo (2021, p. 45), quando aponta os diversos “Tiradentes” (CE, DF, PI, PA e Niterói-RJ), todos originados das Polícias Militares de seus estados, ou do Vesúvio (Campos dos Goytacazes-RJ) e do Dom Pedro II (Brasília-DF), ambos geridos dentro dos quartéis do Corpo de Bombeiros, nossas cidades não ficaram imunes a essa tradição e viram surgir três equipes: Vila Nova, Vilagran e Associação Atlética Iguaçu.

Formado por militares da ativa e reservistas do 5º Batalhão de Engenharia e Combate (BEC), localizado em Porto União, o time do Vila Nova se filiou a LDNC em 1949, no mesmo ano de fundação da mesma, passando a disputar as competições por ela organizadas a partir do ano seguinte, quando disputou ponto a ponto com o Juventus até a rodada final, mas ficou com a segunda colocação, embora tenha tido seu atleta José Vigladala, com 16 gols, sido o artilheiro do certame. Também disputou um torneio reunindo times da LDNC/LERI e mandava seus jogos no campo do Batalhão, no bairro de Santa Rosa.

Segundo Silva (2019, p. 227), em setembro de 1950, o clube mudou de nome para Vilagran, homenagem a João Carlos de Villagran Cabrita (1820-1866), patrono da Engenharia Militar brasileira. A primeira partida do Vilagran, segundo Silva (2022, p. 201) foi um amistoso realizado em 22 de outubro de 1952, no Estádio Municipal de Porto União, em que foi derrotado pelo placar de um a zero, pelo Clube Atlético Porto União.

Pelos seus quadros de jogadores, passou Izoel Carlos Huergo, Vice-prefeito de Porto União, entre 1993 e 1996, na gestão de Ilário Sander, informação nos dada por Ogione Hey (1997, p. 43), que ainda diz que Huergo também defendeu as cores do Atlético.

Também dentro do quartel do 5º Batalhão nasceria na década de 1970, o primeiro clube profissional do Porto União da Vitória, a Associação Atlética Iguaçu, concretizada pelo então Coronel Ricardo Gianordolli, que conseguiu a curiosa façanha de fundar um time de futebol em Porto União, Santa Catarina, porém, optara por filiá-lo à Federação Paranaense de Futebol.

Figura 30. O campo do 5º Batalhão de Engenharia e Combate.



Fonte: Acervo do Autor, 2022.

3.17 OUTROS CLUBES E CAMPOS

Muitos times amadores, que existiram no passado não nos deixaram nenhum (ou quase nenhum) vestígio de sua existência, encontramos algumas referências aos mesmos, em livros de autores locais, jornais antigos e nas lembranças dos mais velhos, assim, apontamos a existência do Catarinense (do Centro de Porto União, que jogava no Colégio São José), América Futebol Clube, Onze Irmãos, Ferroviarinho (tinha seu campo onde hoje é o SESI de União da Vitória e disputava torneios no São José), Milionários Esporte Clube, Seleção de São Cristóvão (SELESC), Clube Atlético Ferraria e Coimbra Esporte Clube,. Silva (2006, p. 242) nos diz que no ano de 1933, existem na cidade algumas agremiações, acreditamos nós, que nem todas as citadas eram praticantes do futebol, mas o referido autor as descreve assim: “Clube Apolo, União Operária, Democratas, 15 de Novembro, Estrela do Sul, Grêmio Imperatriz Leopoldina, União Esporte Clube, Caxias Esporte Clube, Palestra Esporte Clube e Guarani Esporte Clube”.

Entre os campos, podemos citar o Campo do Nacional no Rio D'Areia, nas proximidades de onde hoje fica a extinta Madeireira Miguel Forte, local onde ocorriam disputados campeonatos dominicais e que revelou muitos jogadores para as principais equipes da cidade.

Outro espaço destinado a prática esportiva em Porto União, que não pode ficar de fora, embora seja mais recente é o Estádio Municipal de Porto

União, o único da cidade na atualidade, que surgiu do antigo Módulo poliesportivo, no bairro de Santa Rosa, para incentivar a prática esportiva na população local e que ganhou em 1992, o nome de Módulo Esportivo Armando Sarti, através da Lei nº 1876\92²⁵, apresentada pelo poder legislativo municipal e sancionada pelo então prefeito Ari Carneiro Júnior.

De origem italiana e torcedor ferrenho do Juventus de Turim, Armando Antônio Marcos Sarti, mais conhecido como Armando Sarti, casado com Dona Ruth e morador do bairro Cidade Nova, ganhava a vida vendendo dormentes e lenha para a Rede Ferroviário e passou a observar um grupo de garotos que jogavam bola em um terreno baldio ao lado de sua residência e resolveu criar um time, que levaria o nome de Juventus.

Após passar por uma grande reforma, no ano de 2018, o módulo Esportivo passou a ser o Estádio Municipal Armando Sarti, de acordo com a Lei nº 4.550\18, de 11 de setembro de 2018, que elevou o status da praça esportiva, que desde então pode receber jogos oficiais e é onde o Futebol Clube do Porto, de Porto União, manda seus jogos no Campeonato Catarinense da Terceira Divisão de Profissionais.

Para ser considerado oficialmente um estádio, foi necessária fazer diversas melhorias na antiga estrutura, como reforma de banheiros e vestiários, construção de muros e portões dentro do padrão exigidos, pintar e adequar as arquibancadas com grades de proteção, corrimãos e numerações, ampliar as cabines de imprensa, instalar placas indicativas e adaptar calçamento e demais melhorias de acordo com as questões de acessibilidade, além de ter em dia todas as documentações e laudos de vistorias definidas pelos órgãos competentes, como Polícia Civil, Policia Militar, Corpo de Bombeiros, CREA/SC, entre outros.

²⁵ “LEI De Criação do Módulo Esportivo Armando Sarti. Denomina o Módulo Esportivo de Porto União, de “Módulo Esportivo Armando Sarti”. A Câmara de vereadores do município de Porto União, Estado de Santa Catarina aprovou e o Prefeito Municipal sancionou a seguinte Lei: Artigo 1º Fica denominado o nome do Módulo Esportivo de Porto União, de “Módulo Esportivo Armando Sarti; Artigo 2º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação; Artigo 3º Revogam-se as disposições em contrário. Edifício da prefeitura Municipal de Porto União – SC, 16 de dezembro de 1992. Dr. Ary Carneiro Júnior - Prefeito Municipal e Engenheiro Ricardo Dragoni - Diretor Administrativo” (FONTE: Wolff, 2014, p. 59).

Figura 31. Entrada dos vestiários do novo Estadio Armando Sarti.



Fonte: Acervo do Autor, 2022.

Figura 32. Arquibancadas do Estadio Armando Sarti, antigo Módulo Esportivo.



Fonte: Acervo do Autor, 2022.

4. A GEOGRAFIA URBANA E A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL NO PORTO UNIÃO DA VITÓRIA

“O conhecimento do Brasil passa pelo Futebol”
(José Lins do Rêgo, escritor brasileiro – 1901/1957)

Seguindo os passos de Veyne (1998), que nos diz que ao dirigirmos nossos olhares para o arcaico não conseguimos trazer a história em sua totalidade, mas apenas seus fragmentos, e assim vamos preenchendo as lacunas com auxílio das fontes históricas (livros, documentos, fotografias, depoimentos, entre outras), para que, consigamos resgatar parte da história do futebol amador do Porto União da Vitória, em especial as áreas que serviram de espaço para a prática futebolística.

Desde o século XVIII, expedições de exploradores e aventureiros, avançavam em direção ao Sul e ao oeste do que mais tarde se chamaria de Brasil, já que a maior parte deste território era pertencente à Coroa Espanhola. Além dos avanços por terra, essas caravanas também singravam os rios que cortavam a região, em busca de produtos de valor, sobretudo pedras e metais preciosos e dos nativos, os chamados de “negros da terra” para realizares os trabalhos braçais de maneira forçada.

Em uma dessas viagens, nas margens do Rio Iguaçu, Antônio Silveira Peixoto, funda um entreposto, no qual é batizado de Nossa Senhora das Vitórias, passagem que podemos observar em Lazier (1985, p. 08), quando diz que:

Por mandado do Sr. Affonso Botelho de S. Payo, aos 6 de dezembro de 1768, nós embarcamos em três canoas com 30 pessoas, para examinarmos e verificarmos se as notícias de sertanistas antigos, que por tradição deles se dizia ser navegável até o Rio da Prata, sem mais impedimentos que um grande salto, dificuldades que se vencia varando as canoas por terra, ou fazendo abaixo do salto outras; o prosseguindo nós a viagem achamos serem certas as notícias até o salto com os mesmos sinais e rios notados pelos antigos, até onde algumas partes achamos alguns vestígios deles, porém, do salto para baixo, e ainda a formalidade do mesmo salto os antigos não chegaram a conhecer, ou a notícia que dele se conserva era muito viciada ou muito mal entendida.

Sobre esta expedição, Döepfer (2004, p. 43), escreve que sob o comando do Tenente Domingos Lopes Cascaes, contava com trinta camaradas, todos voluntários, sem receber soldo algum, e se despendeu somente setenta e tantos mil réis com mantimentos, canoas, amas e munição. Esta mesma

aventura exploratória é narrada por Buch (2013, p. 47), que acrescenta que outras, organizadas também em terras que hoje pertencem à São Paulo, desbravaram a região, em busca de riquezas para a Coroa Portuguesa.

Durante o império surgiu a necessidade de um caminho que diminuísse a distância entre os campos de Palmas e Palmeira, conforme nos diz Rocha (2013, p. 53), fator que levou o tropeiro Pedro Siqueira Côrtes, observando caminhos utilizados pelos indígenas, “descobrir” uma parte do Rio Iguaçu que em algumas épocas do ano, permitia a passagem das tropas, encurtando em muito, o caminho com destino a feira de Sorocaba, em São Paulo. Oficialmente o “achamento” (palavra mais correta de se usar neste caso), se deu em 12 de abril de 1842.

E foi com este “vau”, que fez desenvolver o lugarejo em função das passagens das caravanas, como nos diz Silva (2006, p. 36), quando afirma que: “já havia um pequeno povoado com algumas famílias ocupando este chão, e que logo depois outros indivíduos chegaram para ficar”. As primeiras habitações e demais locais como a Igreja Matriz, cemitério, escola e casas para habitação, são localizadas na parte alta do lugar, denominada de “Alto da Glória”.

Seguindo a passagem acima narrada, Rocha (2013, p. 53) reafirma que: “União da Vitória e o Iguaçu se relacionam desde o início da formação da cidade, em 1842, quando os primeiros habitantes encontraram uma passagem rasa no rio para as tropas vindas dos campos de Palmas, em direção a Sorocaba”. E ainda lembra do mesmo rio como essencial para o desenvolvimento da cidade de diversos modos, como transporte, pesca, lazer, água para beber, geração de energia e outras utilidades.

Com as constantes passagens de tropas, a região foi ganhando seus primeiros moradores, que a partir da realidade local foram montando pequenos comércios, como bodegas, armazéns, ferrarias, entre outros estabelecimentos, que serviam de apoio ao pequeno lugarejo, que se transformou em palco de encontro de tropas que iam e vinham de São Paulo e que ali mantinham contatos. O lugar fora logo denominado de Porto da União, pertencente ao município de Palmas.

Este povoado é elevado à categoria de Vila, em abril de 1877, pela Lei nº 484, de abril do mesmo ano, ainda pertencente a Palmas, emancipando-se em 1890, por força do Decreto nº 54, de 27 de março, data que é comemorado

o aniversário de União da Vitória, tendo como primeiro interventor (prefeito), o Coronel Amazonas de Araújo Marcondes.

Mas afinal, o que seria uma cidade? Rolnik (1995, p. 7) nos diz que:

Fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza. Ela nasce com o processo de sedentarização e seu aparecimento delimita uma nova homem/natureza: para fixar-se em ponto para plantar é preciso garantir o domínio permanente de um território.

A autora segue afirmando que inerente à vida social e coletiva da cidade, está a organização política administrativa, assim como a vida religiosa do lugar, características que se mantém na contemporaneidade.

A cidade foi se expandindo nas margens do Rio Iguaçu e até se avançando em seu leito, pois onde ele faz a curva (conhecida como ferradura) é proveniente de área aterrada, local onde situa-se o Colégio Túlio de França e o bairro São Bernardo, não à toa que o outrora pujante estádio do bairro, ainda esteja em ruínas, pois, sua área é bem na margem do rio. O espaço já citado, na parte alta, foi cada vez mais ficando nas mãos dos pioneiros, a princípio e depois com os mais abastados, como ocorre até os dias atuais.

Mas a relação do lugar com o rio vem desde tempos imemoriais, com sua utilização pelos nativos, tendo seu auge com a navegação a vapor que transportou erva-mate e madeiras para fora da cidade e trouxe produtos de primeira necessidade, como tecidos, sal, querosene, entre outros. Essa atividade, iniciou-se segundo Silva (2006, p. 47), “Em 4 de fevereiro de 1883, na Vila de Rio Negro, província do Paraná. Era oficialmente inaugurada a navegação fluvial nos rios Negro e Iguassú (sic)”.

Silva (2006) nos diz que no ano de 1897, União da Vitória contava em sua área central, com 8 ruas e dois largos, dispostas da seguinte maneira:

Em sessão ordinária da Câmara Municipal, o presidente da mesma, Tenente Coronel José Cleto da Silva, propõem que se desse denominações às ruas existentes, assim como as que se acham em via de serem abertas, lembrando os seguintes nomes: Coronel Amazonas, Dr. Prudente de Moraes, Treze de Maio, 15 de Novembro, Marechal Barreto, São Sebastião, 7 de Setembro e Palmense; além dos Largos Prudente de Brito (Alto da Glória) e Cruzeiro. (SILVA, 2006, p. 79).

Figura 33. Porto União da Vitória entre 1860 e 1876.



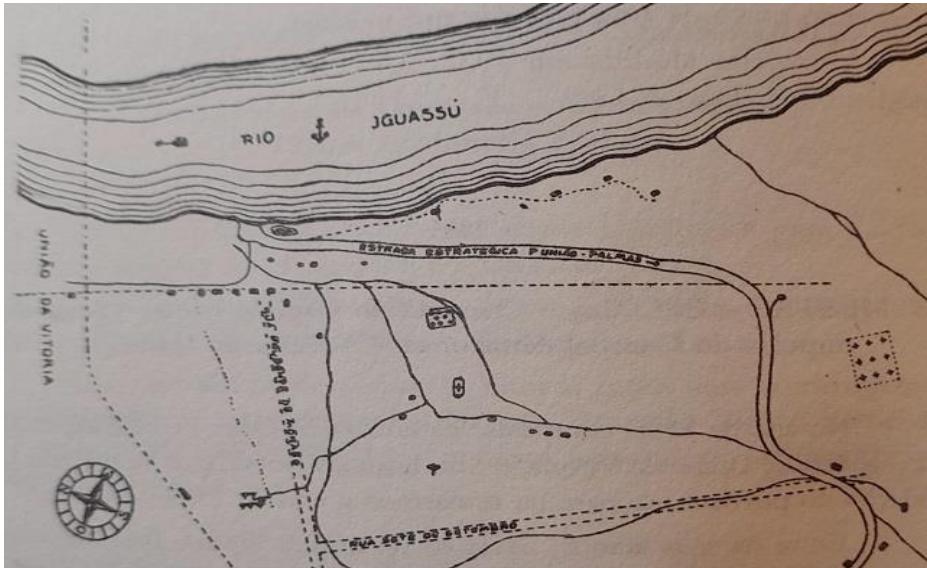
Fonte: Silva (2006, p. 39).

O autor segue narrando cronologicamente o desenvolvimento da cidade e a instalação de escolas, clubes sociais, armazéns e com maior destaque para a chegada do trem, um grande acontecimento local, no qual ele assim descreve: “Este ato foi extraordinariamente festejado, tendo vinda a Banda Musical de Ponta Grossa [...]. O Hotel à margem direita do Iguassu [sic] de propriedade do Capitão Sebastião Matoso, regorgitava de populares”. (Silva, 2006, p. 93).

A respeito das vias públicas, Silva aponta o crescimento da cidade, mostrando que as ruas e largos citados anteriormente, ainda existiam, com exceção da Marechal Barreto e São Sebastião, que não aparecem na segunda listagem, e a rua Palmense muda de nome para Palmas. Essa evolução pode ser notada na comparação das figuras 33 e 34, quando a primeira mostra um esboço da cidade entre os anos de 1860 e 1876, e a segunda, em um desenho de 1920, feito por João Tenius, retrata o mesmo lugar em 1885.

As novas vias agora apontadas são: Visconde de Nacar, Pedro II, Barão do Serro Azul, General Bormann, Santana, São Francisco, Iguassú (sic), Prado, Marechal Floriano, Teixeira Soares, Liberdade, Coronel Belarmino de Mendonça, Dr. Generoso Marques, Dr. Vicente Machado, Santos Dumont, 19 de dezembro, Travessa 1º de Março e os dois novos largos, Conselheiro Barradas e o Visconde de Guarapuava.

Figura 34. Desenho do Porto União da Vitória em 1885.



Fonte: Silva (2006, p. 50).

Outra intrínseca relação do Rio Iguaçu com as cidades, são as constantes cheias, que não raramente, assola a área central urbana e podem ser classificadas em duas categorias, conforme Rocha (2013, p. 44) nos diz da seguinte maneira:

Os danos causados pelas inundações podem ser classificados como tangíveis, que são referentes aos prejuízos físicos e financeiros, como perda de objetos, materiais armazenados, custos de emergência que se referem a evacuação, habitação provisória, entre outras, incluindo ai, custos financeiros de fechamento de comércio, interrupção de indústrias, enfim, está relacionado ao monetário, enquanto que os danos intangíveis não está associado a valor de mercado, ao dinheiro, tais como perda de vidas, prédios históricos, documentos, problemas de saúde, entre outros.

Desta forma, Rocha (2013, p. 17) aponta que a ocupação das planícies de inundações dos rios, seja pela população, seja por atividades industriais ou agrosilvopastoris, tornam essas bacias hidrográficas extremamente vulneráveis à ocorrência de inundações. Ideia seguida por Gonçalves (2010, p. 65), ao dizer que “sejam de cunho econômico quer de cunho social, em relação a qualquer parcela da superfície terrestre, resulta desse processo um novo arranjo, que altera significativamente a paisagem, conferindo-lhe uma nova fisionomia”. Estabelecendo nesse processo de apropriação da paisagem pelo homem, uma relação de conflito devido suas ações.

O Porto União da Vitória, conforme aponta Buch (2013, p. 14) foram erguidos às margens do Rio Iguaçu, na faixa de baixa declividade, sujeita as constantes cheias e prossegue:

Com o tempo, foi se eliminando a vegetação considerada um empecilho ao desenvolvimento, comprometendo o suporte marginal, favorecendo os desmoronamentos provocando o assoreamento e com isso maximizando os problemas. Os municípios lindeiros ao médio rio Iguaçu vem sendo atingidos periodicamente por inundações causadoras de graves impactos sociais e econômicos, ao longo das suas histórias, até os dias atuais. Foram trinta e quatro enchentes significativas que, atingiram mais de 7 metros ou mais na fluvimetria local no período de cem anos, com registros feitos por autores regionais a partir de 1891. (Buch, 2013, p. 14).

Diversos fatores, acelerados pelas ações do homem perante o lugar, foram responsáveis diretas pelo assoreamento da via fluvial, influenciando cada vez mais as enchentes, como principais motivos desta dinâmica, além de extinção das matas ciliares, está a extração (muitas vezes ilegal) de areia e a histórica exploração madeireira, conforme nos indica Riesemberg (1973) ao dizer que:

A exploração madeireira desmedida por muitas empresas estrangeiras que, por política de governo, recebiam concessão para exploração da madeira e instalação da infraestrutura para exportação, contribuiu para acelerar o processo para devastação da mata ciliar. Estas empresas recebiam concessões do Governo para prestações de serviços e, junto aos contratos, oficialmente gozavam privilégios, desde a época da monarquia.

Sendo assim, a diferença entre os preços dos terrenos leva em conta a localização, a infraestrutura que o cerca e os fatores naturais também, como encostas, morros e no nosso caso, o Rio Iguaçu e suas constantes cheias e esta lógica funciona até os dias atuais e implicará também nos espaços em que outrora abrigavam nossos campos para a prática futebolísticas.

Quando o futebol chegou ao Porto União da Vitória, no início da década de 1920, o esporte já estava consolidado no Brasil, com diversos campeonatos estaduais e regionais sendo disputados em diversas partes do país, organizado por ao menos uma centena de Ligas e Associações, que aglutinavam clubes e por este motivo, a cidade não sofreu influência direta dos ingleses, como aconteceu em outras localidades.

Em nossa terra foi bem discreta, pois o União Esporte Clube (e depois o Ferroviário Esporte Clube) fora fundado por trabalhadores da linha férrea, além do São Bernardo, Antártica e São Bento terem se originado do operariado das fábricas e o Juventus, assim como o Botafogo, terem sua gênese no Colégio São José, não de influência britânica, mas sim, dirigida por padres alemães, cujo muitos deles também lecionavam na instituição. Portanto, podemos afirmar que o esporte bretão chegou em nossa região por outro viés, possibilidade explicitada em Mascarenhas (2014, p. 52) quando diz que:

No caso do futebol, as localidades que não atraíam investimentos ingleses (ou que simplesmente não estavam na rota desses capitais) provavelmente mantiveram-se, de início, alheias àquela novidade esportiva. Entretanto, aquelas não eram as únicas formas de conexão com o “mundo civilizado”. Outras redes internacionais atuavam no território brasileiro, muitas vezes atingindo localidades remotas.

Dentre essas outras instituições citadas acima pelo autor, podemos dar destaque aos colégios, sobretudo, aqueles de orientação religiosa, que viam na prática esportiva, um meio de levar aos seus alunos, não só a formação física, como também o lado disciplinar, exigido na atividade desportiva mediada por um “juiz ou árbitro”. Exemplos dessas instituições escolares religiosas que utilizavam os esportes, principalmente o futebol com seus alunos, não nos faltam no Brasil, desde a segunda metade do século XIX, tendo exemplo maior, o tradicional Colégio São Luiz, em Itu, interior paulista.

Assim, Mascarenhas (2014, p. 40), citando o geógrafo Loïc Ravenel diz que ele apontou um trio básico de difusão do futebol assim definido: por transplante (ingleses vivendo em outros países criam clubes de futebol); por relação (contatos privilegiados de nacionais com ingleses permitem a inovação); e por imitação (quando nacionais aderem ao futebol após assistir a ingleses praticando-o seguidamente em praias, parques etc.).

Em todos os casos acima, notamos a participação inglesa direta ou indiretamente. O mesmo autor prossegue afirmando que: “quando o futebol inicia sua larga difusão planetária, encontra no Brasil um território fragmentado e com uma diminuta base urbana” (MASCARENHAS, 2014, p. 56) e este cenário, pode ser encontrado no Porto União da Vitória, então um pequeno vilarejo antes da chegada da ferrovia no início do século XX, alavancando a economia local, dando um novo status ao lugar. Já que Mascarenhas (2014, p. 143), afirma que:

“Como geógrafos, insistimos que a difusão e a estruturação do futebol, em cada país, obedecem aos condicionantes da configuração e da dinâmica do território”.

No nosso caso, podemos tranquilamente substituir “em cada país”, para a realidade de um Brasil continental, aplicar o termo “cada cidade”.

Como nosso assunto principal são os espaços para a prática futebolística, vamos discorrer sobre ele, mas afinal, o que é um estádio de futebol? Mascarenhas (2014, p. 161) assim define:

Geograficamente, um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano-metropolitano. No plano operacional urbanístico, funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande afluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (para garantir segurança e acessibilidade) e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. Apesar de tal periodicidade, que condena ao silêncio, e ao desperdício de recursos, na maior parte do tempo, a imensa estrutura de concreto, do ponto de vista político e simbólico, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural. (MASCARENHAS, 2014, p. 161).

Os primeiros estádios do Brasil foram edificados em áreas nobres das cidades e tinham porte pequeno, pois além de ser um investimento muito alto, dado que a assistência das partidas, assim como sua frequência não era volumosa, tinham apenas uma pequena arquibancada em uma das laterais do campo, mas foram suficientes para difundir o futebol e modificar a paisagem.

O primeiro grande espaço para a prática esportiva foi o Velódromo Paulista, conforme nos mostra Gambeta (2015), era dotado também de quadras de tênis, inaugurado em 1896 e construído pela família Prado, que antes ainda já havia levantado o Velódromo da Mooca, de pequeno porte e exclusivo para corridas de bicicletas, onde existiam apostas em quem venceriam as corridas, da mesma maneira em que se faziam com os cavalos nos hipódromos.

Quando o espaço foi fechado em 1900, o Clube Paulistano assumiu o lugar e formou também seu time de futebol e aproveitando que o Velódromo já tinha espaço para assistência, esse é considerado o primeiro estádio do Brasil.

A Companhia Antárctica, fabricante de cerveja, que como já foi falado anteriormente, apoiava seus funcionários a jogarem futebol (em União da Vitória não foi diferente), cedeu parte de um terreno em seu parque industrial, para que

seus atletas tivessem um local para seus jogos e sobre ele, Mascarenhas (2014, p. 108) discorre da seguinte forma:

Já em 1902, a Companhia Antarctica, que acolhia partidas de futebol em seu parque destinado ao lazer dos funcionários, será o palco dos jogos do primeiro Campeonato Paulista de Futebol, resultando, a seguir, na edificação do Estádio Parque Antárctica, provavelmente o primeiro estádio de futebol na história do Brasil.

A diferença entre as duas praças esportivas, ambas documentalmente utilizadas no primeiro Campeonato Paulista é que o Velódromo embora mais antigo, fora construído para outro fim, o Parque Antárctica foi pensado para o futebol, embora ainda acanhado, sediou, segundo Galuppo; Oliveira Filho (2016), a primeira partida oficial do Campeonato Paulista, entre Germânia x Mackenzie, (2 a 1 para o clube “alemão”, então arrendatário do campo), realizada no dia 03 de maio de 1902.

Em 1917, o Palestra Itália, time formado pela colônia italiana em São Paulo (que mudaria de nome para Palmeiras, em 1942), arrendou o estádio o estádio e dois anos depois, com a ajuda de torcedores, associados e principalmente da tradicional família Matarazzo comprou definitivamente o local, conforme conta Galuppo; Oliveira Filho (2016, p. 76), o Parque Antárctica foi ampliado e reinaugurado em 13 de agosto de 1933, com a vitória dos donos da casa contra o Bangu, do Rio de Janeiro, por 6 a 0, em partida válida pelo Torneio Rio-São Paulo daquele ano. A configuração do estádio permaneceu até 2010, quando foi demolido e em seu lugar, construído a Arena Alianz Park, concluída em 2014.

A sequência de construções de estádios no Brasil seguiria em ritmo acelerado pelas décadas seguintes e conforme afirma Mascarenhas (2014, p. 168), “O apogeu do ciclo construtivo, sem dúvida, ocorreu entre 1970 e 1978, situado entre o auge e o início do declínio do regime militar no Brasil”, retomado em algumas capitais, por ocasião da Copa do Mundo de Futebol de 2014, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), realizada no Brasil pela segunda vez, a primeira foi em 1950, quando foi erguido o Maracanã, com capacidade para 200 mil pessoas, sendo o maior do mundo por décadas.

Trazendo este debate de construção de praças esportivas para a área de abrangência deste estudo, lembramos o que nos fala Horn; Germinari (2010,

p. 118) ao escreverem que: “A história local é entendida aqui como aquela que desenvolve análise de pequenos e médios municípios, ou de áreas geográficas não limitadas e não muito extensas”, corroborada por Revel (1998), de que: “O local é recorte eleito, centrado na micro escola, ou seja, é outra maneira de se perceber a história e assim construir novos conhecimentos”.

Como já falado anteriormente, o pioneiro União ganhou da prefeitura um terreno para nele fazer seu campo, que somente vai tornar-se estádio de fato, nos anos de 1970, quando a vizinha Porto União, se despedia do estádio Mário Guedes e os ferroviários já haviam erguido o Enéas de Queiroz. Graças a seu mecenas, Bernardo Stamm, o São Bernardo também contou com uma boa praça esportiva, arrastada pela grande enchente de 1983. Os outros clubes locais mantiveram apenas campos onde sediaram seus jogos, muitas vezes de forma itinerante, como o Antárctica, São Cristóvão, CAPU, Tupi (depois, Botafogo), com exceção dos campos situados dentro do quartel do 5º Batalhão e o do Colégio São José, existentes até os dias atuais, porém servindo apenas para competições internas das instituições a qual pertencem.

Já os clubes de outros municípios, somente o Porto Vitória manteve o que podemos chamar de campo, já que nunca teve a pretensão de receber jogos oficiais, atendendo apenas sua comunidade, ao contrário do União Olímpico e do Sãomateuense, que mantiverem seus estádios, embora o de São Mateus do Sul tenha se deteriorado com o tempo e o espaço ter sido entregue ao município, que recentemente construiu um novo em seu lugar.

Podemos notar, que muitos dos clubes existentes, tiveram forte ligação com seu bairro, ou com a empresa na qual eram ligados, como o São Bernardo ou o Ferroviário, para ficar somente nos exemplos mais famosos, mostrando a forte ligação entre o lugar com seus moradores, jogadores e torcedores, não só na vida esportiva, como na vida cotidiana, conforme Mayol (1996, p. 39), nos diz que: “Os bairros interferem, condicionam e ajudam a produzir um estilo de vida (...) os clubes esportivos ocuparam lugar de destaque dentro deles, criando identidade e sentimento de pertencimento que nos remete a lugares referência”. Ideias fortemente corroborada por Santos Júnior (2014, p. 164), quando afirma que:

O processo de desenvolvimento de uma identidade local seria uma combinação de observações, isto é, o contato direto com o local. Dessa

forma a região seria um centro de significações insubstituíveis para a formação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade.

Desde seus primórdios, a cidade buscou à sua maneira, a organização do seu território nas margens do Rio Iguaçu e ali fincou suas raízes, tendo os habitantes locais em suas mãos, a ordenação espacial e política do município, uma pequena parcela dessa população, ou seja, as elites, decidindo o destino e os rumos a serem tomados pelo novo município, enquanto a maior parcela desses moradores, viviam e participavam da vida urbana do lugar, mesmo na condição de apenas obedecer as regras vigentes, conforme compara Rolnik (1995, p. 40) ao dizer sobre a urbe, que: “É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ódio Eterno no Futebol Moderno”
(Faixa estendida em dias de jogos do Juventus, na Rua Javari)

Através destas páginas foi possível mostrar mais um pouco da rica e centenária história do futebol amador do Porto União da Vitória, contada em algumas obras anteriores, porém, pela primeira vez tendo como protagonista os espaços urbanos que serviram para a prática futebolística.

Fizemos de maneira resumida, a trajetória do jogo de bola desde seu surgimento na China antiga, como forma de treinamento dos exércitos imperiais e sua expansão para outros lugares, levados pelos comerciantes da Rota da Seda, principalmente para a Grécia e Roma, além do vizinho Japão, assim, foi se espalhando mundo afora, ganhando novas nomenclaturas e diferentes adaptações, inclusive no que chamamos convencionalmente de América Pré-colombiana, ou seja, nosso continente antes da chegada do invasor. A prática perdurou por toda a Idade Média e Moderna, até chegar aos tempos atuais, na qual foi sistematizada na Inglaterra em meados do século XIX, quando originou dois esportes distintos, porém com a mesma origem e disputados em diversas partes do mundo, o futebol e o Rúgbi.

Observamos a controversa chegada do esporte em terras brasileiras, assim como seu aparecimento no Colégio Paranaense, como forma de fazerem seus alunos a praticarem um novo esporte, que foi se difundindo, graças a estrangeiros que já conheciam a prática em suas terras e foram formando diversos outros times, e diferentes partes do estado, abrindo espaço para confrontos intermunicipais e campeonatos locais. Embora mais tarde, quando o futebol já estava se consolidando no país, o Porto União da Vitória começa a receber suas primeiras equipes e a organizar seus campeonatos.

Apontamos aqui, as Ligas responsáveis pela organização dos campeonatos, seus clubes e suas praças esportivas, principal motivo deste trabalho desde seu início, focando nesses espaços no tempo atual, os que ainda resistem, os que foram desativados pelos mais diferentes motivos e o que foi erguido no lugar desses palcos de antigamente.

Terminamos a presente pesquisa com a explanando da formação espacial urbana do Porto da União da Vitória em torno do Rio Iguaçu, suas cheias e a importância para a formação das cidades e a disposição espacial de ocupação, primeiramente na parte mais elevada, conhecida como “Alto da Glória” e depois na parte mais baixa, que sempre este sujeita a enchentes, mas que ali se fincou as primeiras residências e industrias, que foram sendo ao longo do tempo expandidas por toda a região central e para as áreas adjacentes, conforme o crescimento do lugar.

Em momento algum, este trabalho foi pensado como completo ou concluído, pois a vida é dinâmica e as paisagens mudam de acordo com o tempo e as ações humanas, sobretudo aqueles que detém o poder, portando, além de poder ser subsídio para pesquisas futuras, esta investigação pretende ser retomada com uma periodicidade máxima de cinco anos, para a inclusão de novas informações que possam aparecer e a análise de como estão os lugares usados pelo futebol, aqui apontados, com o avançar dos anos, pois nunca é um ponto final e sim um novo recomeço.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Faperj / Mauad, 2002.

BACH, Arnoldo Monteiro. **Trens**. Ponta Grossa: Edição do autor, 2008.

BUCH, Helena Edilamar Ribeiro. **Matas Ciliares**: Modificações da Paisagem da Área Lindeira do Médio Iguaçu – Subsídios para educação ambiental. União da Vitória: 2013.

BUCHMANN, Ernani. **Quando o Futebol Andava de Trem**: Memória dos times ferroviários brasileiros. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002. Coleção Brasil Diferente.

CARNEIRO NETO, Antônio Carlos. **O Voo Certo: A História do Paraná Clube**. Curitiba: Clichepar, 1996.

CLUBE ATLÉTICO UNIÃO OLÍMPICO. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100063863897469&sk=sports> Acessado em: 17/05/2023.

DÖEPFER, Raul Ferreira. **Rio Iguaçu e o último apito**. Curitiba: Torre de Papel, 2004.

DUARTE, Marcelo (supervisão editorial); VALENTINE, Danilo (edição); BORBA, Alex (artes). **Enciclopédia do Futebol Brasileiro**. v. 1. Rio de Janeiro: Lance e Arete, 2001.

_____. **Enciclopédia do Futebol Brasileiro**. v. 2. Rio de Janeiro: Lance e Arete, 2001.

FREITAS, Armando; VIEIRA, Sílvia. **O Que é futebol**: Histórias. Regras. Curiosidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006.

GALUPPO, Fernando Razzo; OLIVEIRA FILHO, José Ezequiel de. **Parque dos sonhos**. Jundiaí: In House, 2016.

GAMBETA, Wilson. **A Bola Rolou: O Velódromo Paulista e os Espetáculos de Futebol 1895 a 1916**. São Paulo: Sesi, 2015.

GONÇALVES, Gilberto Luís. Uma Reflexão Diferenciada sobre uma parcela das áreas ribeirinhas da Bacia do Hidrográfica do Iguaçu. *in* BUCH, Helena Edilamar Ribeiro. **Percepções Geográficas Regionais: Sociedade, Natureza e Ensino**. União da Vitória: Gohl Graf, 2010. Coleção Vale do Iguaçu v. 92.

HORN, G. B.; GERMINARI, G. D. **Ensino de história e seu currículo**: teoria e método. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

KOWALSKI, Rodolfo Luiz. Primeira partida de futebol no Paraná completa 108 anos. **Bem Paraná**, 24 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/esportes/coritiba/primeira-partida-de-futebol-no-parana-completa-108-anos/> Acessado em: 03/04/2023.

LAZIER, Hermógenes. **Origem de Porto União da Vitória**. Porto União: Uniporto, 1985.

MACHADO, Heriberto Ivan; CHRESTENZEN, Levi Mulford. **Futebol Paranaense: 100 Anos de História**. Curitiba: Edição do Autor, 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

MAYOL, Pierre *in* CERTEAU, Michael de. **A Invenção do Cotidiano 2**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MELO JÚNIOR, Cordovan Frederico de. **Porto União da Vitória: Um Rio em minha vida**. União da Vitória: FACE, 2001.

MILLS, John. **Charles Miller: O Pai do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

MOLINARI, Carlos. **A História das Copas**. Rio de Janeiro: Litteris, 1998.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla; BURDA, Naomi Anae. **Atlas eletrônico do antigo complexo ferroviário/hidroviário do Paraná tradicional: Patrimônio Cultural, educação, turismo e gestão**. 2017. Disponível em: <https://atlasparanatradicional.wordpress.com/hidrovia/porto-vitoria/> Acessado em: 10/05/2023.

MUGGIATI SOBRINHO, José; ZANELLO, Ézio. **Paraná Esportivo**. Ano XIII, Curitiba, quarta-feira, 18 de maio de 1960.

O COMÉRCIO Edição nº 348. **O C.A. Ferroviário de Curitiba em nossas cidades**. Porto União. 26 de julho de 1953.

O COMÉRCIO Edição nº 65. **A Nova Sede Social do Ferroviário F. C.** Porto União. 10 de setembro de 1949

O COMÉRCIO Edição nº 844. **Jubileu do Ferroviário E. C.** Porto União. 19 de abril de 1964.

O COMÉRCIO Edição nº 907. **Anúncio da presença do Apucarana F.C. em União da Vitória**. Porto União. 23 de setembro de 1965.

O COMÉRCIO. **Ferroviário Esporte Clube: Homenageado o campeão invicto de 1949**. Porto União. 18 de março de 1950.

OGIONE HEY. Adelaide Refina. **Nossos Prefeitos: Prefeitos de Porto União (1917-1997)**. Porto União: Uniporto, 1997.

PARDO, Aristides Leo. **Futebol Campista: 100 anos de glórias e histórias (1910-2010)**. União da Vitória: KRK Editorial, 2018. ISBN: 978-65-993782-0-1

_____. **Ferroviário Esporte Clube: Nos trilhos da bola, nos trilhos da História**. São Paulo: Ixtlan, 2014.

_____. **Fragmentos da História: Uma Constante Construção**. União da Vitória: KRK Editorial, 2021. ISBN: 978-65-993782-2-5

RIBEIRO JÚNIOR, José Caçao. **Futebol Ponta-Grossense: Recortes da História**. Ponta Grossa: UEPG, 2004. ISBN: 85-86941-34-4

RIESEMBERG, Alvir. **A Nau de São Sebastião**. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etimológico Paranaense, 1973. Estante Paranista nº 6

ROCHA, Paulo Sérgio Meira. **Gestão Ambiental**: Gestão em Áreas de risco de Enchentes – um estudo de caso para União da Vitória. União da Vitória: FAIUV, 2013.

ROLNIK, Raquel. **O Que é Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. Coleção Primeiros Passos nº 203.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge. **A Construção do Sentimento Local: O Futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do Jogo. Primórdios do Futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SANTOS, Edson. **Show de Bola: A História do Futebol em Joinville e Santa Catarina**. Joinville: Univille, 2004.

SILVA, Cleto da. **Apontamentos Históricos de União da Vitória 1768-1933**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

SILVA, Jair da (Craque Kiko). **Balão de Couro: Prélrios de uma época memorável**. Porto União da Vitória: Kaygangue, 2022.

_____. **Bola de Capotão**: Craques de Porto União da Vitória, a história não os esquecerá. Porto União da Vitória: Kaygangue, 2019.

_____. **Da caserna para ser o orgulho de um povo**: O Rugir da Pantera azul dourada. União da Vitória: UNIUV, 2020.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História e Foucault Revoluciona a História**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), 1998.

VOITC, Guilherme. O Futebol no trilho do trem. **Gazeta do Povo**. Curitiba 03/01/2009. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=843476&tit=O-futebol-no-trilho-do-trem>. Acessado em 13-12-2012

WOLFF, Therezinha Leony. **Pegadas Amigas**. Porto União: Kaygangue, 2006.

_____. **Juventus Esporte Clube: 72 Anos depois**. Porto União: Kaygangue, 2014.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

BANDA B. **Estádio do Iguaçu, Antiocho Pereira fica alagado pela enchente em União da Vitória**. Curitiba, 2023 Disponível em: <https://www.bandab.com.br/esporte/futebol/estadio-iguacu-alagado-enchente/> Acessado em: 25/12/2023.

BORTOLINI NETO, Pe Emílio. **Onze por todos, todos por onze**. União da Vitória: Uniuv, 2018.

CLETO DA SILVA, José Júlio. **Apontamentos Históricos de União da Vitória (1768-1933)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006. 2ª Edição.

CRI - CHINA RADIO INTERNATIONAL. **China é o berço do futebol**. 26/06/2004. Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/1/2004/07/26/1>. Acessado em: 12/09/2014.

DELFINO, Ângelo Luiz de Col. **Imortal Operário Ferroviário: as histórias do Fantasma de Vilas Oficinas**. Pornta Grossa: Estratedium, 2012.

ELLIS, Myrian. et al. **Brasil Monárquico**: Declínio e Queda do Império. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. História Geral da Civilização Brasileira. v. 4.

FARIAS, Diogo. **Cuju: o futebol surgiu na china?** Quarta-feira, 7 de julho de 2014.

FERREIRA, Moira de Cássia. **Associação Atlética Iguaçu: Um estudo da sua história administrativa**. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de especialista no Curso de Educação Física. União da Vitória: Uniuv, 2011.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. São Paulo: Mauad, 2003.

FOER, Franklin Foer. **Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses**: Futebol, Sociedade, Cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GASPARI, Leni Trentin. **No Tempo dos Trens nas “Gêmeas do Iguaçu”**: Uma viagem ao passado. União da Vitória: FAFI, 2008

GEBRIM, Alfredo. Iguaçu: Do Outro lado do rio. **Revista Placar nº 926**. Rio de Janeiro: Editora Abril, 04 de março de 1988.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

IVAN, Milton. A Bola como bandeira. **Revista Placar nº 366**. Rio de Janeiro: Editora Abril, 29 de abril de 1977.

LOVE, Joseph. O Rio Grande do Sul como fator de instabilidade na República Velha. In: CARDOSO, Fernando Henrique. **O Brasil Republicano**: Estrutura de poder e economia (1889-1930). 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. História Geral da Civilização Brasileira. v. 8.

MAURO, Frédéric. **O Brasil no Tempo de Dom Pedro II**: 1831-1889. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1991.

O COMÉRCIO. Edição Especial: **A.A. Iguaçu - Década de 1970**. União da Vitória: Jornal O Comércio, Terça-Feira, 09 de agosto de 2011.

O COMÉRCIO. Edição Especial: **A.A. Iguaçu - Década de 1980**. União da Vitória: Jornal O Comércio, Terça-Feira, 16 de agosto de 2011.

O COMÉRCIO. Edição Especial: **A.A. Iguaçu - Década de 1990**. União da Vitória: Jornal O Comércio, Terça-Feira, 23 de agosto de 2011.

O COMÉRCIO. Edição Especial: **A.A. Iguaçu - Década de 2000**. União da Vitória: Jornal O Comércio, Terça-Feira, 30 de agosto de 2011.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RAMOS, Roberto. **Futebol**: Ideologia do Poder. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

TENÓRIO, Douglas Apprato. **Capitalismo e Ferrovias no Brasil**. Curitiba: HD Livros, 1996.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: O Futebol e o Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

WITIUK, Aluízio. Futebol de União da Vitória é campeão paranaense. **Revista da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI)**. N. 1 (2000/2008). União da Vitória: Academia de Letras do Vale do Iguaçu. 2008.

SITES

ALESC/COORDENADORIA DE DOCUMENTAÇÃO. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-15377-2010-santa-catarina-declara-de-utilidade-publica-o-futebol-clube-do-porto-do-municipio-de-porto-uniao>. Acessado em: 26/05/2023.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA IGUAÇU. Site Oficial Disponível em: <http://aaiquacu.com/> Acessado em 12/03/2023.

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL. Disponível em: www.federacaopr.com.br/ Acessado em 12/03/2023.